



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA E CULTURAS - MAHIS**

FRANCISCA WILLIANE BARROS DA SILVA

**HÁBITOS E PRÁTICAS DE CONSUMO REPRESENTADOS PELAS
BODEGAS NO SERTÃO QUIXADAENSE (1960-1980)**

**FORTALEZA-CEARÁ
2013**

FRANCISCA WILLIANE BARROS DA SILVA

HÁBITOS E PRÁTICAS DE CONSUMO REPRESENTADOS PELAS BODEGAS NO SERTÃO
QUIXADAENSE (1960-1980)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História, do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Ferreira da Silva

Fortaleza- Ceará
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho
Bibliotecário(a) Responsável – Giordana Nascimento de Freitas CRB-3 / 1070

S586h Silva, Francisca Williane Barros da
 Hábitos e práticas de consumo representados pelas bodegas no sertão
 quixadense (1960-1980) / Francisca Williane Barros da Silva. — 2013.
 CD-ROM. 145 f. : il. (algumas color); 4 ¾ pol.

 “CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico,
 acondicionado em caixa de DVD Slin (19 x 14 cm x 7 mm)”.

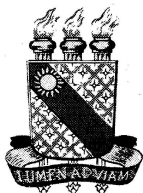
 Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de
 Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico em História e Culturas,
 Fortaleza, 2013.

 Orientação: Prof. Dr. Marco Aurélio Ferreira da Silva.

 Área de concentração: Práticas urbanas.

 1. Hábitos. 2. Consumo. 3. Bodega. 4. Quixadá (CE). I. Título.

CDD: 981.31



Universidade Estadual do Ceará -UECE
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA
Criado pela resolução N° 520 do CONSU - UECE de 31 de maio de 2005

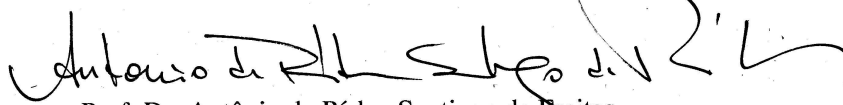


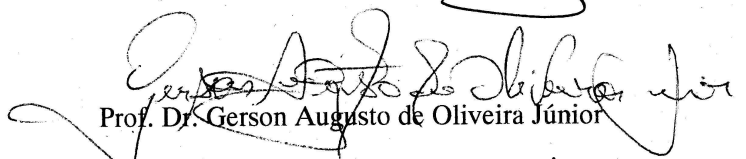
ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA ALUNA FRANCISCA WILLIANE BARROS DA SILVA

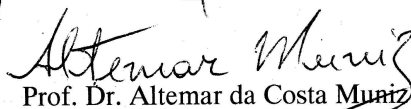
Às 15h00min do dia 26 (vinte e seis) de setembro de 2013 (dois mil e treze), no Curso de Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará, a Comissão Examinadora da dissertação, para obtenção de grau de Mestre apresentada pela aluna **Francisca Williane Barros da Silva**, intitulada **“HÁBITOS E PRÁTICAS DE CONSUMO REPRESENTADOS PELAS BODEGAS NO SERTÃO QUIXADAENSE (1960-1980)”**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder a mesma o conceito **“APROVADA”** em resultado à atribuição dos conceitos dos(as) professores(as) doutores(as): Marco Aurélio Ferreira da Silva (Orientador - UECE), Antônio de Pádua Santiago de Freitas (UECE), e Gerson Augusto de Oliveira Júnior (UECE). Assinam também a presente ata, o Coordenador Prof. Dr. Altemar da Costa Muniz e o secretário Adauto Rufino de Lima Neto, para devidos efeitos legais.

Fortaleza, 26 de setembro de 2013.


Prof. Dr. Marco Aurélio Ferreira da Silva


Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago de Freitas


Prof. Dr. Gerson Augusto de Oliveira Júnior


Prof. Dr. Altemar da Costa Muniz


Adauto Rufino de Lima Neto

FRANCISCA WILLIANE BARROS DA SILVA

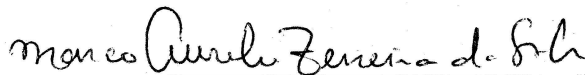
**“HÁBITOS E PRÁTICAS DE CONSUMO REPRESENTADOS PELAS BODEGAS
NO SERTÃO QUIXADAENSE (1960-1980)”**

Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Acadêmico em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em História.

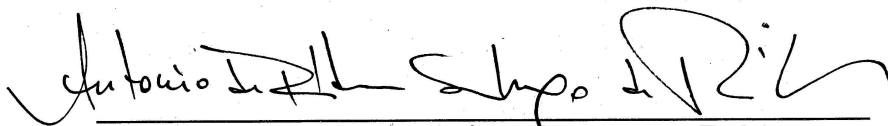
Área de Concentração: História e Culturas

Aprovada em: 26 / 09 / 2013.

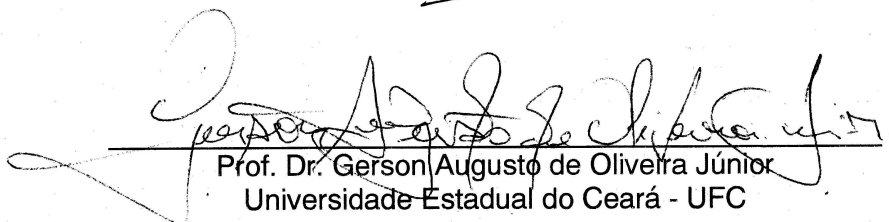
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Marco Aurélio Ferreira da Silva
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago de Freitas
Universidade Estadual do Ceará - UECE



Prof. Dr. Gerson Augusto de Oliveira Júnior
Universidade Estadual do Ceará - UFC

Dedico a meu esposo Ricardo Renan Landim de
Carvalho e minha filha Isadora Barros Landim, pela
família que iniciamos no decorrer dessa jornada...

AGRADECIMENTOS

A construção desse trabalho representou um dos maiores desafios já enfrentados por mim do ponto de vista acadêmico. No percurso, pude perceber o quanto somos limitados intelectualmente e emocionalmente em face das encruzilhadas teóricas somadas a questões de cunho pessoal as quais me confrontei.

Por outro lado, também obtive a oportunidade de me redescobrir como pesquisadora e ser humano. E a forma com que fui abraçada por colegas, amigos e familiares foi decisiva para o desfecho dessa jornada.

Ademais, por considerar este trabalho uma conquista coletiva, dedico-o as pessoas que direta ou indiretamente me auxiliaram e incentivaram a seguir firme nessa trajetória.

Meu Orientador: Professor Doutor Marco Aurélio Ferreira da Silva, que com paciência e compreensão me conduziu com orientações fundamentais para o andamento da pesquisa, bem como pela generosidade e carinho com que me recebeu como aluna orientanda;

Meus pais: Maria de Fátima da Silva Barros e Francisco Willam de Sousa Silva, pelo apoio incondicional;

Meus irmãos: Manoel Pereira Barros Neto e Vitória Fayna da Silva Barros, que foram a razão do início da minha caminhada acadêmica;

Meu esposo: Ricardo Renan Landim de Carvalho pelo incentivo e parceria diária;

Aos queridos professores da Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC: Manoel Carlos Fonseca de Alencar, Noélia Alves de Sousa, Isaíde Bandeira da Silva, Altamar da Costa Miniz, Douglas Damaso dos Santos, Edmilson Alves Maia, Sander Cruz Castelo, Marcos José Diniz da Silva, Tyrone Apollo, Manoel Alves de Sousa, Marco Aurélio Ferreira da Silva e Edilberto Reis, que além de grandes Mestres foram importantes incentivadores dessa jornada;

Meu agradecimento especial ao Professor Doutor Sander Cruz Castelo, pela disponibilidade em participar como leitor externo do meu projeto de pesquisa na disciplina de Metodologia da Pesquisa I e pela generosidade em compartilhar comigo documentos de seu acervo pessoal;

Aos professores do Mestrado Acadêmico de História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará-MAHIS: Marco Aurélio Ferreira da Silva, Antonio de Pádua Santiago de Freitas, Gerson Augusto de Oliveira Júnior, Altamar da Costa Muniz, Gleudson Passos Cardoso, Silvia Márcia Siqueira, Erick Assis de Araújo, João Rameres Regis, Zilda Maria Meneses, pela qualidade das disciplinas ministradas pelos mesmos.

A banca examinadora: Professor Doutor Antonio de Pádua Santiago de Freitas e

Professor Doutor Gerson Augusto de Oliveira Júnior pelas relevantes contribuições a este trabalho na qualificação, bem como pela disponibilidade em participar desse momento final;

Aos colegas do Mestrado da turma de 2011: Ana Cláudia Anibal, Mayara Lemos, Vanessa Sousa, Ariane Bastos, Roberta Maia, Bruna Demes, Amanda Costa, Renato Rios, Getúlio Cavalcante, Wendell Guedes, Janilson Rodrigues, Pelas trocas de experiências e amizade construída ao longo desse percurso;

A minha Professora e amiga Isaíde Bandeira da Silva: Pelo carinho com que me acolheu como hospede em sua residência no período de vigência das disciplinas;

A meus entrevistados e colaboradores da pesquisa: sem os quais esta pesquisa não teria sido possível;

E por fim a FUNCAP: pelo apoio financeiro.

Ofereço a todos minha gratidão e carinho!

Às vezes, no rústico balcão de velha tábua
enegrecida o tempo parava...

Às vezes, o vento passava e o papel de embrulho
acenava convidando o cliente a absorver o aroma
pungente de couro curtido que se irradiava no ar...

Só a velha balança parada com os pratos vazios
ponderava o que havia de sabor no denso langor de
algo invisível a indicar que a tarde se dissipava
pesarosa a chorar...

E quando vinha freguês Antônio, maria ou João de
caderneta na mão fiava o açúcar, a farinha, num
embrulho feito com arte com dedos magros da mão
de um bodegueiro artesão!

Bodega
Raimundo Cândido Teixeira Filho¹

¹Professor e poeta da cidade de Crateús – Ceará. Dois livros de poesias publicado: Karatis e raízes do poema teorema para nos tanger e outras esquisitices ao quadrado. Site: <http://academiadeletrasdecrateus.blogspot.com/>

RESUMO

Neste trabalho, adoto como objeto de pesquisa as práticas de consumo das bodegas situadas na cidade de Quixadá – CE na segunda metade do século XX. A problemática nasceu do interesse em analisar e discutir diversos aspectos do cotidiano daquela sociedade partindo do cenário das bodegas, tendo em vista a função social e econômica exercidas por tais estabelecimentos, bem como sua legitimidade enquanto espaço de sociabilidades no período citado. Por tudo isso, proponho compreender o diálogo entre estas e o crescimento urbano da cidade do ponto de vista do cotidiano, identificando os hábitos implícitos nas técnicas de compra e venda, organização do espaço físico, relações e práticas sociais, e o que isto pode nos informar sobre um modo de pensar, ver e agir dos usuários bodegueiros da cidade. Pela natureza do objeto da pesquisa, as perspectivas teóricas que balizam esta análise compreende alguns conceitos desenvolvidos pelas ciências História, Sociologia e Filosofia. As fontes utilizadas na elucidação das questões levantadas se dividem nas categorias orais, entrevistas com bodegueiros e fregueses, e escrita, dentre documentos da municipalidade que compreende as Atas da Câmara Municipal. Em suma, a finalidade da pesquisa consiste em poder contribuir para a historiografia local, preocupada em coletar dados e informar sobre o processo de formação cultural, social e espacial das cidades cearenses, nesse caso específico o Sertão Central, Quixadá (CE), e as condutas socioculturais que dão mobilidade as ações manifestadas pelos agentes urbanos.

Palavras chave: Hábitos. Consumo. Bodega. Quixadá (CE)

ABSTRACT

In this work , we adopted as the research object consumption practices of groceries located in the city of Quixadá-Ceará in the second half of the twentieth century. The problem was born of the interest in analyzing and discussing various aspects of everyday life that society starting from the scenario of groceries, in view of the economic and social function exercised by such establishments, as well as its legitimacy as an area of sociability in the period quoted. For all this, we propose to understand the dialogue between them and the urban growth city from the standpoint of daily life, identifying the habits implicit in the techniques of buying and selling, organization of physical space, social relations and practices, and that this may in inform about a way of thinking, seeing and acting of groceries users city. By the nature the object of the research, one theoretical perspectives that guide this analysis includes some concepts developed by science history, sociology and philosophy. The sources used in the elucidation of the issues raised are divide in oral classes, interviews with grocers and customers , and writing , among which documents of the municipality that comprises the Proceedings of the City Council. In short, the purpose of this research is to contribute to the local historiography concerned with collect data and report on the process of cultural, social and spatial formation of cities in Ceará, in this particular case the central hinterland, Quixadá, and sociocultural behaviors that give mobility manifested by urban customs agents .

Keywords : Habits . Consumption. Grocery. Quixadá (CE)

LISTA DE TABELAS

TABELA I- Mapa do setor industrial e comercial da cidade de Quixadá na década de 1960.....	115
TABELA II- Produção de Algodão no Nordeste por estado no ano de 1971.....	117
TABELA III- Produção do algodão por micro-região no ano de 1971.....	117
TABELA IV- População urbana e rural do Município de Quixadá no período de 1950 a 1970.....	121

LISTA DE FIGURAS

Figura I: Cotidiano das bodegas de Ipu.....	49
Figura II: Bodega de Miguel Félix, Crato- CE.....	55
Figura III: Bodega de Seu Joquinha.....	56
Figura IV: Edilberto José Meneses Lobo, filho de Seu Joquinha, mantém o pequeno comércio do pai.....	56
Figura V: Brejo Santo-CE, Chico Sinésio	58
Figura VI: Bodega Caldeira do Inferno - Brejo Santo – CE.....	58
Figura VII: Bardega do Didi, Tiangua-CE.....	59
Figura VIII: Bodega casa Zé ponciano - Aracati – CE.....	62
Figura IX: Casa Zé ponciano – Aracati-CE.....	63
Figura X: Bodega Casa Ponciano-Aracati-CE.....	63
Figura XI: Senhor Airton Cândido.....	64
Figura XII: Senhor Francisco ferreira De Assis (Bodorô).....	65

SUMÁRIO

Introdução.....	14
Capítulo 1- As velhas bodegas: desvendando o campo da pesquisa.....	28
1.1- Um espaço, um lugar, um cenário.....	39
1.2- As pequenas notáveis do interior cearense.....	47
Capítulo 2 – O varejo sobre perspectiva:	67
2.1- A bodega e a Lei no sertão quixadaense.....	69
2.2-Bodegas e bodegueiros.....	73
2.3- Um empreendimento familiar.....	81
2.4- As sociabilidades entorno do balcão.....	85
2.5- O abastecimento.....	93
2.6- As bodegas e seus fregueses.....	95
2.7- A função social do crédito.....	99
2.8- O livro caixa.....	100
2.9- A honra, o fiado, o velhaco.....	105
Capítulo 3- O varejo: da bodega ao supermercado:.....	107
3.1- O cenário urbano.....	109
3.2- Em busca de uma modernização.....	111
3.3- O cenário político.....	122
3.4- Bodega e o supermercado: um diálogo possível.....	127
Considerações finais.....	137
Fontes.....	140
Referências Bibliográficas.....	142

INTRODUÇÃO

Algumas considerações sobre o tema/problema e objeto da pesquisa

Inicialmente convém que sejam feitas algumas considerações a cerca do processo de elaboração do projeto que norteou esta pesquisa. É difícil assinalar exatamente quando um projeto ou uma ideia de pesquisa surge em face das múltiplas opções que mobilizam a escolha de um tema/problema, incluindo, dentre outras, parcelas de nossa trajetória de vida e intelectual.

Poderia, pois, começar apresentando como ponto de partida de escolha dessa temática, a feitura de leituras propostas pelo grupo de pesquisa a qual estive vinculada como colaboradora a partir do segundo ano de graduação em História (2008) na FECLESC¹.

Intitulada “Desafios Urbanos: ética e sociabilidade do homem simples na cidade de Quixadá – CE”², o projeto tinha por interesse perceber as ambiguidades que cercavam os diferentes espaços da cidade enquanto cenário urbano. A questão da ética também surgia como um problema a ser questionado no âmbito da relação entre o agir e a finalidade das ações dos usuários que coabitavam um espaço comum.

O aparato teórico que regia os debates em grupo, compunha um acervo bibliográfico que agregava as ciências História³, Sociologia do Cotidiano⁴ e a Filosofia⁵, em um ponto comum: a cidade em suas diferentes facetas, isto é, de como esta se constrói sócio e culturalmente a partir da atuação e dos interesses de seus usuários conforme a situação a qual os são expostos.

Por meio destas, e influenciada por outras tantas leituras, optei pelos estudos sobre os habitus, que na perspectiva de Pierre Bourdieu tratá-se de algo que se relaciona com à capacidade de uma determinada estrutura social ser incorporada pelos agentes por meio de disposições para sentir, pensar e agir.

Segundo Bourdieu, as diferentes posições que ocupamos na sociedade equivalem

¹Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central, uma unidade da Universidade Estadual do Ceará - UECE.

²Projeto financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP, coordenado pelo Professor Doutor Marco Aurélio Ferreira da Silva.

³Ex: MUMFORD, Lewis. **A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Ed. Universidade/UFRGS, 1999. Etc.

⁴Ex: MARTINS, José de Sousa. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e a história na modernidade anômala**. 2. Ed. São Paulo: contexto; HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e terra, 2008; FREITAG, Barbara. **Teoria s da Cidade**. Campinas, SP: papirus, 2006; ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 1v. Etc.

⁵Ex: LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Documentos. 1969. Etc.

nossos diferentes estilos de vida. Nossas práticas e nossa propriedades, no amplo sentido dos termos, são expressões organizadas e integradas das nossas condições de existência, ou estilos de vida, porque são resultado do mesmo operador prático, o *habitus*, sistema de tendências duráveis e ultrapassáveis que exprime, sob a forma de preferências, as necessidades objetivas das quais ele é produto.

A partir deste conceito, o autor diz que os atores sociais funcionam de acordo com uma determinada lógica, inerente ao ser de cada um. Com isso, ao que me parece, ele defende a existência de limites dentro dos quais os indivíduos expressam-se a si mesmos, quais sejam, suas condições objetivas, que correspondem nossas preferências, em sentido simbólico.

O *habitus*, portanto, seria o princípio unificador e gerador de cada prática. E, a partir de uma única prática, é possível observar o seu princípio gerador que se manifesta a cada ação. Desse modo, o *habitus* orienta nossa posição no espaço social e determina o conjunto das nossas preferências, linguísticas, corporais, estéticas de maneira geral.

Para o autor, cada simples escolha exprime as diferenças sociais mais fundamentais tanto quanto as exprimiria um sistema complexo e refinado. Vejamos:

“Assim, a visão de mundo de um velho marceneiro, sua maneira de gerir seu orçamento, seu tempo ou seu corpo, seu uso da linguagem e suas escolhas indumentares estão inteiramente presentes em sua ética do trabalho escrupulosa e impecável, do cuidado, do esmero, do bem-acabado e em sua estética do trabalho pelo trabalho que o faz medir a beleza do produto pelo cuidado e paciência que exigiram. *Pars totalis*, cada dimensão do estilo de vida simboliza todas as outras” (BOURDIEU, 1930, p. 84).

De acordo com Setton (2002), Bourdieu desenvolveu esse conceito a partir da necessidade de “apreender as relações de afinidade entre o comportamento dos agentes e as estruturas e condicionantes sociais” (Setton, 2002, p. 62). Se há consensos que o homem “é sempre social”, porém, a compreensão das relações entre indivíduo e sociedade, mais especificamente, sobre o como a “estrutura social” condiciona nossa subjetividade “ou nossa forma de ser”, sempre foi matéria de controvérsia entre diferentes estudiosos.

Para Setton (2002), o conceito de *habitus* em Bourdieu diz respeito às disposições incorporadas pelos sujeitos sociais ao longo de seu processo de socialização; integra experiências passadas, atua como uma matriz de percepções, de apreciações, de ações. Essa matriz, ou conjunto de disposições, nos fornece os esquemas necessários para a nossa intervenção na vida diária. E essas disposições não são fixas, não são a personalidade nem a identidade dos indivíduos: “*habitus* é um operador, uma matriz de percepção e não uma

identidade ou uma subjetividade fixa” (Bourdieu, 2002, p. 83).

Assim, conforme explicita o autor, “sendo produto da história, o habitus é um sistema de disposições aberto, permanentemente afrontado a experiências novas e permanentemente afetado por elas. Ele é durável, mas não imutável (Bourdieu, 2002, p. 83)”.

Assim, adoto o conceito de habitus como um instrumento norteador que me auxilia pensar a relação, sobretudo a mediação entre os condicionamentos sociais exteriores, e a subjetividade dos sujeitos. Embora seja visto como um conceito ou sistema acentado no passado e orientando para uma ação no presente, ainda é um sistema em constante rearranjos e ressignificações.

O conceito de habitus, pois, assumirá aqui uma função auxiliadora para pensar as características de uma identidade sociocultural, de experiências de vida, relações inter-humanas, que em conjunto convergem para formar uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas.

Ademais, dentro da dimensão desse conceito destaco o comportamento, o sentido dos valores introjetados nas diferentes trocas sociais, e como estas são representadas pelos sujeitos protagonistas das ações.

Considerando, porém, as várias vias de acesso para realizar esta faceta, conjugou-se a necessidade de melhor delimitar o espaço por onde percorreria. Nesse sentido, convido ao caro leitor a embarcar em uma viagem pelo universo das bodegas, cenário por onde se dará as discussões mencionadas no decorrer dessa escrita, e através delas desvendar as práticas de seus usuários no que concerne as diversas trocas sociais, considerando possíveis rearranjos na maneira de viver e consumir dos mesmos.

Assim, a problemática desse trabalho nasceu do interesse em analisar e discutir diversos aspectos do cotidiano da sociedade quixadaense na segunda metade do século XX, a partir de suas bodegas e da atuação de sua clientela.

Localizada em meio à aridez do sertão nordestino, Quixadá é, pois, a cidade que despertou meus primeiros anseios como pesquisadora, sobretudo despertou-me para um novo mundo que gradativamente se incorporou ao meu viver mediada pelo espaço acadêmico da história.

O recorte temporal remonta a segunda metade do século XX, período de importantes transformações na sociedade brasileira em face de um fervoroso discursos de modernização intervindo no estilo de vida da população, transformando seu cotidiano.

Nesses termos, justifico o objeto da pesquisa. Sendo a bodega o principal ponto de comércio popular, conectado a uma legítima função de sociabilidade no espaço e no período citado anteriormente, proponho compreender o diálogo entre estas e o crescimento urbano da

cidade do ponto de vista do cotidiano, identificando os hábitos implícitos nas técnicas de compra e venda, organização do espaço físico, relações e práticas sociais, e o que isto pode nos informar sobre um modo de pensar, ver e agir dos usuários bodegueiros da cidade.

Na busca por tal conhecimento, proponho alguns questionamentos: O que de fato, no ponto de vista historiográfico, compreende ou identifica uma bodega? Qual o lugar ocupado por estas nas cidades do interior cearense no decorrer do período em foco? E sua importância na construção do cenário urbano e econômico local? Quem eram os bodegueiros (donos e fregueses)? Que tipo de relação eram tecidas no cotidiano das bodegas? Como se deu o diálogo entre os “velhos balcões” das bodegas e a praticidade oferecida pelos supermercados emergentes na visão dos consumidores?

Em suma, ao longo dessa jornada dediquei-me a compreender o universo da bodega, as vivências relacionadas a esses espaços, suas funções, importância e transformações em meio a um cenário de mudanças ocorridos na cidade, com o advento da instalação dos primeiros supermercados.

Mesmo o termo “bodega” implicando em certa variedade de sentidos, optei por adotá-lo em virtude de sua presença maciça nas fontes e na fala dos moradores da cidade, ao fazer referência aos pequenos estabelecimentos comerciais nos quais se vendiam gêneros alimentícios e de primeira necessidade.

Estudar as bodegas, portanto, um tipo de comércio voltado ao abastecimento de alimentos e mercadorias em geral, em Quixadá na segunda metade do século XX é, antes de mais nada, abordar um lugar onde ocorriam diversas trocas sociais que vão desde as práticas mercantis, isto é, venda, abastecimento, troca e aquisição de produtos em geral, até as relações mais estreitas entre os indivíduos.

Em suma, sua legitimidade enquanto espaço socialmente construído estava para além de mero intermediário de abastecimento alimentício, de forma que se torna difícil construir uma definição precisa a cerca de sua funcionalidade na cidade, em virtude da pluralidade de funções que exerciam.

Pensando por esta ótica, lembremos Braudel (1996), que ao se referir à mercearia de Abraham Dent, no norte da Inglaterra em 1776, afirmou que se tratava de um lugar que “vendia de tudo”⁶. Oliveira(2005), entretanto, foi mais específico ao descrever os armazéns em São Paulo no século XIX, isto é, definindo-os como estabelecimentos que “vendiam de tudo um pouco”.⁷

⁶BRAUDEL, F. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII*. São Paulo: Martins Fontes, 1996, v. 2. O Jogo das Trocas, p. 52.

⁷OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. *Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização*. São

Embora ambos tenham se situado numa temporalidade e espacialidade distinta daquela proposta pela pesquisadora que vos fala, inspirada pela definição dos autores e pelo que foi possível verificar em Quixadá através das fontes analisadas, arriscaria afirmar que, durante a segunda metade do século XX, uma bodega era um estabelecimento comercial no qual se vendia “um pouco de tudo” (alimentos, artefatos de uso e consumo no geral...), mas também onde se trocavam diversas ações sociais perpassada pelo consumo, tais como os laços de confiança, amizade e toda prática que se configurava lazer, dentre os quais as relações entorno da comensalidade e etc.

E encontrando-se espalhadas por todo o município, tanto na área urbana como também pelo espaço distrital, eram responsáveis pelo abastecimento da população com alimentos e demais produtos necessários à vida. Curiosamente, ao se visitar o município nos dias atuais, mesmo com a presença dos supermercados, ainda é marcante a presença das bodegas nos bairros da cidade.

Muito embora nos dicionários de língua portuguesa a imagem destas esteja associada a um ambiente rústico, sujo, que se destinavam basicamente à venda de bebidas alcoólicas e alguns poucos gêneros alimentícios, convém lembrar que trata-se de uma imagem simplista e estereotipada, sobretudo se levarmos em conta, após a feitura de uma análise mais profunda, sua complexidade quanto à variedade de mercadorias à venda nas prateleiras, como também sua relação com a sociedade quixadaense, representando para os frequentadores um dos principais centros da vida social.

Convém acrescentar que, não raro, eram lugares tidos como de transgressão às normas legais e sociais pelas autoridades, sendo seus proprietários suspeitos da prática ou cumplicidade em variados delitos que estavam associadas a venda de bebidas alcoólicas. Na contramão dessa característica, entretanto, eram consideradas importantes fontes de recursos para os cofres públicos, e para seus frequentadores representavam pontos de apoio fundamentais do cotidiano, nos quais se buscava comprar, vender ou trocar, além de espaço de diversão e que os mantinham informados sobre os acontecimentos locais.

No que diz respeito à historiografia brasileira recente, vêm-se ampliando e aprofundando os estudos a respeito do comércio interno e do abastecimento de alimentos e outros produtos. Ao se tornarem mais complexas, as atividades comerciais mais corriqueiras e o descortinar das inúmeras formas de comércio voltadas à venda de alimentos trazem à tona importantes nuances das relações sociais, econômicas e políticas, durante muito tempo restritas aos chamados “grandes temas”.

As pesquisas têm avançado também no sentido de mostrar não somente a multiplicidade das mercadorias e táticas envolvidas nas transações, mas também de subjetividades através da reconstrução de trajetórias individuais de comerciantes.

Tais estudos revelam que, desde os primórdios da instalação e desenvolvimento dos pontos de comércio popular nas regiões brasileiras, além das atividades comerciais banais⁸ que garantiam a manutenção da vida material e movimentava a economia, os comerciantes teciam junto aos seus fregueses uma rede de apoio mútuo. Assim, nos estabelecimento a que optamos por chamar de bodegas, não raras vezes se transformavam em pontos de encontro e de manifestação de diferentes formas de sociabilidade.⁹

Uma curiosidade que se destaca é que além de realizarem a distribuição de mercadorias diversificadas de uso doméstico e pessoal, gêneros alimentícios, bebidas alcoólicas e até mesmo fornecer refeições, os bodegueiros muitas vezes agregavam ao seu negócio outros serviços.

Dependendo de sua localização podiam ter um depósito para armazenar cereais para revenda ou troca em momentos mais favoráveis, e algumas delas além de comumente funcionarem na sala de casa, o dono instalava um forno para assar pão e possuía também um pequeno abatedouro nos fundos do estabelecimento, assumindo as funções de açougue e padarias, respectivamente.

Diante, pois, das inúmeras possibilidades e atribuições que envolviam as bodegas e os bodegueiros, defino o que seria uma bodega, um bodegueiro, um comerciante ou negociante, através da visão dos donos e frequentadores dos estabelecimentos.

Em suma, busco apreender tais estabelecimentos não somente por meio de sua função mais explícita, isto é, através do abastecimento de alimentos, mercadorias e trocas econômicas diversas, mas desvio meu olhar inquieto de pesquisadora sobre às demais funções exercidas por elas (bodegas) no cotidiano da sociedade a qual me debruço (Quixadá).

Sobre o referencial teórico

Pela natureza do objeto da pesquisa, uma das perspectivas teóricas que balizaram esta análise, compreende alguns conceitos desenvolvidos por Michel de Certeau na obra “A invenção do cotidiano”, como “táticas”, “conveniências”, “lugar” e “espaço”, formulados e

⁸ROCHE, Daniel. História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

⁹Utilizamos o termo “sociabilidade”, conforme Baechler. BAECHLER, J. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, R. Tratado de Sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 65-106.

aplicados em conjunto com os pesquisadores Pierre Mayol e Luce Giard, dedicados observadores das inventividades cotidianas, da vida privada do “homem ordinário” e dos jogos de relações dos sujeitos com a ordem e entre si¹⁰.

Ao tecer reflexões sobre uma abordagem teórico-metodológica de temas do cotidiano e da vida privada, Mary Del Priore comenta como esses temas podem ser lidos do ponto de vista da obra de Michel de Certeau. Ressalta que:

História da inteligência ordinária, da criação efêmera, da ocasião e da circunstância, a história do cotidiano e da vida privada não está cega às realidades políticas nem às temporalidades. Sob a maciça realidade dos poderes e das instituições e da eficácia mesma de seu funcionamento, de Certeau discerne um permanente movimento de microrresistências que inauguram, por sua vez, microliberados que mobilizam recursos impensáveis entre as pessoas comuns. Parecendo submeter-se ao poder, os ‘mais fracos’ inventam rapidamente, como metaforizar a ordem dominante fazendo suas leis e representações funcionarem sob outro registro. (...) Essas táticas traduzem até que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que ela mesma articula. Graças a elas, cada um vive melhor a ordem social, ou o seu oposto, a violência das coisas (PRIORE, 1997, p. 272-273).

Partindo do “conjunto de espertezas sutis e táticas de resistência” (PRIORE, 1997) de homens e mulheres que buscaram se apoiar de forma inventiva diante do consumo de bens materiais ou de diferentes situações, contabilizando proveitos sobre o “outro” ou estabelecendo relações de conveniência, Certeau nos aponta um caminho para compreender que o cotidiano é construído, não de maneira passiva, mas criativa.

Habitar, ler, circular, ler, ir às compras ou cozinhar, todas essas atividades parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas: gestos hábeis do ‘fraco’ na ordem estabelecida pelo ‘forte’, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidade nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos (CERTEAU, 1994, p. 104).

Os diferentes “consumos”, sejam os alimentos da mercearia de Robert na Rua Rivet em Paris conforme mostra Mayol, a leitura de um livro, um produto lançado pela televisão ou o “consumo de um espaço” como o “espaço” das bodegas, entre outros consumos realizados por “anônimos sujeitos do cotidiano” não são uma prática passiva. Existem nessas ações uma série de apropriações e ressignificações.

Portanto, para Certeau não interessam somente os produtos, os alimentos, os espaços e os livros, mas sim como são consumidos ou praticados. Não é o lugar em si, mas como esse

¹⁰CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994; CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

“lugar” torna-se um “espaço” na medida em que é praticado:

O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais (CERTEAU, 1994, p. 202)

Nessa perspectiva, ao pensar as bodegas, as relações entre bodegueiros, fregueses e fornecedores, bem como o consumo de mercadorias naqueles recintos, busco divisar através dessas ações o jogo de interesses que cercam os indivíduos da sociedade quixadaense na segunda metade do século XX.

Assim compreendida, a bodega não é somente um “lugar” de comércio e de trabalho, mas sim de interesses articulados, o que as torna aqui um “espaço” de pesquisa e de reflexão.

O contato com esse campo de estudos, portanto, inspirou-me a pensar sobre as relações existentes entre as bodegas e as sociabilidades, sobretudo as sociabilidades em torno da troca comercial, dos valores, da moral e ética que permeiam essa relação.

Nesse sentido, apresento aqui brevemente outras categorias, e num diálogo interdisciplinar entre a História, Sociologia e a Filosofia, penso o objeto em questão: o conceito de “Moral e Ética” defendido por Yves de La Taille¹¹ que balizam o valor e o sentido das ações inter-humanas.

À luz das ciências, são tidas como conceitos distintos. Na obra *Moral e Ética - Dimensões Intelectuais e Afetivas* (2006)¹², Yves de La Taille, aborda os dois conceitos em profundidade, focando o que representam essas duas palavras na Filosofia. Inspirada nas ideias de autores como René Descartes (1596-1650), Immanuel Kant (1724-1804), Émile Durkheim (1858- 1917) e Aristóteles (384-322 a.C), La Taille trata com precisão de diversas questões relacionadas aos elementos que levam as pessoas a agir com base em valores.

Nos três capítulos que se seguem, o autor distingue o significado de moral e ética para esclarecer o que está implícito nos dois conceitos. Da moral, ele resgata a ideia de um dever para garantir a regulação da convivência humana. De modo que comparar possibilidades de ação, perceber a necessidade do outro e pensar no que está em jogo faz parte da dimensão intelectual envolvida no ato de agir bem. Mas, segundo ele, o “saber” fazer pode não ser suficiente, fazendo-se, pois, necessário um “querer” fazer, sendo isso o que vai dimensionar o

¹¹Educador e psicólogo francês, naturalizado brasileiro. Pesquisador e professor do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP)

¹²DE LA TAILLE, Y. **Moral e ética: Dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

agir, que é traduzida pela palavra ética.

Nesse ponto, La Taille faz referencia a uma eventual linha de desenvolvimento afetivo que começa no despertar do senso moral e termina com a formação da personalidade ética. Nesse passeio, que vai de Jean Piaget (1896-1980) a pesquisadores mais contemporâneos no âmbito dessa área do conhecimento, distingue a presença de sentimentos como culpa, indignação e simpatia.

No campo da moral, o autor vai citar como exemplo a perceptiva kantiana a qual reza que sempre devemos tratar a outro e a nós mesmos como fins, e não como meios, de alguém que realize a expansão de si próprio por conceber-se como profissional competente, como atleta de alto nível, como pessoa bela fisicamente, dir-se-á que tem autoestima, e não autorrespeito - pelo fato de os conteúdos arrolados não terem relação com a moral. Em compensação, se o indivíduo associa às representações de si com valor positivo o “ser justo”, deve-se falar em autorrespeito, pois a justiça é uma virtude central na moral, segundo Kant.

Sintetizando, La Taille (2006) distingue plano moral de plano ético afirmando que o primeiro se trata de uma realidade psicológica que se manifesta pelo dever, pela obrigatoriedade. Quanto a ética, nela contém a moral que por sua vez cabe conter e reger a vida em sociedade.

Interpretar o universo das bodegas, consiste também em interpretar a relação dos indivíduos com o meio praticado, considerando o modo de pensar, ver, agir e interagir com o outro, bem como compreender a relação dos indivíduos com o meio em que atuam em face às transformações inerente a uma cidade em desenvolvimento.

Fontes Manuscritas, Impressas e Orais

Uma vez realizado uma explanação a cerca do objeto, problemática e conceitos que integram a dimensão teórica dessa pesquisa, apresento de forma sintética uma relação das fontes utilizadas na elucidação das questões levantadas nesse trabalho, dentre os quais: Documentos da municipalidade que compreende as Atas da Câmara Municipal, através da qual pude identificar a legislação municipal como os códigos de posturas, tabelas de impostos, leis e atos que normatizavam o espaço da cidade e demarcavam as atividades comerciais.

Através dos Códigos de Posturas e das tabelas de impostos transcritas nas atas, identifiquei quais eram as categorias de comerciantes atuantes na cidade e as demais profissões, além das determinações que visavam regulamentar os estabelecimentos e a fiscalização de suas variadas atividades.

Com base nesse material foi possível verificar, além das diferentes atividades comerciais e profissionais que se desenvolviam em Quixadá, a sua incidência no município. Os livros de cobranças de impostos permitiram identificar, pois, que vários comerciantes e donos de armazéns também exerciam outras atividades. E foram consultados a fim de obter uma visão abrangente do comércio Quixadaense no decorrer de alguns anos, verificando as atividades que envolviam o comércio.

Metodologia e outras fontes

As fontes foram catalogadas tendo como “fio guia” o “nome”, inspirado em expressão e reflexão de Carlo Ginzburg.¹³ Ao cotejar a documentação, aos poucos se apresentou uma “imagem de teia” do comércio, revelando também um “mapa” das bodegas pelas ruas e localidades no passado da cidade.

A metodologia da história oral também foi bastante aplicada na pesquisa que tornou possível produzir fontes que contribuíram para conhecer com maior complexidade, através das memórias de pessoas que vivenciaram o cotidiano das bodegas em seus variados aspectos, o universo de interações que se processavam naqueles lugares¹⁴.

Trata-se de uma metodologia que “utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana.” Nas singularidades de cada história de vida pode-se encontrar informações tão válidas como em outras fontes históricas como afirma Paul Thompson (1992), assim como subjetividades que também estão presentes nas fontes escritas.¹⁵

Segundo Thompson (1992), partir da evidência oral é possível elaborar “um pequeno esboço de história econômica local de cada comunidade e de cada empresa familiar (THOMPSON, 1992, p. 107-74)”, ou seja, a história oral permite produzir documentos para recuperar informações de pequenos estabelecimentos que não chegaram a se transformar em uma grande companhia, em que a documentação escrita é mais escassa.

Por isso, seguindo tal raciocínio, entendo que para compreender com maior profundidade os aspectos cotidianos nas bodegas, a reconstrução de memórias através da história oral e do exercício de recordar seria imprescindível, visto que, nestas fontes, foi possível observar o tema com maior riqueza de detalhes, além de colocar-me em maior

¹³GINZBURG, Carlo. O Nome e o Como. In: GINZBURG, Carlo. A Micro-história e Outros ensaios. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

¹⁴FREITAS, Sônia Maria de. História Oral: possibilidades e procedimentos. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006, p. 18.

¹⁵THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

intimidade com o significado e a importância das bodegas no cotidiano de cada pessoa entrevistada, sem perder de vista a relação dos entrevistados com seu meio, e a memória coletiva.¹⁶

Para Alberti, uma das principais riquezas deste método é permitir o “estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas”.¹⁷

E assim, orientado por estudiosos como os já citados, somado a Portele (2000) e James (2004), busquei melhor administrar técnica e fonte oral, articulando o cruzamento das informações adquiridas através de tais fontes, e assim desbravar os caminhos que viabilizassem a escrita dessa trama historiográfica.

Em linhas gerais, a abordagem foi realizada através da história de vida, em especial, dos fregueses e donos de bodegas. Nas entrevistas privilegiei as perguntas amplas, isto é, que buscassem contemplar aspectos gerais do comportamento socioeconômico e visão de mundo dos entrevistados.

No que tange à problematização dos relatos orais de memória, orientei-me pelas indicações teóricas de Pollak (1992), Le Goff (2000) e Bosi (1997), seja na distinção entre os limites da memória e da história, ou quanto ao papel seletivo que a mesma desempenha. Desse modo, as análises dos relatos orais seguiram uma linhagem teórica cujo interesse não privilegiava somente a memória individual, mas entendê-la como universo coletivo e social.

O processo de leitura dos fragmentos de uma realidade cotidiana e suas transformações desafiou-me a percorrer por caminhos ambíguos, de maneira que cada estilhaço encontrado no percurso necessitou de um sentido que somente a leitura, a metodologia e a teoria foram capazes de permitir a sua elucidação para a construção de novos sentidos (RÜSSEN, 2007).

Longe de mim partir do pressuposto de que as bodegas deixaram de existir em detrimento dos supermercados, por exemplo, mas acentuar que apesar do encantamento e das transformações nos hábitos de consumo, as bodegas conviveram concomitantemente com os mesmos.

Daí se torna imprescindível compreender as mercadorias circulantes nas bodegas, bem como sua funcionalidade em termos de espaço físico, como um complexo sistema que se materializa em hábitos e ações que ajudam a desenhar e elucidar o processo de construção da cultura local.

¹⁶Para Halbwachs a memória coletiva é construída, compartilhada e transmitida pelo grupo em sociedade. HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vertice, 1990.

¹⁷ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 315.

Somados aos relatos de memória, utilizei uma variedade de fontes históricas que, uma vez cruzadas, tornaram possível a realização desse trabalho, dentre elas fotografias e o Plano de Desenvolvimento Urbano da cidade.

No que concerne às bodegas, além das entrevistas, analisei um livro caixa que serviu como esteio para as discussões que envolviam as relações de crédito desses estabelecimentos. Considerando que os alimentos adquiridos eram debitados através de uma rede de crédito estabelecida pela confiança, este material permite, ainda, uma análise que diz respeito à vida privada de algumas famílias que foram mencionadas no decorrer do trabalho e serviram como atalhos para desvendar hábitos presentes em todas as práticas de sociabilidade e comercial inerentes àquela sociedade.

Em linhas gerais, realizei entrevistas com quatorze (14) pessoas conforme aparecem listadas no final da dissertação. Trata-se de sujeitos que vivenciaram o cotidiano nas bodegas como proprietários ou enquanto fregueses.

As primeiras entrevistas tiveram um significado revelador para a pesquisa em face de sua função norteadora. Isto é, os primeiros entrevistados foram bodegueiros que gradativamente foram apontando outros sujeitos, tecendo a construção de um grupo de entrevistados na qual uma pessoa entrevistada direcionava-me a outras.

No entanto, tornou-se inviável explorar todo o universo de nomes de proprietários, fregueses e até mesmo de fornecedores, funcionários, familiares dos bodegueiros, dentre outros tantos nomes mencionadas ao longo das entrevistas e que certamente enriqueceriam a pesquisa.

Dos nomes levantados, busquei selecionar sujeitos que tivessem testemunhado o comércio bodegueiro dentro da segunda metade do século XX, seja na condição de proprietário ou de frequentador, mas que se dispuseram a dar seus depoimentos.

Nessa etapa, utilizei como referenciais teórico-metodológicos Jacques Le Goff¹⁸, Paul Thompson¹⁹, Ecléa Bosi²⁰, Verena Alberti²¹ dentre outros autores, sem perder de vista o debate sobre História e Memória, imprescindível para a aplicação da metodologia da história oral.

Para os entrevistados, as bodegas representam um “lugar de memórias”, conforme coloca Bosi, ou seja, espaços intimamente relacionados à identidade dos moradores no

¹⁸ LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: UNICAMP, 1996.

¹⁹ THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 107. Também consultamos: PRINS, Gwyn. História Oral. In: BURKE, Peter (Org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo. Editora UNESP, 1992.

²⁰ BOSI, Ecléa. Lembranças de velhos. Memória e sociedade. São Paulo: Edusp, 1987, p. 355.

²¹ ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKI, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006; ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

município. Através do contato com as pessoas na cidade, tanto por meio de entrevistas utilizando a metodologia da História Oral, como também em conversas informais com familiares de antigos bodegueiros, aos poucos foram se revelando vários acervos documentais particulares contendo documentos que diziam respeito as bodegas da época em foco.

Através de livros-caixa e bilhetes destinados aos bodegueiros, foi possível vislumbrar que produtos eram comercializados, alguns de seus fregueses, o que consumiam, em que quantidade e frequência, bons e maus pagadores, além dos preços e quem eram os fornecedores dos bodegueiros.

Muitos comerciantes, porém, não se ajustavam às práticas e linguagens técnicas da Associação Comercial e Industrial ou da Junta Comercial do Ceará. No geral, as bodegas eram pequenas e o reduzido volume de suas transações fazia seus proprietários dispensarem o uso de livros numerados e selados, um tanto solenes, para o registro de compras, vendas e, por certo, muitos “fiados”. Isso não significa que deixavam de realizar o controle das vendas, créditos e débitos. Faziam isso ao seu modo. No geral, registravam suas operações em cadernos ou cadernetas, guardados na gaveta do balcão, ou simplesmente, num pedaço de papel de embrulho.

Esses registros de bodegas mais singelas, que são as que mais explorei no decorrer da pesquisa, não se destinaram aos arquivos,. Alguns cadernos e cadernetas consultados, contendo anotações sobre créditos, produtos do estoque, nomes de fregueses, entre outras observações, foram guardados cuidadosamente por alguns bodegueiros ou familiares como parte da memória de seu antigo trabalho nas “velhas bodegas”.

Sobre a construção dos capítulos

Após anunciar os procedimentos teóricos e metodológicos, informo que o trabalho está dividido em três capítulos onde tento expor minhas considerações sobre as questões que envolvem o universo pretendido.

Ainda no primeiro capítulo retomo a historicidade do termo “bodega” e o que representava dentro da linguagem comercial. Também discuto o uso da mesma mostrando que ao mesmo tempo em que identifica um tipo de estabelecimento comercial voltado à venda de produtos alimentícios, também representa um conjunto de práticas sociais relacionadas àqueles espaços. Dependendo do contexto em que são usadas, as definições de “bodega” são marcadas por um discurso negativo e que vislumbro problematizar.

Proponho, pois, uma apresentação etnográfica das bodegas situadas de Norte a Sul

do estado do Ceará, com base na historiografia e na literatura popular (cordel, prosa, contos e causos) abordando o perfil no âmbito da organização do espaço físico, da economia e do comércio, considerados relevantes para a percepção da problemática apontada nesse estudo. Sigo realizando uma definição tipológica do termo bodega, os conceitos e preconceitos que giram em torno delas, bem como enfatizando sua funcionalidade e importância enquanto estabelecimento comercial e de sociabilidade na construção do espaço urbano de Quixadá.

No segundo capítulo, inicio um debate conceituando o termo “varejo” dentro da perspectiva de diferentes áreas de estudo, dentre as quais a Economia, Administração e Publicidade. E acentado nesse tipo de comércio varejista situo o cenário da bodega.

Posteriormente, ainda no mesmo capítulo, sigo no trabalho enfatizando o cotidiano da sociedade quixadaense dentro de tal espaço de convivência. E através das memórias e histórias de vida de moradores que tiveram suas vidas balizadas pelos dois lados do balcão – bodegueiros e fregueses – identifico suas práticas, analisando várias ações e reações que foram urdidas no dia-a-dia das bodegas.

Em suma, trago ao debate a bodega enquanto um ponto de encontro, de frequência diversa, local de sociabilidade e de comensalidade. Assim temas como “a fofoca”, “a moral” e a “ética” surgiram como ponto de partida para a elucidação do problema.

No terceiro e último capítulo, abordo as rupturas ocorridas no comércio bodegueiro em Quixadá a partir da década de 1960, após a implantação do autoatendimento representado pelos supermercados. Acrescento ainda a realização de uma análise acerca dos *habitus* balizadores das ações do grupo analisado.

Por fim, segui com a feitura da análise dos valores articulados na prática do dia a dia das bodegas, no que diz respeito à confiança, os laços de amizades, os interesses que giram em torno dos acordos verbais e não verbais, assim como outras formas de sociabilidades.

É oportuno destacar, porém, não procede qualquer tentativa de esgotar esse tema, até porque o mesmo ainda circula timidamente no campo da pesquisa histórica. Ao contrário, a pretensão é construir um texto reflexivo que chegue ao leitor com clareza e credibilidade, permitindo que os mesmos reflitam sobre o processo de construção da cultura urbana local, tendo o sujeito como agente condutor desse fenômeno.

Embora tenha encontrado algumas dificuldades diante da escassez de fontes documentais escritas e trabalhos desenvolvidos sobre o tema, ressalto a viabilidade da pesquisa em face da originalidade e do acervo de fontes que consegui coletar (depoimentos individuais, fotografias), bem como enfatizo sua relevância acadêmica em virtude de estar contribuindo para os estudos historiográficos da cidade e do Ceará.

Espero, portanto, despertar nos leitores a criação de imagens do passado, rompendo com as barreiras do presente e compreender o passado não como algo distante, mas sim como parte do que somos atualmente.

CAPITULO 1- AS VELHAS BODEGAS: DESVENDANDO O CAMPO DA PESQUISA

Com um olhar retrospecto sobre o lugar da bodega no processo de composição das cidades do interior cearense, entendo que esta representa a movimentação de um cenário social, que mediado pelo fator econômico está associado ao elemento “cultura”.

E isto se aplica não somente a este estado, mas representa também elementos que caracterizam um processo de construção e transformações sociocultural de um Nordeste brasileiro, no que assiste a paisagem urbana, comportamentos e modos dos indivíduos verem o mundo, o outro e a si mesmo.

Da forma que são apresentadas, pode-se compreender o termo bodega como uma variação linguística bastante singular, servindo para designar lugares onde de tudo se pode encontrar, pequenos estabelecimentos comerciais também conhecidos como armazém de secos e molhados, dentre outras denominações²².

A princípio, uma vez trazida para o Brasil pelos colonizadores imigrantes europeus, ao adentrar, sobretudo a região Nordeste, utilizava-se de tal expressão para fazer referência a lugares onde se vendiam comidas e bebidas alcoólicas. Uma espécie de taberna que de forma pejorativa lhe era atribuída aspecto sujo e normalmente mal frequentada. Um lugar sem muita higiene e com uma péssima apresentação aos clientes.

Recorrendo a historiografia brasileira, ampliando um pouco o campo da pesquisa, verifica-se que se tem em mãos uma vasta produção acadêmica que contempla essa temática, muito embora em tempos e espaços distintos.

Desfrutando, pois, de um amplo legado de significações, as bodegas desde sua nascente no cenário econômico brasileiro se colocam como essencial para a vida das populações, como aponta os trabalhos de Katia Mattoso, Maria Yedda Linhares, Alcir Lenharo,

²²Taberna, tenda, venda, birosca, diversas são as denominações que podem ser utilizadas para defini-la. Vem do grego apothêke, apothecary, o mesmo que apotecário, boticário. Lugar onde se preparam soluções para os mais diversos males. No espanhol, significa um porão, loja ou depósito onde se armazenam vinhos. Em Portugal passou a designar coisa barata e, por conseguinte, amiúde inútil. Fonte: <http://www.dicionarioinformal.com.br>. HOUAISS, Antônio. Dicionário eletrônico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM. p. 213; FILIPAK, Francisco. Dicionário sociolinguístico paranaense. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002, p. 74; Para Holanda, bodega também significa: 1. Taberna 2. Pequeno armazém de secos e molhados. FERREIRA, Aurélio. B. de H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1975.

Lenira Menezes Martinho, Riva Gorestein, entre outros pesquisadores²³.

Em meio a análise dos pesquisadores citados acima, são várias as referências que apontam a importância das “lojas de secos e molhados”²⁴, armazéns, tabernas, tropeiros, quitandeiras e demais vendedores ambulantes na distribuição de alimentos, dentre outras mercadorias à vida doméstica da população.

Dentre a bibliografia consultada, destaco a pesquisa de Zamella (1990), pioneira na discussão sobre abastecimento, distribuição e armazenamento alimentício no Brasil. Embora assentada numa temporalidade diferente, mas numa perspectiva que se aproxima daquela que propus, isto é, situar a bodega no cenário econômico de uma dada população, Zamella (1990) pondera, em sua tese de doutorado, sobre a crise de abastecimento alimentar na região das Minas Gerais em meados do século XVIII, no momento em que o Rio de Janeiro ganhou relevância no centro-sul colonial, com a abertura de um novo caminho para as Minas Gerais.

Naquele cenário, as Minas Gerais formaram uma rede de comércio independente do estado português, um mercado com existência de lojas com vendas de tecidos, artigos “molhados”, água ardente, cosméticos e gulodices, bem como ambulantes, boticas, estoques de remédios para os mineradores e etc.

O que interessou-me no estudo de Zamella (1990), foi o conceito contruído por ela para o desenrolar de sua tese, denominado “rede de abastecimento interno” que perpassa o pequeno comércio varejista que se inicia. Ela dirá que tal processo corresponde ao entrelaçamento de produtores, distribuidores e consumidores dando forma ao que se define como suprimento de víveres, e ainda acrescenta que falar de abastecimento de alimentos sem relacioná-los a fatores que compõe seu processo de base é negligenciar toda a composição a qual essa temática está interligada.

Embora a proposta desse trabalho não esteja diretamente ligada ao abastecimento alimentício em sua base, é importante frisar que essa discussão perpassa o comércio varejista o qual se inclui a estrutura da bodega e a forma com que esta está relacionada com a circulação de produtos alimentícios, artigos de consumo no geral e desenvolvimento das cidades do ponto de vista econômico e cultural.

Sônia Magalhães²⁵, também se pronuncia no âmbito dessa temática através de sua

²³ MATTOSO, Katia M. Q. Bahia: a cidade de Salvador e seu mercado no século XIX. São Paulo: Hucitec, 1978; LINHARES, Maria Yedda Leite. História do abastecimento, uma problemática em questão, 1530/1918. Brasília: BINAGRI, 1979; LENHARO, Alcir. As tropas da moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil, 1808-1842. São Paulo: Símbolo, 1979; MARTINHO, Lenira Menezes e GORESTEIN, Riva. Negociantes e Caixeiros na Sociedade da Independência. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

²⁴ Tecnicamente o primeiro termo para se definir “bodega”.

²⁵ MAGALHÃES, Sonia M. de. A mesa de Mariana: produção e consumo de alimentos em Minas Gerais (1750-1850). São Paulo: Annablume, 2004.

pesquisa de doutorado, trazendo como problema central o consumo de alimentos em Mariana entre 1750 e 1850. A autora se debruça sobre as funções do comércio de alimentos, reforçando a importância das vendas coloniais como “pontos iniciais dos núcleos urbanos nas minas” conforme já havia mostrado Zamella na década de 1950.

O que enfatizos no trabalho de Magalhães, entretanto, é a sua abordagem sobre as “vendas coloniais” não apenas como um local para compra e venda de ingredientes alimentício, que compunham o cardápio da população de Mariana, mas também porque a pesquisadora mostra as vendas como um dos locais onde as pessoas que transitavam pelas estradas se alimentavam e se divertiam.

A pesquisadora Cláudia Chaves (1999) também apresentou estas características, principalmente a partir das descrições dos viajantes europeus que percorreram o Brasil naquele período. Mostra que algumas vendas ou lojas eram abastecidas com produtos variados, enquanto muitas ofereciam aos seus fregueses pouco além de cachaça, farinha e carne seca, mas igualmente eram espaços de recreação de viajantes, tropeiros, escravos entre outros frequentadores.²⁶

Ainda localizado no Brasil oitocentista, Luciano Figueiredo²⁷ pesquisando o cotidiano e o trabalho das mulheres mineiras no século XVIII, aponta o importante papel das vendas no abastecimento naquele período, mostrando que elas se configuravam como um misto de “armazém e bar”, se caracterizando como um espaço de lazer coletivo que por vezes se transformavam em cenário de discórdias e brigas.

Em função disso, identifica-se uma intensa atuação das autoridades municipais que buscavam restringir seu funcionamento, ou por outra ordenavam que os balcões que separavam o vendeiro dos fregueses fossem deslocados para fora dos estabelecimentos, uma vez que os mesmos eram usados com certa frequência como esconderijo para escravos em fuga.

Assim, as bodegas na percepção de Figueiredo (1993) representavam espaços ambíguos, que embora fossem necessárias por seu aspecto abastecedor e de sociabilidade, também eram vistas e temidas como locais de inúmeras transgressões.

Seguindo rumo ao século XIX, os registros historiográficos atestam que os armazéns, as bodegas para este trabalho, da sociedade paulistana também representavam um dos principais espaços de sociabilidade, além de serem responsáveis pela venda de alimentos, ao lado de mercados públicos e vendedores ambulantes, como as quitandeiras dentre outros.

²⁶CHAVES, Cláudia Maria das Graças. Perfeitos negociantes: mercadores das minas setecentistas. São Paulo: Anablume, 1999.

²⁷FIGUEIREDO, Luciano. O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher em Minas Gerais no século XVIII. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

João Luiz Máximo da Silva²⁸, por exemplo, mostra em sua tese de Doutorado sobre a alimentação de rua de São Paulo em meados do século XIX, que os donos de armazéns comercializavam os “produtos da terra”, mas entre 1870 e 1900, eles também se tornaram os principais importadores de mercadorias, favorecidos pelo crescimento da economia cafeeira.

Corroborando com a tese do autor citado acima, Maria Luíza Ferreira de Oliveira.²⁹ argumenta que os armazéns se tornaram pontos de apoio fundamentais na vida cotidiana em São Paulo na segunda metade do século XIX. Locais para consumir mercadorias diversas, obter crédito, dinheiro emprestado, encontrar os velhos frequentadores e saber notícias do bairro ou da cidade.

Em suma, as bodegas eram vistas como lugares de sociabilidade do bairro, locais com função social, de integração múltipla, e dentro dessa ótica este tipo de comércio, embora voltado ao abastecimento da população, extrapolava também essa função.

João Carlos Tedesco³⁰ também menciona as variadas funções de uma venda ou armazém do meio rural, também conhecidos como bodegas, na região colonial italiana do Rio Grande do Sul – Casca, Serafina Corrêa, Guaporé, Nova Prata, Muçum, Maraú, Nova Bassano, Veranópolis, Santo Antônio da Palma e Montauri na primeira metade do século XX.

Naquele contexto, o autor destaca que a agricultura e o comércio local se interligavam. E o comerciante bodegueiro tornou-se um elo para os agricultores entre uma colônia e outra, e também entre o comércio interno e o comércio de exportação. Estes locais, segundo ele, se configuravam como verdadeiras encruzilhadas da vida social nas colônias.

Ainda assentada na região sul do país, Pesavento também define a bodega como um tipo de comércio multifacetado que implica no atendimento das populações em suas necessidades mais imediatas e diversas, sendo comum a realidade de todas as regiões e estados brasileiros.

E segue afirmando que na região colonial gaúcha, no Paraná e no Nordeste, o termo bodega é sinônimo para loja, venda, armazém de secos e molhados ou mercearia, reunindo diversas funções, podendo até mesmo desempenhar a função de casa de pasto ou de um local para pequenas refeições.

Percorrendo por outras perspectivas historiográficas que fizessem referência as bodegas no âmbito da formação das cidades, uma vez encontradas eram sempre taxativas quanto

²⁸SILVA, João Luiz Máximo da. Alimentação de rua na cidade de São Paulo (1828-1900). Tese (Doutorado em História). FFLCH, USP. São Paulo, 2008, p. 157-158.

²⁹OLIVEIRA, Maria Luíza Ferreira de. Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização: São Paulo, 1850-1900. São Paulo: Alameda, 2005, p. 32.

³⁰TEDESCO, João Carlos. De olho na balança! Comerciantes coloniais do Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX. Passo Fundo: Méritos; Porto Alegre: EST, 2008, p. 11.

sua funcionalidade dentro do mercado de consumo e abastecimento de bens de primeiras necessidades da população.

Em regra, retratadas como estabelecimentos comerciais varejistas ou retalhista, onde o comerciante não apenas vendia a mercadoria como também prestava outros serviços à comunidade em torno da qual estavam inseridos, tinham também como característica a venda ao balcão, as formas de venda e relação estreita entre comerciante e consumidor como já fora reforçado anteriormente pelos demais pesquisadores, destacando-se, ainda, a forma de comercializar independente e o predomínio da gestão familiar.

Assim, as bodegas que, em sua maioria, se caracterizam pela utilização do autosserviço, dotados de uma forma de atendimento que coloca em contato direto vendedor e consumidor, privilegiando deste modo o fator proximidade, constituem, sobretudo, formas de venda alicerçadas na “arte de comerciar” sobre o balcão (FERNANDES et. al., 2000, p.7-12), possibilitando, desta forma, relações comerciais amistosas e “integradas” à vida dos habitantes dos bairros pobres das cidades.

Seguindo por uma perspectiva crítica da situação dos pequenos comércios, tecendo uma relação entre comércio e cidade, Heliana Comim Vargas³¹ (2000) esclarece no seu texto intitulado “Comércio e cidade: uma relação de origem”, que a prática de comercializar está na origem das relações humanas, que significa numa linguagem arcaica a troca de ideias, sentimentos e opiniões.

Pautada nessa lógica, os pequenos e tradicionais comércios que acontecem através de “lojas de ruas” (sejam ruas centrais ou periféricas), classificados, ainda, como “comércio independente”, por não pertencerem a cadeias de lojas ou estarem inseridos em shopping centers, “é a alma da cidade”, pois estes nascem com ela.

E segue afirmando que grande parte da dinâmica e da imagem da cidade é devida a este comércio realizado pelas pequenas lojas, como as mercearias, as quitandas entre outras típicas e diversas formas comerciais que coexistem nos espaços mais residenciais das cidades com outras formas maiores e modernas do comércio na atualidade (VARGAS, 2000, p.02).

Segundo Salgueiro (1992), fazendo referência aos pequenos comércios, dentre os quais nos arriscamos incluir as bodegas em virtude das práticas e funções assumidas por elas, as

³¹Heliana Comin Vargas graduou-se arquiteta e urbanista pela FAU/USP, em 1974, e economista pela PUC-SP, em 1982. É mestre (1986) e doutora (1993) em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP. Cursou pós-doutorado em Formação de Lideranças para o Planejamento Ambiental em Genebra, na Academia Internacional de Meio Ambiente, em 1996. É professora Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Departamento de Projeto, junto ao grupo de disciplinas de Planejamento Urbano e Regional. É especialista em estudos de dinâmica e economia urbanas, com foco no setor terciário e com ênfase nas atividades de comércio e serviços varejistas, adentrando o campo das atividades de recreação e lazer, cultura e turismo.

atividades realizadas pelos comerciantes dos pequenos estabelecimentos comerciais locais representam, na hierarquia comercial urbana, o nível mais inferior desta cadeia, entre todas as atividades desempenhadas na cidade.

Essas atividades são identificadas, de acordo com a referida pesquisadora, pela sua reduzida atuação que se limita, por via de regra, aos habitantes que residem no seu entorno, ou seja, que moram na mesma rua ou a poucos metros de distância. Assim explica:

O nível mais baixo é constituído por aqueles estabelecimentos que por vezes apelidamos de comércio de esquina, mercearia, drogaria (...) Trata-se de unidades com alcance muito reduzido, cujos donos são muitas vezes os únicos empregados e conhecem todos os habitantes da rua, os seus clientes (SALGUEIRO, 1992, p.305).

Considerando a sua posição no conjunto dos circuitos comerciais urbanos, o pequeno comércio, no entanto, constitui uma atividade muito presente na vida social e econômica das populações dos bairros populares e periféricos da cidade. Representa, sobretudo, um lugar de sociabilidade, de relações amistosas, um ponto de referência e de encontro social entre os moradores conhecidos do lugar.

Nesse sentido, observa-se que no espaço da bodega ou, como é colocado pela autora, do pequeno comércio, acontecem as relações cotidianas mais próximas, onde as atividades comerciais sempre envolveram algo mais do que o simples ato de comprar e vender, constituindo, também, num elemento de integração de relações sociais estabelecidas no cotidiano.

Ainda conforme Salgueiro “(...) o comércio desempenha uma importante função social, promovendo o convívio entre as pessoas e a animação dos lugares (SALGUEIRO, 1992, p.336)”. As atividades realizadas pelos pequenos comerciantes situados nos bairros populares, além de apresentarem uma função abastecedora fundamental entre as populações destes lugares, ainda proporcionam um amistoso ambiente de convívio social, onde, como de costume, ocorrem com frequência encontros de moradores conhecidos das vizinhanças.

Nesse contexto cabe a ressalva de que é comum perceber no centro e nas ruas dos bairros populares das cidade do interior cearense, a circulação numerosa de pedestres transitando constantemente pelas calçadas, sobretudo nas ruas onde se concentra um número bem acentuado de atividades comerciais.

Nota-se, também, nestes espaços, a presença de moradores parados nas portas de suas casas conversando com vizinhos; crianças correndo e brincando pelas praças e ruas pouco estruturadas; homens conversando, discutindo, desentendendo-se, rindo, bebendo, jogando nas

portas das pequenas bodegas e bares localizados nas esquinas das ruas do lugar.

Sobre as características mais importantes destas atividades na vida cotidiana das populações dos lugares populares da cidade, comenta Salgueiro (1989) que:

As lojas de esquina mantêm o velho carácter de central de informações da comunidade [...] O pequeno comércio garante um atendimento mais personalizado e mais humano, em que a conversa complementa a operação de compra e venda, do agrado de toda a gente, especialmente quando se não anda muito apressado chamadas relações de vizinhança. O lugar é a base da reprodução da vida, é o espaço do vivido, apropriado através do corpo – dos sentidos, dos passos de seus moradores, é o bairro, a praça, a rua, a comunidade, a pequena vila ou cidade – vivida/conhecida/reconhecida em todos os cantos. (SALGUEIRO, 1989, p.181)

Afirma ainda que o lugar jamais poderá ser a metrópole ou mesmo a cidade, pois o lugar se refere de forma indissociável ao vivido, ao plano imediato que ocorre habitualmente no nível do bairro ou alguma outra localidade. Os lugares são os espaços na cidade onde o homem habita e que diz respeito ao seu cotidiano e ao seu modo de vida. Trata-se, portanto, de um espaço palpável, finito, conhecido por todos os seus moradores que aí realizam as suas ações mais costumeiras e comuns. (SALGUEIRO, 1989)

De acordo, ainda, com a autora, em uma outra obra sua, “os pontos fortes do pequeno comércio, em relação às grandes superfícies, são a proximidade aos consumidores e a qualidade do serviço prestado” (SALGUEIRO, 1992, p.124).

A localização próxima do pequeno comércio em relação às residências dos consumidores e às suas relações amistosas, proporcionadas por tal denominador, determina a viabilidade e, conseqüentemente, a permanência dessas pequenas atividades.

Cavalcanti (1983) destaca, nesse contexto, a importância de fatores como, acesso ao local, maior praticidade e proximidade da residência do consumidor, determinantes para a sobrevivência das atividades bodegueiras enquanto setor popular da economia dos bairros da cidade, pois a localização destes micronegócios, segundo este autor, “desempenha um papel destacado nas escolhas da fonte de abastecimento” (CAVALCANTI, 1983, p.86) pela clientela local.

Deste modo, quanto maior for a sua proximidade com os indivíduos do mesmo lugar, mais intensas serão as suas relações sociais, isto é, o papel da proximidade é extremamente importante nas relações com a população local e no funcionamento dos comércios dos bairros.

Proximidade esta que se refere à totalidade das relações que não se limitam apenas às relações econômicas, mas se estendem ao contato físico e emocional entre as pessoas que

partilham de um espaço comum, nesse caso destaca-se as relações de vizinhança onde criam-se laços profundos de amizade e solidariedade para com o outro.

Em face disso, Cavalcanti (1983, p.31) atribui a pequenez e a simplicidade dos pequenos comércios como características essenciais das atividades do setor popular da economia. Setor este que, segundo ele, correspondente “à faixa não-moderna, não-organizada, subcapitalista, da economia urbana”, pois representam, em nossa opinião, atividades que se enquadrariam naquilo que Santos (1979) chamara de circuito inferior da economia urbana dos países subdesenvolvidos.

Conforme este autor, situadas e atuando em espaços restritos, como nos bairros, as atividades do circuito inferior têm, assim, o seu alcance limitado à população local, que constitui a clientela predominante nas vendas.

A forte presença de atividades de pequena dimensão, ligadas ao circuito inferior da economia urbana dos bairros, revela a importância desta atividade para a população e a economia local. Estas atividades desempenham uma importante função na dinamização do comércio dos bairros.

Esclarece, ainda, que:

O circuito inferior, formado de atividades de pequena dimensão e interessando principalmente às populações pobres, é bem enraizado e mantém relações privilegiadas com sua região. A relação amistosa do pequeno comércio com a sua região é uma prática comum no cotidiano dos moradores do lugar, dos moradores dos bairros mais populares. (SANTOS, 1979, p.16)

O baixo poder aquisitivo da grande maioria dos moradores dos bairros populares é revelado, também, no pequeno perfil de consumo de sua população que, dispondo de magras rendas no seu dia a dia, abastece-se em pequenas quantidades de produtos, através, principalmente, do fiado, um tipo de crédito baseado na confiança dada ao freguês, para pagamento posterior.

Esta tradicional forma de comercializar, comum ainda hoje nos pequenos comércios dos bairros, exerce uma função preponderante nas vendas e a viabilidade do próprio comércio, de modo que a necessidade de uma resposta imediata às necessidades de uma população sem dinheiro explica a presença do circuito inferior citado por Santos (1979).

Eis, portanto, a permanência dessas práticas comerciais. Baseado no fiado, na confiança e no vínculo afetivo. Outra característica do pequeno comércio são os modestos e populares nomes adotados pelos donos dos estabelecimentos, desprovidos de uma propaganda sofisticada e moderna, como acontece, amplamente, nas grandes redes de lojas e supermercados

como aponta Lincon (2012).

Para Mayol (2008, p.118), as grandes reformas do consumo moderno “varreram”, em muitos bairros, diversos tipos de pequenos comércios “que não souberam adaptar-se às novas exigências” mercadológicas da atualidade. Embora os tradicionais mercados de bairro sofram com as novas ordens econômicas do capital competitivo, segundo ainda Mayol (2008, p.158), este setor representa, sobretudo, “um importante ponto de referência sociológica para a compreensão das relações humanas no interior da prática do bairro”. Continua: “Nenhuma cidade, nenhum povoado pode prescindir dele” – o pequeno comércio –, pois “ao mesmo tempo que é um lugar de comércio, é um lugar de festa”, de convívios diversos, sendo a figura do pequeno comerciante, nestes lugares, ainda valorizada por muitos grupos sociais, mesmo em contextos mais violentos, competitivos (MAYOL, 2008, p.158).

O pequeno comércio constitui um objeto comercial que sempre contribui, significativamente, na produção socioespacial do lugar. Embora se apresente como um comércio de dimensões humildemente reduzidas, sem grande expressão no quadro das atividades amplamente desenvolvidas atualmente nas cidades do interior, reconhece-se, contudo, o grandioso papel exercido por este setor da economia urbana, sendo também objetos co-definidores de diversas localidades, que ao longo dos séculos agregou profundas transformações em sua vida urbana/cultural.

Numa perspectiva mais pontual e com diferentes abordagens teórico-metodológicas, alguns trabalhos recentes começaram a mostrar uma imagem mais complexa a respeito deste tipo de comércio.

Destaco, como exemplo, a pesquisa de Amorim (2007) realizada no processo de feitura de sua dissertação de Mestrado³². Nela, o autor trabalha numa perspectiva em que a bodega aparece como um mecanismo para se compreender o conceito de tradições construídas. A dialética entre o novo e o passado em que atribui um significado especial ao presente. Assim, demonstra que a imagem urbana construída em outros tempos fala de um passado desconhecido, datado através do trabalho da imaginação e da memória.

A grande questão de Amorim (2007), portanto, gira em torno do sentido de tradição e moderno representados pelos pequenos comércios. A cidade de sua investigação é Arcoverde/Pernambuco, a qual o autor retrata como um lugar que facilmente convivera com as marcas do passado (tradição) e o advento do presente (moderno).

³² Anais Eletrônicos – ISBN 978-85-87459-57-2, Página|4, I Colóquio de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE, Recife, Pernambuco, Brasil Brasil e Portugal: nossa história ontem e hoje De 3 a 5 de outubro de 2007.

Na sua ótica, as mercearias³³ representavam uma alternativa de comércio popular, principalmente para que pessoas de poucas posses pudessem comprar seus alimentos. A facilidade de crédito, os alimentos diversificados e por um preço mais acessível, dentre outras facilidades, compunham a gama de benefícios oferecidos pelas mercearias.

Lincon da Silva Diniz (2007), em sua pesquisa de Mestrado, intitulada “Pequeno comércio e crescimento Urbano: as bodegas e a formação dos bairros populares campinenses”,³⁴ o autor faz uma abordagem que visa analisar a dinâmica socioespacial da cidade de Campina Grande- PB, mostrando através dela as vastas possibilidades de reflexão sobre o movimento das cidade em suas mais diferentes esferas, partindo do cenário das bodegas ou mercearias, como coloca o autor.

Com base nas atividades dos pequenos comércios, fixados em espaços residenciais de início populares, mais especificamente o bairro Catolé, Diniz segue destacando os avanços das inovações comerciais que se fazem presentes nos dias que correm, gerando consigo novas contradições e formas de coexistências com os estabelecimentos dos pequenos comerciantes do lugar.

Segundo ele, as novas ações do setor comercial capitalista moderno nos bairros, fomentadas a partir deste atual contexto, afetam antigas formas de comerciar com as clientelas, através da adoção de novos mecanismos/hábitos/filosofias de consumo e de convivência entre os indivíduos do próprio lugar, que se tornam alvo constante das ações impetuosas tanto do capital comercial no meio urbano como de ações violentas da criminalidade, cada vez mais dominante nas cidades brasileiras.

Para analisar os efeitos destas ações que se tornaram constantes no meio urbano atual, no caso das pequenas atividades comerciais, numerosas na economia urbana das cidades brasileiras, foram destacados a complexidade estrutural e funcional deste setores dando visibilidade às causas e as consequências da violência no espaço urbano, que resultam, sobretudo, do agravamento da desigual estrutura social e econômica, dentre outros fatores, além da crescente competitividade no mundo atual, que têm gerado transformações nas paisagens urbanas, através da reconfiguração de formas espaciais, repercutindo nas sociabilidades.

Nesse sentido, entre os pequenos comércios fixados em bairros residenciais da cidade de Campina Grande, o autor aponta que as formas de violência afetam o pequeno comércio de maneira contínua e crescente, uma vez que dispõem de meios limitados, como sistema de segurança, recursos financeiros e equipamentos modernos, elementos essenciais para

³³Sinônimo de bodega.

³⁴Revista de Ciências Humanas e Artes, ISSN 0103-9253 v. 13, n. 2, jul./dez., 2007

o desenvolvimento de qualquer atividade econômica na atualidade, principalmente, as atividades que articulam contatos “diretos” com os consumidores.

O pequeno comércio, pois, conforme a análise de Lincon (2007), em suas variadas formas fez-se presente ativamente no processo de construção histórica e geográfica das cidades do interior Nordeste, desde os espaços das tradicionais feiras livres, até as áreas residenciais. Sendo que no contexto atual ainda exerce influência na vida da cidade, assumindo atividades que suprem parte importante das necessidades de consumo.

E por fim adentrando o estado do Ceará, numa ótica mais pontual, reforçando a autenticidade das características que definem o comércio das bodegas por todo o território brasileiro, Florival Seraine³⁵, que se preocupou em registrar as expressões populares do Ceará, é bastante enfático ao destacar que “bodega” significa um tipo de armazém, ou tenda de esquina, ou ponta de rua, onde se comprou gêneros alimentícios, cereais, carnes, peixes salgados, carvão, rapadura e outros, de uso doméstico. Podendo ser, também, sinônimo de taverna onde se realizam a venda de bebidas e alguns gêneros básicos.

Em suma, com base nas colocações acima, verifica-se que as bodegas marcaram o nascimento de povoações e acompanharam seu crescimento. Realizando o abastecimento, como também propiciando o entretenimento das cidades, visto que não poucas as vezes eram tidas como locais de suspeição, principalmente se estivessem associadas à venda de bebidas alcoólicas.

Mesmo, porém, que tal denominação por muitas vezes tenha servido para designar um ambiente de caráter pernicioso, considera-se a amplitude de suas funções e variedade de mercadorias circulantes no seu interior. Estando, assim, para além do simples consumo de cachaça e atendendo às principais necessidades de consumo das populações.

Em suma, diante do que foi visto até aqui, convém reforçar a ideia de que o lugar

³⁵Florival Alves Seraine, graduado em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia (1930, exerceu o magistério superior como professor de Antropologia Cultural na escola de Serviço Social, no Instituto de Antropologia e na Faculdade de medicina da UFC. Deu curso de Folclore na Faculdade Católica de Filosofia do Ceará e de Linguística na Faculdade de Filosofia do Crato. Escritor, crítico literário e grande pesquisador do Folclore e da Linguística. O poeta Artur Eduardo Benevides o incluiu entre os poetas bissexto do Ceará. Publicou: Panorama artístico da época colonial, 1937; Cultura brasileira, 1938; Estudos cearenses (1ª série), 1942; Através da literatura cearense, 1948, 2ª ed. 1996; Ensaio de interpretação linguística, 1954; Sobre o torém, 1955; Dicionário de termos populares (registrados no Ceará), 1959, 2ª ed. 1991; Antologia do folclore cearense, 1968, 2ª ed. 1983; A noiva do tempo (contos), 1976; Temas de linguagem e de folclore, 1987; A vida e sonho (contos), 1993; e Questões teóricas da cultura (estudos e ensaios), 1994. Recebeu as seguintes condecorações e honrarias: título honorífico de Cidadão Cearense, pela Assembleia Legislativa do Estado; Medalha Vital Brasil, do governo de São Paulo; Medalha Nina Rodrigues e o diploma de Jubileu de Ouro da Profissão Médica, do Centro Médico Cearense. Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 10 de maio de 1965, sendo saudado pelo acadêmico José Valdivino de Carvalho. Ocupou a vaga deixada por Henriqueta Galeno, cadeira número 23, cujo patrono é o poeta Juvenal Galeno. Foi sócio do Instituto do Ceará, da Associação Brasileira de Antropologia e da Associação Cearense de Linguística e correspondente de inúmeras instituições nacionais e internacionais.

das bodegas dentro de uma rede de abastecimento interno do ponto de vista de comércio popular, no âmbito da historiografia analisada, surge como um estabelecimento que sempre esteve presente na história do país, todavia adquirindo formato e aglutinando funções que foram melhor se definindo com o passar do tempo.

E por tratar-se de um tipo de comércio tão comum pelo Brasil desde o período colonial, é possível também encontrar em várias outras produções literárias de diferente gêneros, tais como romances, livros de memórias, cordéis e crônicas, elementos que legitimam a bodega como estabelecimento secular no composto urbano, sobretudo no âmbito do comércio popular.

1.1: UM ESPAÇO, UM LUGAR, UM CENÁRIO

O cenário da bodega é tratado aqui, como um lugar que representa um espaço praticado. Nesse sentido, convém que sejam feitas algumas considerações sobre os conceitos de espaço e lugar.

Nas palavras de Michel de Certeau (1994) o espaço é nada mais senão que um lugar praticado:

Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência... um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade... Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis (CERTEAU, 1994, p. 201-202).

O espaço realiza-se, portanto, enquanto vivenciado, ou seja, um determinado lugar só se torna espaço na medida em que indivíduos exercem dinâmicas de movimento nele através do uso, e assim o potencializam e o atualizam.

Quando ocupado, o lugar é imediatamente ativado e transformado, passando à condição de lugar praticado. O autor discorre acerca de uma realização espacial do lugar, comparando o espaço à palavra e o lugar à enunciação, ou seja, no momento em que a palavra é proferida ela é atualizada.

O lugar é algo fisicamente imóvel que depende das dinâmicas de deslocamentos de um coletivo para se re-significar e atualizar-se constantemente. O dispositivo que transforma o espaço em lugar é efêmero, mas adquire tal condição justamente por uma vivência temporal do indivíduo em determinado lugar, segundo Certeau.

Nesse caso, o espaço coletivo se funde com o privado e adquire características singulares e simbólicas, à medida que é praticado pelos indivíduos através do contato físico,

pressupondo um tipo de enraizamento.

Assim, a discussão por ora prima por vislumbrar as representações e interpretações sobre o cenário das bodegas nordestinas através da poesia popular do ponto de vista material, seja com base na experiência seja pautada no imaginário dos autores.

Adentrar o universo das bodegas, pois, identificando os elementos que a caracterizam em sua organização, uso, e apresentação ao público, se torna uma ferramenta que veicula o espaço praticado à memória e ao imaginário coletivo.

As bodegas são templos
Que ornem as esquinas,
Que aromatizam as calçadas
E que se confessam
Repletas de prateleiras.
São templários que celebram
O sacramento fraternal da cidade
E, em balcões
Eternamente surrados,
Revelam-se verdadeiras.

(Poema: Bodega - extraído do livro Calçada de Bodega³⁶)

Eis, portanto, as bodegas nordestinas ganhando notoriedade na literatura popular. Muitos são os causos inspirados e protagonizados no seu cenário. Temas como conflitos familiares, amorosos e valores morais tecem a percepção dos autores no ato de sua escrita. “Estórias” que dão formas e ilustram amizades construídas, conversas de compadres regados a cachaça, refletindo um retrato da sociedade e parte do imaginário popular.

Assim é representado no conto de Michele CM³⁷ o qual ela vai intitular “Um bom causo se começa na bodega”. O texto começa fazendo uma referência ao próprio título com os seguintes dizeres:

“Um bom causo se começa na bodega”

Era o que sempre falava o compadre Rui.

Não acreditava que bons causos se contam do nada, de dentro de casa ou simplesmente da cabeça. Tinha que começar da bodega. Diferentemente do que pensava seu amigo Olavo. Escritor e contador de causo que dizia que qualquer causo, seja ele bom ou ruim, começava no dia-a-dia ou no pensamento.; bastava-lhe pouco para que escrevesse qualquer coisa.

³⁶ Extraído do livro Calçada de Bodega de Janduhi Medeiros.

³⁷ Publicado por Michele CM no site: <http://www.recantodasletras.com.br/contos/4206617> em 25 de Março e 2013.

O compadre Rui acabava-se de rir com tanta barbaridade que o amigo contava e dizia que era ali, na mesa do bar que se tinha inspiração para lembrar-se de passados já esquecidos, e que aquilo dava um caldo para um conto bom.

O Olavo ficou enfezado e pediu então ao compadre que contasse um causo naquele momento e imediatamente.

“só depois de depois dedinhos de cachaça”. Disse o compadre com um sorriso sarcástico nos lábios.

Vários dedinhos depois, quando a conversa já versava sobre a dita plantação do fioravante e de sua excomunhão na frente de todo mundo que o compadre Rui teve um estalo, de língua e de pensamento. Pediu ao Olavo uns minutinhos para desanuviar a mente e que logo em seguida lhe contaria um causo dos bons, daqueles que se começa numa bodega.

O escritor se empertigou todo para ouvir, mas o dono do estabelecimento precisava fechar por que no dia seguinte seria domingo de Páscoa e ele precisava acordar cedo para a missa.

O Rui prometeu que contaria numa próxima oportunidade o tal do “bom causo de bodega”.

O compadre Rui foi para casa – meio tonto encima de um cavalo- e o Olavo ficou mais uns minutos em frente da bodega fechada, pensando e matutando e por fim decidiu que a conversa que tinham tido que daria uma boa história. Uma história sobre um causo que deveria ser bom porque tinha nascido ali.

Intempestivamente escreveu e passou a noite acordado escrevendo, apagando, amassando folha e tendo a ansiedade de lhe ditar as palavras. Pronto. Faltava-lhe um título e este tinha vindo logo no começo daquela conversa com o compadre: “um bom causo se começa na bodega”. Estava resolvido. Confiante com a obra guardou os rascunhos no bolso da camisa suada e foi dormir, mas a esposa já tinha se levantado para a missa e exigia que Olavo criasse vergonha na cara e fosse tomar banho que não tardariam sair.

O Olavo- meio bêbado- jogou a camisa no chão do banheiro, fez tudo que precisava fazer e saiu com a mulher. Na volta, ela pegou as roupas que estavam no chão, falou alguns impropérios ao marido que já dormia no sofá da sala com sapato e chapéu e foi cuidar da casa e das roupas sujas.

Os dias se passaram e os compadres deveriam se encontrar na bodega para jogar “trisete” naquele dia. O Olavo fez questão de vestir a mesma camisa porque sabia que os rascunhos estavam bem guardados no bolso e sequer percebeu que a camisa estava cheirosa e passada e tampouco se lembrava da história, pois se ela havia sido concebida na bodega e sob os

efeitos da noite mal dormida e dos martelinhos tomados durante a discussão, lembraria-se da história assim que a lesse. Era um conto bom, disso se lembrava.

Pois apareceu o compadre Rui, todo afobado a arrastar cadeiras e desculpando-se pelo atraso dele no jogo.

Quem começou a conversa foi o Olavo, que lhe perguntou à queima roupa onde estava aquela história do ultimo encontro, e o compadre respondeu que lembrava vagamente do que tinha para contar naquela noite e que era mais ou menos assim: “Uma história sobre um caso que deveria ser bom porque tinha nascido ali, e tinha até título: Um bom caso se começa na bodega”

O Olavo no instante em que chamava o compadre de plagiador, tirava do bolso da camisa vários papezinhos rasgados e sem nada escrito e ia depositando-os encima da mesa com os olhos incrédulos diante da morte do conto.

O compadre ficou nervoso porque “plagiador” era uma palavra inexistente no seu vocabulário e com certeza significava alguma afronta, pois que tinha sido dita aos gritos. Partiu para cima do Olavo e a briga foi feia.

Quem serenou os ânimos foi o dono do boteco que resolveu as coisas com um facão em riste. Deu de graça um copo de cachaça para cada um e mandou fazerem as pazes. “Onde já se viu gente que é compadre ficar brigando por bobagem”.

Depois das pazes o Olavo e o compadre Rui seguiram bebendo e conversando sobre a morte do marido da Dona Sílvia, até que o Rui falou: Esse é um tipo dos casos dos bons, daqueles que nascem na bodega”. E o Olavo tomou todo o conteúdo do copo de um gole só. Desculpava essa afronta, mas só naquele dia. Fim!

No conto descrito acima, depara-se com um campo de ação extremamente mitificado, onde a própria bodega, além de cenário, é tema da escrita, retratando formas e finalidade de uso comum.

Consolidando-se para além de um espaço de encontros e convívio social, a bodega popularmente é identificada como um estabelecimento de comércio a retalho, bastante diversificado, com predominância de produtos alimentares, além da venda de bebidas e comidas, lugar onde as mercadorias eram vendidas avulsas, informal e “ao pé do balcão”.

E por esta razão inspirou a construção de várias poesias, contos e cordéis como o citado logo abaixo:

Tem uma placa de fanta encardida,

A bodega da rua enladeirada
 Meia dúzia de portas arqueadas
 E uma grande ingazeira na esquina
 A ladeira pra frente se declina
 E a calçada vai reta nivelada
 Forma palmos de altura de calçada
 Que nos dias de feira o bodegueiro
 Faz comércio rasteiro e barateiro.
 Num assoalho de lona amarelada.

X X X
 É bodega pequena cor de gis
 Sortimento surtindo grande efeito
 Meia dúzia de frascos de confeito
 Carrossel de açúcar dos guris
 Querosene se encontra nos barris
 Onde a gata amamenta a gataiada
 Sacaria de boca arregaçada
 Gargarejo de milhos e farelos
 Dois ou três tamboretas em flagelo
 Pro conforto de toda freguesada.

X X X
 Duas torres de vidro são vitrines
 A de cá mais parece um magazine
 Com perfume e cartelas de Gillete
 Brilhantina safada, canivete
 Sabonete, batom... tudo entrepado
 Filizolla balança bem ao lado
 Seus dois pratos com pesos reluzentes
 Dá justeza de peso a toda gente
 Convencendo o freguês desconfiado.

X X X

A Segunda vitrine é de pão doce
 É tareco, siquillo e cocorote
 Broa, solda, bolacha de pacote
 Bolo fofo e jáú esfarofado
 Um porrete serrado e lapidado
 Faz o peso prum março de papel
 Se embrulha de tudo a granel
 E por dentro se encontra uma gaveta
 Onde desembainha-se a caderneta
 Do freguês pagador e mais fiel

X X X

Prateleiras são tábuas enjanbradas
 Com um caibro servindo de escora
 Tem também não sei qual Nossa Senhora
 Com um jarrinho de louça bem do lado
 Um trapézio de flandres areados
 Um jirau com manteiga de latão
 Encostado ao lado do balcão
 Um caneiro embicando uma lapada
 Passa as costas da mão pelas beíçadas
 Se apruma e sai dando trupicão.

X X X

Tem cabides de copos pendurados
 E um curral de cachaça e de conhaque
 Logo ao lado se vê carne de charque
 Tira gosto dos goles caneados
 Pelotões de garrafas bem fardados
 Nas paredes e dentro dos caixotes
 Tem rodilha de fumo dando um bote
 E um trinchete enfiado num sabão
 Bodegueiro despacha a um artesão
 Parafuso de cabo de serrote.

Poesia: Parafuso cabo de serrote³⁸

Autor: Jessié Quirino³⁹

Na construção desses versos, o poeta Jessié Quirino registra o que foi visto por ele, quer dizer, apresenta a bodega como o grande supermercado popular, onde tudo se vende. Conforme o poeta, costumava-se adquirir naqueles estabelecimentos todo tipo de mercadoria: querosene, óleo de cozinha, cigarro, bolacha, pão doce, meia quarta de café, farinha, doces e as mais variadas quinquilharias.

E diante de sua múltipla funcionalidade utilitária desempenhava função

³⁸QUIRINO, Jessié In: Prosa Morena. Recife: Edições Bagaço, 2001:21.

³⁹Paraibano de Campina Grande, arquiteto por profissão, poeta por vocação, vive atualmente em Itabaiana. É o autor dos livros "Paisagem de Interior", "A Miudinha", "O Chapéu Mau", "O Lobinho Vermelho" e "Agruras da Lata D'Água", além de cordéis, causos, músicas e outros escritos.

fundamental, uma vez que era farmácia, armazém de mantimentos alimentícios, fornecedora de produtos de higiene e limpeza, dentre outros utensílios do lar e artefatos de luxo e consumo.

Ainda com a intenção de ilustrar tal cenário, através do olhar e da experiência do autor como filho de bodegueiro, o cordel intitulado “A bodega de seu Paulo”, também traz relatos de como se dava a rotina em uma bodega tipicamente do interior nordestino, datada nos anos 80 do século passado, vejamos:

Bom dia, Seu Paulo Muniz
- Bom dia. Diga freguês!
- Me dê meia dúzia de pão doce
Dois crioulos e três francês...
Antes d’outra alma chegar
Acho que vou aproveitar
Fazer a feira de mês

São dez quilos de açúcar
Seis pacotes de café
Uma lata de leite em pó
Se tiver, do da Nestlé
Dois pacotes de macarrão
Trinta ovos do grandão
Da granja de “cumpade” Zé

Quatro quilos de arroz
Oito quilos de farinha
Bote meio quilo de charque
Daquela ali, mais gordinha
Uma lata de Bem-Te-Vi
Três sardinhas dessa aí
Que vem dentro da latinha

Pode botar quatro quilos
Do principal: o feijão
Duas pastas, seis sabonetes
Duas barras de sabão
Três caixas de Sentinela
Um pacotinho de vela

Pra usar na precisão
Cinco caixinhas de fósforo
Uma garrafa de gás
Me dê um desses abanos
O de lá não presta mais
Vou ver se compro um fogão
Desse novo, uma bênção
Sem fumaça, bom demais!

Me dê quatro rapaduras
Três latas de goiabada
Um peixe daquele ali
Pra uma bacalhoad
Dois pacotes de Bom-Bril
Quatro pedras de anil
Bolacha doce e salgada

Água sanitária, sapólio
Uma vassoura daquela
Um saco de limpar chão
Meio quilo de mortadela
Cem gramas de prego grande
Um tubo de Serra Grande
Pra matar a saudade dela

Pode tirar a conta
Acho que não falta mais nada
Faz a soma tira a prova
Diz o valor da porrada
O salário de um mês
Vai quase todo de uma vez
Eita vida aperreada!

- Pronto! Tá feita a conta
Menor que a do mês passado
E tu fica aí chorando
Ô, sujeito desgraçado
Mulher que tem um homem assim
Criando um “bacurim”
Teria mais resultado

- Tá certo, tá conferido
Pago no início do mês
Anota aí na caderneta
Não passa do dia três
Agora bota uma lapada
Daquela bem caprichada
Pra não perder o freguês.

Poema: A BODEGA DE SEU PAULO⁴⁰

⁴⁰Fonte: Bolg do Abelhudo: oabelhudo.com.br/.../cordel-a-bodega-de-seu-paulo em 25/03/2012 - Pernambuco-CE

Autor: Marco Aurélio Ferreira Soares.⁴¹

Ambas as poesias promovem a ideia de uma bodega muito sortida, na qual até os produtos mais improváveis eram possíveis de se encontrar. Muito embora não se trate especificamente das bodegas cearenses, funciona como um aglutinador de imagens para que assim seja possível imaginarmos a dimensão de seu espaço em tal território.

Dentro do panorama descrito, portanto, destaca-se um lugar que tende a representar um universo singular no âmbito do comércio varejista popular, regido por uma estética onde se torna possível situar no tempo e no espaço o modo de vida de sociedades que se comunicam entre si, quer dizer, o cenário concreto/ material da bodega de meados do século XX surge como uma chave para detectar ou identificar o desenvolvimento social, bem como mudanças nas relações inter-humanas das cidades, partindo de um ambiente que tecnicamente se insere num contexto econômico.

No âmbito dos contos, causos e fatos ocorridos na e sobre a bodega, o advogado e poeta Janduhi Medeiros⁴² lançou recentemente o livro intitulado “Calçada de Bodega”(2013). Com esta produção o autor tende a contribuir para a legitimação da bodega como espaço de sociabilidade.

Tal como o próprio nome sugere, a obra foi inspirada e assentada nas calçadas e nas bodegas do interior, comum pelo Nordeste brasileiro. Sempre tão carregadas de personagens e de suas histórias.

Ademais, guiadas por um sentimento sertanejo, como esclarece o autor, encontra-se repleta de poesias alusivas a uma atmosfera interiorana, que embora seja tratada como temática regional, busca “universalizar o tema” conforme as palavras ditas pelo poeta numa entrevista concedida ao site “Tribuna do Norte”⁴³.

Calçadas e bodegas, sempre tão ricos em fatos, narrativas e personagens, são dois significativos equipamentos urbanos, destaca o autor, sobretudo, se pensarmos nas cidades do interior.

E segue dizendo:

(...) Em um passado não muito distante, a calçada era o lugar perfeito para saber

⁴¹ Engenheiro, professor, escritor, poeta pernambucano, que escreveu esse cordel em homenagem a seu pai, Seu Paulo Muniz, bodegueiro entre os anos 60 e 90 do século XX.

⁴² Advogado e poeta, nascido em Ouro Branco e criado em Caicó-RN. Reside atualmente em Parnamirim, é casado, tem dois filhos, e já escreveu anteriormente dois livros de poesia, Canaviais e Outros Poemas (2003) e Mensageiro das Oiticias (2007).

⁴³ <http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/janduhi-medeiros-mostra-a-poesia-em-pe-de-calcada/252566> – Acesso em 11 de Julho de 2013

das novidades e das fofocas, prostrar com os amigos e vizinhos, aproveitar a brisa no fim da tarde ou mesmo para apreciar a passagem do tempo. O hábito anda meio em desuso nos grandes centros urbanos, mas no interior ainda é muito comum ver pessoas nesse ‘território mágico’ onde o tempo parece desacelerar diante da correria da rua que está logo ali, a um passo de distância(...) Calçada de Bodega tenta resgatar a importância desses dois elementos que funcionam como uma espécie de “centro de comunhão” no interior, geralmente, fazendo nascer amizades, relacionamentos de uma vida inteira. Pelo menos eu percebo que, à medida que as bodegas e calçadas vão se acabando, a violência aumenta.⁴⁴

Num trecho de um de seus poemas intitulado “Bugigangas sentimentais” Medeiros se pronuncia destacando sua visão sobre o universo da bodega dentre os quais a própria calçada, visto que, para ele, a calçada de uma bodega em qualquer cidade pequena do Brasil, funciona como uma tribuna de notícias, e é em meio a esse apanhado de assuntos circulantes que pairam seus poemas.

“Sou colecionador de calçadas/ E de sombras frescas./ Guardo com esmero/ As prosas que nascem às tardinhas/ E os versos que correm livres/ E são colados no caderno da lembrança/ Com o relento das brisas”.⁴⁵

Dando sequencia ao imaginário das bodegas, na busca por sintetizar suas memórias e relatos sobre as histórias e causos, Petrônio Lima através do exercício de recordar compõe os seguintes versos:

Ao observar aquele magro e solitário balcão
que por sobre o mesmo se encontravam
sacos e cordas entre couros curtidos de animais...

Misturados ao forte cheiro de cachaça,
sentia por um instante um ar tranquilo e sereno,
típico de um ambiente rústico, porém majestoso!

O velho crucifixo de palha por entre o calendário
posto ao lado do rádio de pilha de botões dourados.
Cabos e ligas de baladeiras pendurados
próximo à prateleira vazia...

Do outro lado, uma pequena gaiola
Jogada entre os litros e surrões de farinha,
bem perto à segunda porta de entrada

da velha bodega...

Era o estabelecimento de seu João Passos
Ponto de encontro das pessoas simples
Lugar preferido dos amigos e fregueses
mais conhecidos na cidade.
Referência dos viajantes e comerciantes
que por lá se encostavam...

Era lá também onde de costume, a garotada
juntava tampinhas e carteiras secas de cigarro
Tempos de minha infância em Ipu!
Apenas memórias de um lugar comum...
Uma outra cidade viva e
esquecida pelo tempo!...
Coisas que não se ver nos livros de história!...

Poema: **AQUELA VELHA BODEGA!...**⁴⁶

Autor: Petrônio Lima

⁴⁴Entrevista concedida ao site Tribuna do norte em 11 de Julho de 2013.

⁴⁵Trecho do poema Bugigangas sentimentais.

⁴⁶Poema escrito por Petrônio Lima, Professor de História, em 24/07/2010.

Facilmente se percebe a carga emotiva somada a um universo imaginário que estabelece uma noção de tipo ideal de bodega comercial, que remete a toda e qualquer cidade cearense, isto é, ilustra um panorama romantizado que favorece a construção de uma representação de um passado presentificado pela memória, gerando um saudosismo nos personagens dessa história.

E assim, com base na escrita e depoimento de outros indivíduos, somado a visão da própria personagem que vos fala, vai-se construindo a imagem do que muito provavelmente seriam a maioria das bodegas de meados do século XX. Um pequeno espaço dividido por um balcão, rodeado por sacos de alimentos, prateleiras empoeiradas, um homem ao seu centro. Um espaço simples, mas não simplório. Um espaço de considerável dimensão social, por onde transitavam grupos das mais variadas classes sociais.

Para além do imaginário e da criação literária, porém, o cenário da bodega se fez fortemente presente na história das cidades cearenses, abrangendo desde a capital ao interior do estado, considerando os limites temporal em qual se debruça nossa pesquisa.

Nesse sentido, dar-se-á prosseguimento a escrita ressaltando o cenário das bodegas como espaço de memória coletiva e/ou individual, e centro polarizador da cultura e do comércio popular cearense.

1.2- AS PEQUENAS NOTÁVEIS DO INTERIOR CEARENSE

Na busca por desvendar ou “captar” o lugar da bodega como fonte importante de comércio e parte estrutural do complexo citadino, debruço-me nesse momento sobre a estrutura visual das bodegas.

Tratando-se de Ceará, convido ao caro leitor para percorrer por caminhos que conduzem a identificar a presença desses estabelecimentos no interior de algumas cidades, que vão de Norte a Sul do estado, usando como fio condutor de análise os meios de comunicação de longo alcance, sejam eles impressos ou virtuais.

É pertinente a ressalva de que o termo “budega”, bastante utilizado por nossos contemporâneos e que seria uma variação da palavra “bodega”, em regra usado num sentido pejorativo⁴⁷, atualmente vem sofrendo uma re-significação na maneira com que está sendo aplicada em outros contextos do qual, muitas vezes com o auxílio da mídia, seja ela virtual ou impressa, tende por vezes tradicionalizá-la e por outras refinar seu sentido.

⁴⁷Como por exemplo, para fazer referência a qualquer objeto sem valor e de péssima qualidade, definir algo indefinido ou ainda expressar uma reclamação. De maneira que, frases como: “esse dia está uma budega” é comum que sejam ouvida no nosso dia-a-dia.

Sites, blog's de conteúdo poético, literário⁴⁸ e os mais variados espaços culturais, bem como outros espaços considerados de sociabilidade como restaurantes, bares, por exemplo, são batizados com a expressão “bodega”.

Tomando por base, a princípio, uma sequência de reportagens realizadas pelo jornal O Diário do Nordeste e alguns blog's que adotam a bodega como protagonista das matérias, percorro por alguns municípios do interior cearense em busca de relatos de memória ou até mesmo de elementos que coexistam no tempo, tanto no que tange os aspectos físicos como comportamentais, que representem suas permanências e transformações, conforme o contexto e o movimento urbano das referidas cidades.

Partindo do material analisado, extraí informações que atribui ao comércio das bodegas relevância considerável na formação de alguns centros urbanos e bairros das cidades do interior, seja vinculada ao espaço físico ou cotidiano.

Começamos, pois, por Ipú, cidade situada geograficamente na região Norte do Ceará. Esta é um dos destaques do Blog “Caminhos e História” cuja proposta do idealizador é propor um espaço de divulgação de suas experiências como pesquisador do cotidiano, e dos mais variados assuntos referentes aos elementos da cultura humana.

Por um instante, o autor traz como proposta de diálogo e reflexão a coexistência das bodegas no espaço urbano historicamente construído e inicia sua viagem pela memória e por suas próprias impressões sobre o assunto.

(...) Tive a imensa satisfação de conhecer algumas (bodegas) nos tempos em que residia no velho e saudoso quadro da Igrejinha, mais precisamente no começo dos anos 80. Costumava vez por outra comprar a pedido de meu pai ou minha mãe querosene, óleo de cozinha, cigarro, bolacha, pão doce, meia quarta de café, farinha, muitas vezes bilas, doces e outras coisas comuns da criançada da época. Às vezes aproveitava o momento vazio de algumas bodegas e começava a pegar tampinhas de refrigerante ou então pequenas carteiras secas de cigarros jogadas próximo ao balcão ou então na beira da calçada. Era comum a juventude dos 70 e 80 em Ipu colecionar embalagens e tampinhas encontradas em bares e bodegas. Existia até troca e venda entre a meninada por determinados objetos que tinham simbolicamente um determinado valor.⁴⁹

Era, pois, um ambiente que estava para muito além das trocas econômicas, era sobretudo um espaço de sociabilidade que se estendia para todas as faixas etárias, inclusive servindo de cenário pra o lazer das crianças da vizinhança, como bem coloca no relato acima.

E continua, emocionado, a recordar sobre os espaços que hoje deram lugar aos

⁴⁸ O site bodega literária, por exemplo, é um local de venda de livros virtual, das mais variadas categorias, que atribui uma semelhança com as bodegas no ato do cliente se auto servir escolhendo seu produto diretamente.

⁴⁹ profpetrniolima.blogspot.com, 27/10/2010

bares e supermercados espalhados na cidade de Ipu.

Quem não lembra da bodega de seu João Passos, ponto de referência para quem ia ou vinha da serra ou Ipueiras? A de seu Zé Vitorino, localizada no Quadro da Igrejinha, próximo ao famoso “Beco da Belinha”, onde hoje funciona o Bar do Ribamar. Outras situavam-se em locais onde aconteciam as famosas tertúlias do Nicanor, no Alto dos Quatorze, ou então nas mediações do bairro Reino de França, outro ponto de referência da juventude na época que se aventuravam a “tomar uma pinga” no turbulento “Beira Rio”.

São os lugares de memória que faziam parte do universo de boa parte da juventude boêmia e seresteira dos anos 80 em Ipu. Muito embora a presença de um pequeno número de jovens pertencesse à classe média, o cenário da bodega era um espaço mais voltado ao homem simples da cidade, como no caso dos feirantes vindos da serra e do sertão e que se encostavam principalmente nos dias de feira, para tomar uma cachaça ou então um cafezinho com tapioca antes da labuta diária.

E quando não havia no momento sequer um (1) tostão no bolso para pagar um trago de cachaça, era comum o bodegueiro ouvir de seus fregueses: “ANOTA AÍ QUE DEPOIS EU PAGO!”... Muitas vezes o camarada até tinha como pagar, relata o autor, mas mantinha a velha tradição dos fregueses “velhacos” que não escapava da língua ferina dos bodegueiros da cidade. “Ta vendo aí fulano, além de corno é velhaco...” Frases como essa era o de menos no linguajar característico dos bodegueiros de Ipu e região.

Figura I: Cotidiano das bodegas de Ipu



Fonte: De domínio público. Foto extraída do jornal Diário do Nordeste.

Ainda sobre as bodegas de Ipu, há indícios escritos e orais de que algumas bodegas

comumente eram tachadas pelas senhoras da elite e muitas vezes pela Igreja católica local, como um lugar de pessoas incrédulas e, conseqüentemente, como parte da “escória da sociedade”.

Um discurso maciçamente forte nos períodos áureos da década de 1950/60 sobre estes pequenos estabelecimentos, e como veremos em outros momentos da pesquisa, que não se aplica somente a cidade de Ipu, mas se cruza com relatos de indivíduos de outros municípios cearenses.

Padres e os mais conservadores da cidades eram os maiores responsáveis por disseminar, por meio de sermões e conversas de calçadas respectivamente, a má fama das bodegas, isso em virtude da venda de álcool e da suposta prostituição recorrente em determinados estabelecimentos encontrados na periferia da cidade.

De certo modo, este pensamento advinha de olhares preconceituosos. Isso significa dizer que embora fossem estabelecimentos, em via de regra, não voltados a práticas profanas, muitas vezes eram confundidas ou tomadas como tal.

Quanto a isso, convém esclarecer que, conforme relatos de ex-bodegueiros e filhos de pequenos comerciantes, nem todos os bodegueiros toleravam as “profissionais do sexo,” visto que para a maioria dos pequenos comerciantes elas não representavam um bom exemplo para a sociedade, denegriam a imagem de seu estabelecimento e por isso logo eram postas para fora, causando às vezes conflitos entre seus parceiros mais exaltados.⁵⁰

Em suma, o cenário das bodegas é representado por muitos como um espaço bastante contraditório, uma vez que é considerado e narrado por muitos poetas e memorialistas como um ambiente que denotava certa tranquilidade, onde a vida parecia parar no tempo, para outros o mesmo cenário representava um palco de muitos conflitos, virando inclusive caso de polícia como, por exemplo, aconteceu com o negro Lourenço em Ipu.

O negro Lourenço era um velho cantador de viola que chegou em Ipu na segunda metade do século XIX. Um cara audacioso que gostava de tomar umas e outras em pequenos estabelecimentos na cidade e que sempre era conduzido à delegacia por desacatar a “rica e nobre” família dos Porfírio nos versos da “Lenda da Cobra do Sítio São Paulo.

Diz a lenda que⁵¹:

Havia, numa fazenda do São Paulo (sítio da Serra Grande, entre o Ipu e Guaraciaba do Norte), uma mulher muito má, que judiava muito de negros escravos, agregados e empregados de sua fazenda.

⁵⁰Resultado da pesquisa realizada pelo autor do Blog “Caminho e História”, professor Petrônio Lima em 24/07/2010

⁵¹Lenda Ipuense: a serpente do são paulo, publicado por Raimundo arcanjo em 28 de maio de 2011 <http://raimundoarcanjoblog.blogspot.com.br/2011/05/lenda-ipuense-serpente-do-sao-paulo.html>

Diz a lenda que tal mulher obrigava as negas a mexer tacho quente com as próprias mãos, e que teria um dia batido com tanta força com uma colher de pau na cabeça de uma criança negra, filha de uma escrava, que a mesma morreu imediatamente por afundamento de crânio.

Tal mulher, pelo que pude apurar em minhas “leituras” e investigações, era avó do coronel Porfírio José de Sousa, patriarca da oligarquia que dominara o Ipu por ocasião do governo de Antônio Pinto Nogueira Accioly (1896-1912).

Porfírio fora nomeado Intendente do Ipu (o que equivaleria hoje ao cargo de prefeito) pelo próprio Accioly, “governador” do Ceará neste período; seu filho, Felix José de Sousa, fora nomeado juiz municipal, seu parente, o coronel Antônio de Sousa Aragão, seria eleito presidente da câmara; seu genro o substituirá na intendência (João Bessa Guimarães); o promotor, Antônio Carvalho, também será recrutado no seio desta parentela, melhor dizendo, desta oligarquia, de onde descendem hoje os Aragão, os Sousa e os Carvalhos, que se somando aos Martins, aos Araújo e aos Correia, eram os verdadeiros “donos do poder” na Ipu daqueles tempos.

Voltando a mulher da cobra, cito estes versos revelados ao autor da postagem pela senhora Ivanira Paiva de Oliveira, uma verdadeira “guardiã” da memória local: (a grafia foi mantida como no original)

Quando eu vim da minha terra
Descambando a Macambira,
Me falaram de uma cobra
Que era avó do seu Prófírio.

Então-se eu fui até lá
E via a cobra engaiolada
Me informei no povoado
O tanto que essa velha era malvada

O nome dela era Malvina
Ela tinha uma fazenda
E muitos negros cativos
Judiava com os coitados
Tanto que ela podia
[...]
Todo mundo lhe temia
Era o pavor do lugar
Até que um dia Malvina
Escama começou a criar
E os nego apavorado
-Que está acontecendo?
-O que ela quer virar?

Um dia encontraram ela
 Virando cobra num lugar
 Então todos ficaram apavorados
 E se puseram a gritar [...].

Para complementar, sigo citando os versos relatados pelo folclorista Florival Vale:

Tando eu cantado a cobra
 Lá na feira da Estação
 Quando chegou seu Porfírio
 Me dando voz de prisão
 Quando eu ia pra cadeia
 ia bem divagarim
 Me valha dona Adelaide
 Lhe peço por caridade
 Venha soltá seu neguim!

Da quina da serra
 pra beira do rio
 A cobra avuava
 Fazendo assovio
 [...]
 Lhe firo – lhe firo!
 O primeiro qu’eu como
 É meu neto Profírio!

Parece que o coronel não gostou nem um pouco de ver o nome de sua falecida vovozinha na boca “atrevida” do vate popular. A velha Malvina morrera provavelmente antes do fim da escravidão (1888), e fora enterrada onde hoje se localiza a escola Murilo Aguiar, atrás da igreja matriz.

Diz a lenda que por ocasião do falecimento de um outro parente, a família abriu o jazigo para enterrar o outro morto junto à matriarca e para a surpresa de todos, a velha havia virado “corpo-seco”, estava com os olhos amarelos arregalados e com horripilantes dentes à mostra (quando um corpo não se decompõe, algo perfeitamente natural e possível no calor do sertão, o imaginário popular atribui a isso um “castigo dado por Deus” para expiar os pecados do morto; diz-se logo “-fulano é tão ruim que a terra não come”!). Apavorados, correram todos: o coveiro, o padre, o sacristão, os “cabocos” que iam levando o caixão, os parentes mais devotos (até mesmo o próprio Porfírio, fora o primeiro a correr!); cabras alvoroçados e apavorados gritavam pelas ruas do mercado: “- A velha Malvina virou corpo-seco, negrada! Eita peste ruim!”

No imaginário popular da cidade, o coronel, que havia monopolizado com seus parentes os cargos de poder e prestígio na cidade sem “amparar” aos “afilhados” e amigos,

passara para a memória local como “filho da serpente do São Paulo” (coisa Ruim!), e no imaginário, e a seu modo, a população legou ao futuro a sua vingança; uma vingança imaterial, presente no universo da cultura e do símbolo.

Na missa dominical, as vozes em coro cantaram assombradas:

O' martyr de Christo,
O' santo varão,
Livrai-nos da peste,
São Sebastião

A “peste” da oração, da qual se pedia para São Sebastião nos defender, era, na imaginação dos fiéis daquele momento, a “cobra do São Paulo”, a avó do intendente, a bisavó do juiz etc. A vingança “imaginária” (simbólica) veio do fundo cultural da herança medieval de nossas tradições mais fantásticas, misturada ainda com as crendices e lendas indígenas e negras.

O imaginário sociocultural da população do Ipu promovera a seu modo um revide vingador contra o clã dos “Carvalho”: para a cultura popular, a matriarca, “virou serpente”, um animal maldito, coisa do “Cão do inferno!”. Para o homem e para a mulher comuns, que acreditavam naquelas crenças, quem sabe São Sebastião, nosso “herói defensor”, covardemente transpassado por três flechas assassinas, inerte no altar da Matriz, não pudesse, com as preces, descer do Céu e nos “livrando da peste”, travando um combate mortal contra o “Dragão de São Paulo” e a sua prole de “coronéis exploradores” por ela gerados?! A seu modo, a lenda traduz uma faceta inusitada da cultura, e não existe inocência ou “imparcialidade” no sentido simbólico e altamente depreciativo com que o imaginário popular procurou “julgar” e “enquadrar” ao clã dos “Sousa-Carvalho”.

Para concluir a lenda, diz-se que o coronel transferiu a avó para um sítio no São Paulo, e que mandara queimar e enterrar ao fantástico animal, mas que ela reaparecia desenterrada e ameaçadora sobre a própria sepultura. “Não havia mão humana que pudesse matar tal animal”, disse-me o empresário Marquinho, dono da Ótica Gabriel, antigo morador do sítio São Paulo, e que cresceu ouvindo esta lenda. Minha própria mãe, Luísa Alves, disse-me quando eu ainda era criança, que a serpente, “era do tamanho do dragão de São Jorge”, e que as autoridades, cansadas de tanto queimar e enterrar ao animal sem ver resultado, decidiram mandar construir uma jaula enorme, do tamanho de uma casa, prenderam a serpente dentro dela, e a jaula fora colocada num dos vagões do trem, e enviada ao porto de Camocim, e de lá, embarcaram-na num navio de carga, e a jaula com a serpente do São Paulo fora jogada “no fundo do abismo” do oceano Atlântico; e lá dorme desde então. Chegará o dia, diz a lenda, que a

ferrugem corroerá o ferro da jaula, e “o animal maldito se libertará, e voltará voando para assombrar a pobre e sofrida população do Ipu!”

As nossas oligarquias já não nos assombram o bastante? Quando rezar pensando na lenda da cobra maldita, lembre-se de pedir a São Sebastião para nos livrar de mais esta peste: a peste das oligarquias que sempre retornam do fundo do abismo para nos dominar eternamente! Fim!

Após os causos narrados e acontecidos nas bodegas de Ipu, continuemos nosso passeio pelo Sul do Estado. Na cidade do Crato, “no momento em que a cidade inaugura uma filial das Lojas Americanas, os memorialistas relembram as velhas bodegas que foram os embriões das grandes lojas e supermercados que fascinam as novas gerações”. Esta é a nota trazida pelo Jornal O diário do Nordeste⁵² que numa outra perspectiva desenvolve uma matéria cujo foco é a permanência das bodegas no cenário comercial urbano do interior cearense.

Apontam que mesmo diante da evolução comercial, com cartões magnéticos, compras virtuais e instalações modernas que colocam o cliente em contato direto com a mercadoria, a bodega ainda sobrevive, com o velho balcão e o amontoado de “bugigangas”.

Nada substitui o calor humano transmitido pelo bodegueiro, como é colocado na manchete chave da matéria, que conhece a vida de sua clientela, sempre fiel. É o caso do bodegueiro Miguel Félix Pereira, proprietário de uma bodega, no Bairro Pinto Madeira, em Crato.

O conforto e o símbolo de prosperidade estão no pé da calçada, onde está estacionada uma camioneta último modelo de propriedade do bodegueiro. Do lado de dentro, a história é outra. Por trás do balcão de madeira, cercado de uma parafernália de mercadorias, Miguel Félix revive um comportamento provinciano que contagia a clientela que ele conhece pelo nome. Afinal são 45 anos de balcão.⁵³

Na imagem abaixo (ver figura II), percebe-se um tipo de vendagem a granel. Além do que, a bodega de Seu Félix é refúgio dos bêbados que amanhecem o dia a procura da primeira dose. A garrafa (pipa) de cachaça com capacidade para 200 litros, fica logo no fundo da bodega que é abastecida quinzenalmente por Newton Peixoto, proprietário de um engenho e uma destilaria no sopé da Serra do Araripe. Cada dose de “cana” custa em média 20 centavos. “Ninguém encontra cachaça desse preço no mercado”, diz o cliente Francisco Alberto de Moraes ao ser interpelado pelo jornalista.

Este sujeito conhecido por “Boy”, filho do famoso sargento Moraes, que se tornou conhecido no Crato porque não prendia ninguém, tornara-se figura assídua do estabelecimento de seu Félix.

⁵²<http://diariodonordeste.globo.com>. 10/12/2008.

⁵³Idem

Figura II: Bodega de Miguel Félix, Crato- CE



Fonte: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/> em 11/08/2011

“A bodega é o espaço livre que se transforma na dispensa da casa do pobre”, afirma um dos consumidores encontrados no local no horário da reportagem. O dente de alho, o pacote de arroz, a garrafa de manteiga, estão disputando o mesmo espaço, com canos, torneiras, alicates, serrotes, uma variedade de mercadorias que satisfazem a clientela no preço, no prazo e, sobretudo, no atendimento personalizado a cada cliente. A diferença está no atendimento. “Aqui a gente compra, por um exemplo, meio quilo de cimento, 50 centavos da margarina, meio pacote de café”, continua dizendo o consumidor, João Lacerda Pereira.

É verdade, confirma o bodegueiro: o bodegueiro faz questão de baratear as mercadorias para atender às pessoas que só precisam de uma pequena quantidade. “A partir de 20 centavos, eu vendo”.

Outra vantagem da bodega é o fiado. Miguel tem uma relação de mais de 200 fregueses que compram na caderneta, isto é, a prazo. Nestes 45 anos de bodegueiro, ele acumulou um prejuízo de R\$ 30 mil, causado pelos maus pagadores. Ele mostra o pacote de vales, onde estão “entronizados” os velhacos. Mas ressalta que o número de bons pagadores é muito maior, “graças a Deus”.

Em suma, a bodega de seu Félix é mais do que um estabelecimento comercial. É o ponto de encontro, o centro de informações e principal referência da comunidade. E, pelo andar da carruagem, não vai se acabar tão cedo. Miguel apresenta seu sucessor: é o filho Gilson Miguel Pereira, que ajuda o pai no dia a dia das vendas, que mesmo a preços pequenos, parecem se manter estáveis.

Outro estabelecimento também mencionada pela matéria e na mesma cidade,

trata-se da bodega de Seu Joaquim Ferreira Lobo, conhecido por “Joquinha”, que deu nome à ladeira que passa em frente a sua bodega, hoje gerenciada por seu filho, Edilberton José Menezes Lobo.(ver figura III e IV)

Figura III: Bodega de Seu Joquinha



Fonte:<http://lpdantasdesousa.blogspot.com.br/-postado> por:Eurides Dantas de Sousa em 11/08/2011

Figura IV: Edilberto José Meneses Lobo, filho de Seu Joquinha, mantém o pequeno comércio do pai



Fonte:<http://lpdantasdesousa.blogspot.com.br/-postado> por:Eurides Dantas de Sousa em 11/08/2011

Com seus disparates antológicos, Joquinha se tornou conhecido na região. Sua bodega, na Rua Nelson Alencar, era o ponto de encontro das camadas mais populares da região que para ali se dirigiam com o objetivo de comprar, por exemplo, “uma quarta de arroz”, porque o dinheiro só dava para comprar aquela quantidade.

A bodega de Joquinha chegou ao cúmulo de vender banho. É isso mesmo. Banho com uma lata d’água, com direito a um pedaço de sabão para esfregar o grude. E o mais curioso. Na parede do banheiro, estava escrita uma advertência: “Depois do banho, bote o fundo para cima para não enferrujar”. É claro que ele se referia ao fundo da lata⁵⁴.

Tal estabelecimento continua ativo, gerenciado por seu filho “Edilberton”, que nasceu e cresceu dentro da bodega do pai, e por uma questão de afetividade ainda não quis promovê-la à mercearia. Se situa no pé da ladeira de Sargento George Teles Sampaio, um nome oficial que foi substituído pelo povo por “Ladeira de Joquinha”, numa homenagem a um dos mais conhecidos bodegueiros do Cariri.

Na contramão da ordem natural do comércio, que transforma a pequena bodega em mercearia, mercantil e supermercado, a Caldeira do Inferno, no município de Brejo Santo - Ce, também na região do cariri, manteve-se fiel às origens.

Trata-se de uma velha bodega. O nome justifica-se por ser “o ponto de encontro de políticos, aposentados empresários e, principalmente, boêmios e transeuntes que voltam do trabalho para casa e ainda encontram tempo para saborear uma boa bebida”.

A Caldeira do Inferno é uma extensão bem familiar da adega da casa de cada um. A voz de Nelson Gonçalves ecoa por entre as brechas do balcão de madeira. “Mas, se passa pela rua algum amigo, em cuja porta a desgraça não bateu grito que entre neste bar, beba comigo. Hoje quem paga sou eu”, diz Chico de Sinésio, dono da bodega ou “cão chefe da caldeira” como prefere ser chamado.

Católico praticante, Chico Sinésio⁵⁵ explica que o nome “Caldeira do Inferno” não tem nenhum sentido profano. O objetivo é mostrar que a sua bodega “é um ponto de encontro, um instrumento de confraternização, uma caldeira de ideias dos filhos e amigos de Brejo Santo”, diz ele (Ver figura V e VI).

⁵⁴Matéria realizada pelo blog LP CARIRÍ: <http://lpdantasdesousa.blogspot.com.br/>

⁵⁵Com 66 anos de idade Chico de Sinésio pretende comemorar o centenário da Caldeira do Inferno com uma festa entre os amigos. No momento da entrevista iniciava-se a reforma do prédio.

Figura V: Brejo Santo-CE, Chico Sinésio



Fonte: <http://historiaedidatica.blogspot.com.br>
em 13/10/2012

*Figura VI: Bodega Caldeira do Inferno - Brejo Santo
– CE*



Fonte: <http://historiaedidatica.blogspot.com.br/> em
13/10/2012

Não diferente da Bodega Caldeira de Inferno, na região norte uma antiga bodega

vira ponto de encontro e cultura na cidade de Tianguá. Amauri Didi transformou o comércio herdado de sua família numa bardega que significa mistura de bar, bodega e espaço cultural para reunir amigos e visitantes.

Objetos antigos dão um toque especial à decoração do Bardega do Didi, que já serviu de inspiração para os boêmios e poetas que por ali passam, como é descrito nas figuras (VII) abaixo:

Figura VII: Bardega do Didi, Tianguá-CE



Fonte: onordeste.verdesmares.com.br. Imagens de Wilson Gomes em 19/09/2012

O Bardega do Didi é reconhecida na região por seus quitutes tradicionais, bebidas e ambientação *rústica*. O espaço cultural, como ele gosta que seja chamado, tem uma história bem interessante. Sua criação se deu na virada do século XXI, quando a família tinha uma tradição de bodega há pelos menos 60 anos, época da venda do pão, do milho, da farinha, do amendoim, que começou com Francisco Pinto de Carvalho, o "Seu Didi", patriarca que passou o comércio para os descendentes até chegar às mãos de Amauri Didi.

O verso a seguir, do poeta Lucarocas, corresponde a uma propaganda em que a bardega do Didi se apresenta ainda na atualidade como um dos "points" mais aconchegantes da cidade. "Eu fui encontrar cultura/No canto de uma cidade/Vi arte e literatura/Transformada em amizade/E através de um colega/Eu encontrei o Bardega/Para minha felicidade/".

E é desta forma que o estabelecimento é visto, isto é, uma bodega que virou bar e que virou ponto de cultura popular. O local dentro de sua originalidade é considerado por muitos, exótico. Na parede, um painel onde se faz a mostragem de cordel. Nas mesas dentro do bar, um livro para autografar. As mesas que ficam na calçada são formadas por tampo de carretel recolhidos nos assentamentos da cidade.

Como todo dono de bar, Amauri é bom de papo. Ainda mais se o cliente pedir o carro-chefe da casa, a famosa "Medicinal", que se trata de um coquetel à base de cachaça serrana, mel de abelha e limão.

A bebida é servida em copos de barro feitos por uma comunidade local. Já o mel é produzido pelo próprio dono em seu sítio. Para acompanhar, Didi oferece um feijão verde com queijo de coalho, ou um dos pratos mais comentados, as tanajuras assadas, típico do povo serrano, herança dos índios Tabajara. Uma identificação que se constitui em tradição que os distingue entre os cearenses. Tanajuras como alimento é altamente valorizada na região.

Amauri Didi revela em entrevista ao jornal virtual Diário do nordeste que por um certo período a Bardega teve que ficar de portas fechadas, diante da necessidade do dono de continuar nos estudos.

(...) A faculdade, que fazia em Sobral, roubou uma boa parte do meu tempo, que antes era dedicado a cuidar de uma tradição deixada pelo meu pai que foi a bodega, uma pequena mercearia. Tendo que ir e voltar todos os dias, fui perdendo parte dos clientes do comércio de mercadorias. Por causa disso ganhei outro tipo de clientela: os amantes da noite puxados com uma boêmia de um bom papo que vai de política à filosofia, que vinha sempre aqui no final do dia e pedia uma cervejinha, regada sempre com uma boa música da MPB regional⁵⁶.

Assim, encabeçado pelo seu sócio-proprietário e mais um grupo de amigos, que conta com profissionais liberais, professores e artistas, esses amantes da cultura e defensores da inclusão da educação e do social sempre se reunindo no Bardega criaram o Grupo de Estudos e Valorização da Cultura Tianguaense (Grecult).

Com o grupo, surgiram grandes projetos iniciados ali mesmo: a Noitada Cultural de Artes Integradas, realizada duas vezes por ano; a criação do Bloco Cultural Tanajuras da Serra, além de um acervo de pesquisas e produção de exposições de fotografias históricas.

A bodega passou, portanto, por uma transformação muito brusca, uma intervenção para chegar à forma em que se apresenta hoje. “Isso foi uma criação dentro de um processo, não foi uma criação rápida”, destaca Amauri.

Usou como modelo para essa transformação as andanças movidas por uma cultura popular. “Eu pude perceber que poderia, mesmo com um espaço pequeno, proporcionar à população não só de Tianguá, mas às pessoas que viriam visitar, um nicho diferenciado da cultura local”.

A decoração do Bardega é toda rústica. Objetos antigos ficam pelos cantos. É possível encontrar relíquias como vinhos, máquina de escrever e cédulas velhas. Outra tradição,

⁵⁶<http://diariodonordeste.globo.com/> em 20/09/2009.

como já citara anteriormente, é servir a seus frequentadores tanajuras⁵⁷ assadas que, também conhecidas como içá, era um dos pratos favoritos do escritor Monteiro Lobato.

“Engraçado, porque mesmo depois de séculos, aqui ainda se conserva esse hábito herdado dos índios. Aqui tanajura é comida, é dança, é música, é cordel”, explica Amauri. Se preferir, pode levar os ingredientes pra casa: garrafas de mel, cachaça e feijão verde.

Em meio a tantas peculiaridades o cenário da Bardega do Didi inspira poesia. Luiz Carlos Rolim de Castro, mais conhecido como Lucarocas já citado nesse texto, foi um dos que tomou a bardega como base poética. Escreveu um cordel para homenagear o ponto de cultura e encontro que dizia o seguinte:

Conhecer o Bardega é fazer um pouso na cultura com a suavidade da paz serrana/ é aquecer-se com a 'Medicinal' e embalar-se com a musicalidade do ambiente/ que faz a alma crescer na simplicidade da poesia, do romance, num momento de encontro/ onde a solidão não faz companhia e a alma se embriaga de amor/ Uma noite no Bardega do Didi é uma oração aos deuses notívagos da boêmia/ É mágico.

Lucarocas é professor de literatura e cordelista. Ele esteve por diversas vezes no Bardega do Didi. Na sua última visita, em julho do ano passado (2012), resolveu escrever um cordel, que narra como é para ele o Bardega. Afirmando em um de seus cordéis que o Bardega é na verdade um espaço cultural, uma coisa diferente. “Lá o que se escuta são os discos de vinil colocados na vitrola”.

O poeta também faz menção à parede que foi pintada de branco e onde foi montado um painel de cordéis, homenageando aqueles que se foram e não voltam mais. Para o escritor repentista, no Bardega tem espaço para a prosa e a poesia. É no entorno do balcão que se pode prosear à vontade, sentado em tamboretas feitos de madeira pura, bem próximo aos tonéis onde é armazenada a Medicinal.

“Eu vi que nas prateleiras de teto existe uma porção de objetos antigos que algum dia tiveram utilidade. Dá para parar no tempo e voltar ao passado, além de pouca luz que faz o

⁵⁷Içá ou tanajura é a formiga fêmea da saúva. No Ceará, também é chamada popularmente de formiga de asa ou formiga de roça. Em tupi-guarani, significa "formiga que se come". Ainda que a entomofagia (prática de alimentar-se com insetos) seja vista por muitos como um costume de gente primitiva, em diferentes partes do País esse alimento é considerado uma verdadeira iguaria. O consumo de içá tem origem em hábitos indígenas. O costume foi assimilado pelos colonizadores e hoje as formigas são consumidas em farofas ou ao natural. São torradas com água e sal, servindo de aperitivo, acompanhando bebidas fermentadas ou destiladas. Há, ainda, relatos de outros modos de preparar o alimento, como é o caso do prato composto por abdômens ovados de tanajuras com arroz e feijão, sendo aí a formiga utilizada como substituto da carne. A parte comestível é o abdômen da formiga, conhecida popularmente como a "bunda de tanajura". No Ceará, as tanajuras têm sido vendidas como afrodisíaco no comércio. Há, assim, uma relação da tanajura com o corpo idealizado da mulher: cintura fina e ancas largas.

clima ficar mais animado”, descreve Lucarocas, que chama a atenção para a existência de um par de chifres que fica praticamente abandonado.

Sobre as iguarias, o poeta faz alusão ao queijo, à rapadura, ao caldo de feijão servido em cumбуquinhas de barro, à linguiça na fritura, ao pirão, às frutas e verduras, sem esquecer a pinga com limão, a já muito comentada Medicinal.

“Medicinal é receita que não se vende em bodega. É um coquetel totalmente natural. Ela é feita somente pra quem é muito colega, é como se fosse um pacto de amizade”.

Em Aracati-CE, litoral leste do estado a 148 km da capital Fortaleza, destacamos a bodega casa Ponciano⁵⁸(ver figura VIII, XIX e X), localizada na Rua Grande, Centro Histórico de Aracati. O dono do estabelecimento, Senhor Zé ponciano, recebeu a equipe responsável pelo conteúdo do “blog Patrimônio para todos” para uma conversa descontraída, regada com o carro chefe de seu comércio, o suco de tamarindo, que antigamente era chamado de garapa ou refresco.

Figura VIII: Bodega casa Zé ponciano - Aracati – CE



Fonte: <http://patrimonioparatodosaracati.wordpress.com/26/11/2010>

A bebida, com receita em segredo, foi criada pelo pai do comerciante e que hoje continua com a tradição de produzir a mesma. Do ponto de vista estético, a bodega Casa ponciano exibe um conteúdo bastante tradicional, mantendo sua estrutura fiel ao início de sua inauguração na década de 1960.

Na prateleira, como aparece na figura abaixo, exibe um conteúdo de mercadoria bastante eclético, tal como em outrora, isto é, alimentos misturado a bebidas e outros produtos

⁵⁸ Blog [patrimonioparatodosaracati](http://patrimonioparatodosaracati.wordpress.com) em 26 de Novembro de 2010

de uso e consumo (cachaça, enlatados, margarina, óleo e etc.)

Figura IX: Casa Zé ponciano – Aracati-CE



Fonte: <http://patrimonioparatodosaracati.wordpress.com> em 26/11/2010

Na parede, exibe uma reportagem que traz como manchete principal os seguintes dizeres: “Mercearia resiste à Modernidade” como podemos ver na ilustração abaixo.

Figura X: Bodega Casa Ponciano-Aracati-CE



Fonte: <http://patrimonioparatodosaracati.wordpress.com/26/11/2010>

Rumo à Região Centro-Oeste, Sertão de Quixadá- CE, por ora nosso ultimo pouso. Na extensão da Rua Eudásio Barroso, que mais adiante se transforma em calçadão da Travessa Tiradentes, um bodegueiro mantém a velha bodega herdada do pai. De miudezas, quase nada,

apenas alguns maços de cigarro, isqueiros e coisas do gênero. Nas prateleiras, os litros e mais litros de cachaça se destacam, e por cima do balcão de madeira copos virados exalando o cheiro da bebida. (Ver figura XI)

Figura XI: Senhor Airton Cândido



Fonte: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br> 22/08/2010

É desse jeito que o senhor Airton Cândido segura a freguesia. Situada naquele ponto nobre do Centro de Quixadá, divide com sapatarias e livrarias o movimento da clientela. Por conta da variedade de pingas, “pinga gente toda hora, de toda parte, o dia todo” como afirma o proprietário.

Nas prateleiras empoeiradas estão à mostra mercadorias raras extraídas dos melhores canaviais do Nordeste, algumas delas envelhecidas há mais de meio século. Mas o comerciante garante que o ambiente ainda mantém a mesma estrutura dos tempos de menino, quando se orgulhava ao ver o sortimento na venda do pai.

Algum tempo depois, com a adolescência, viriam também as secas de 58 e 60, suficientes para devastar a colheita e arruinar os negócios da família, recorda o bodegueiro. A mãe, a doença levou. Meses depois, a tristeza pela perda da companheira e o desespero das dívidas tiraram a vida do pai.

Mas se há tristeza por um lado, pelo outro, só alegria. “Afim de contas não é toda escritora célebre, imortal da Academia Brasileira de Letras, que adentra uma baiúca de cachaça e leva de 15 litros de uma única vez”.

O bodegueiro garante que Rachel de Queiroz era freguesa certa. E comenta que,

Fazia questão de levar a aguardente empoeirada guardada no alto da prateleira. Nem pechinchava. Reconhecia no envelhecimento da bebida seu valor. Saía satisfeita com as garrafas na sacola para presentear amigos distantes. No entanto, a amiga não voltou mais porque a eternidade a levou.⁵⁹

Uma outra bodega que pode-se mencionar aqui, trata-se do estabelecimento do Senhor Francisco Ferreira de Assis. Sendo este um indivíduo de origem simples, nascido em família pobre cujo pai era agricultor, Seu Francisco Ferreira de Assis – daqui por diante Bodorô - inaugurou sua bodega ainda aos 18 anos para sustentar sua família. Hoje aposentado, somente abandonou suas funções como bodegueiro por razões de saúde (ver figura XII)

Figura XII: Senhor Francisco ferreira De Assis (Bodorô)



Fonte: <http://diariodonordeste.globo.com> em 22/08/2010

Numa entrevista emocionada concedida, também, ao jornal O diário de Nordeste, lembrando que no período da entrevista mantinha seu estabelecimento na ativa mesmo diante das dificuldades, como ele mesmo ressalta, Bodorô narra sua vivência como bodegueiro.

A manchete principal do jornal trazia a seguinte colocação: “tradição é mantida entre risos e lágrimas”⁶⁰

⁵⁹Baseado numa entrevista cedida pelo bodegueiro numa reportagem feita pelo jornal O Diário de Nordeste sobre as bodegas do interior cearense. 2008.

⁶⁰Reportagem realizada pelo jornalista Alex Pimentel para o jornal O diário do Nordeste em 12/10/2008

(...) Em Quixadá, de domingo a domingo, Bodorô, como é conhecido o aposentado Francisco Ferreira de Assis, abre as portas de sua bodega ainda cedo, como ele mesmo diz, “antes do galo começar a cocoricar”. Passa o dia ali, de um lado para o outro do balcão. Arruma uma coisa, desarruma outra, sempre à espera de mais um freguês, coisa rara nos últimos tempos. Mesmo assim não perde o bom humor. Tem de quase tudo para vender. “E se está faltando é porque não tem”, responde sisudo ao cliente que sai desajeitado. Por essas e outras é comparado a “Seu Lunga”, personagem folclórico do Cariri (...).⁶¹

A reportagem segue dizendo que Bodorô, de cara, parece enfezado, mas basta comprar uma ou duas iguarias para o bodegueiro de 70 anos, aceitar uma boa puxada de conversa. Entre uma história e outra, aos poucos vai deixando transparecer sua percepção de mudanças no tocante ao cenário das bodegas, sempre com um olhar no presente, tecendo diversas comparações com ares de saudosismo, como também de resistência às mudanças no cenário da cidade no decorrer de sua vigência enquanto bodegueiro. .

Segundo ele:

(...) antigamente a miséria era tão grande que vendia manteiga na colher, todavia, a freguesia que aparecia era de montão. Dava até para, de vez em quando, distribuir alguns bombons entre a meninada. Hoje, são justamente essas pequenas mercadorias como bombons, cigarros, ovos, e tudo na unidade, que sustentam o negócio montado há quase cinco décadas (...).⁶²

Das histórias sobre Bodorô, uma das mais interessantes é do “gato por lebre”. Onde ele conta que certa vez um desagradável freguês que não pagava as contas e ainda continuava a importuná-lo, pediu meio quilo de açúcar. Inconformado com o descaramento do cliente por conta da extensa dívida e algumas exigências, o bodegueiro não se conteve. Na hora de colocar a mercadoria no saco trocou o produto por sal. O devedor nem notou. Foi embora, mas logo depois retornou para reclamar do engano. Recebeu boa resposta: “Vai ver que o açúcar estragou. Tá ruim. Se quiser só tem assim! O freguês não pagou a dívida, mas também não voltou mais.”.⁶³

Para Bodorô, tais histórias não passam de exageros, conversa de quem não tem o que fazer e comenta que não foi bem assim. Para evitar confusão mandou pintar na parede do prédio: “Não aceitamos vale” e desde então, é dinheiro pra cá e mercadoria pra lá.

Essa sensação de saudosismo, presente na reportagem, fala de uma bodega defasada,

⁶¹Entrevista concedida ao jornal o Diário do Nordeste em 12/10/2008.

⁶²Jornal O diário do Nordeste – 12/10/2008.

⁶³ Idem

fadada a ser suprimida pela modernidade, mas ao mesmo tempo lugar de resistência, sempre reforçando sua legitimidade como principal ponto de venda de outrora, como mesmo coloca o entrevistado.

A ideia da reportagem era apresentar uma bodega resistente a uma suposta modernidade trazida pelo século XXI, de forma que fica evidente as tendências à folclorização tanto das bodegas como dos personagens bodegueiros, cabendo a ressalva de que aquelas se mantêm ativas como representação de um tempo passado, entretanto presentificada pela memória coletiva e individual.

Em suma, o cenário das bodegas estavam para muito além da lógica que as caracterizavam como comércio de varejo, representavam na época, como ainda hoje é comum, uma alternativa para que as pessoas, independente de grupo ou classe social, pudessem comprar o que precisavam no cotidiano enquanto consumidor.

CAPÍTULO 2 – O VAREJO SOBRE PERSPECTIVA

O varejo inclui todas as atividades relativas à venda de produtos ou serviços diretamente ao consumidor final, para uso pessoal e não comercial. Um varejista ou uma loja de varejo é qualquer empreendimento comercial cujo faturamento provenha principalmente da venda de pequenos lotes no varejo. Qualquer organização que venda para os consumidores finais seja ela um fabricante, distribuidor/atacadista ou varejista está executando a atividade varejo.⁶⁴

São diversas as definições de varejo que, em essência, tratam da comercialização direta relativa com os consumidores finais, independentemente das diversas formas como são apresentadas e está localizado entre o atacadista/fabricante e o cliente.

Na percepção das ciências Administração e Economia, o varejo compreende o processo de venda de produtos em quantidades relativamente grandes, a partir dos produtores atacadistas e outros fornecedores, para posterior venda em quantidades menores ao consumidor final, através das unidades varejistas (KOTLER, 1998).⁶⁵

Nesse sentido, Badin (1997)⁶⁶ em seu trabalho de pós-graduação na área da engenharia de produção, baseada na perspectiva de autores como Cyrillo (1987)⁶⁷ · Rojo, F.

⁶⁴KOTLER, Philip. **Administração de Marketing**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1998. <http://www.revistaportuaria.com.br/site/?home=artigos&n=zom>

⁶⁵Idem

⁶⁶BANDIN, Neiva Teresinha, **avaliação da produtividade de supermercados e seu benchmarking** - Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

⁶⁷CYRILLO, D. C. **O papel dos Supermercados no varejo de alimentos**. São Paulo: IEP/ USP, 1987.

(1996)⁶⁸, dentre outros, conclui que o varejo se qualifica no âmbito de todas as atividades envolvidas na venda de bens ou serviços diretamente aos consumidores finais para uso pessoal, não importando quem, como e onde são vendidos.

Classifica, ainda, as empresas de varejo segundo os recursos físicos empregados no contato com os compradores finais e considera duas modalidades varejista: varejista com loja e varejistas sem loja, sendo a primeira o caso mais comum e usualmente mais citado na literatura sobre o assunto.

Dentro dessa ótica, as bodegas se localizam na perspectiva do varejo como loja, por se caracterizar como um segmento varejista no ramo dos alimentos, mercadorias em geral e serviços, adicionando valores aos produtos e serviços vendidos para os consumidores finais, seja para seu uso pessoal ou familiar.

O varejo nada mais é do que um conjunto de operações cujo negócio final em um canal de distribuição liga fabricantes a consumidores, onde os fabricantes fazem os produtos para vendê-los a varejistas ou atacadistas.

Nesta relação, os atacadistas compram produtos de fabricantes sempre em grandes quantidades, para revendê-los a varejistas. Enquanto o varejo, de forma menos complexa, distribui estes produtos ou os revendem aos consumidores finais.

Em suma, a função do atacado é a satisfação das necessidades de varejos, enquanto a dos varejos é satisfazer a necessidade de consumidores finais. Com base nessa perspectiva, retorno a afirmativa de que as bodegas podem e devem ser entendidas como um tipo de comércio varejista misto e peculiar, tendo em vista as funções exercidas e a forma com que se colocam dentro de um contexto de trocas econômicas e sociais.

Caracteriza-se, sobretudo, por oferecer uma diversidade de produtos e serviços ao consumidor final, aquilo que por vezes são seus próprios fornecedores primários, isto é, atuam simultaneamente como produtor, fornecedor e distribuidor de seus produtos, como veremos mais adiante.

Partindo dessa premissa, onde se insere a bodega na categoria de comércio de varejo, o que se estabelece no decorrer desse capítulo é adentrar o universo de tais estabelecimentos e demonstrar, através do exercício de recordar de alguns usuários dos mesmos, a lógica que delineia as práticas de consumo, mediado pelo comportamento, interesses e visão de mundo dos sujeitos que interagem no seu cotidiano.

⁶⁸ROJO, F. **Tendências em supermercados**; Revista Super Hiper; Ano 22, n.253, 1996.

2.1. A BODEGA E A LEI NO SERTÃO QUIXADAENSE

Criada em 1870 após sua emancipação política do município de Quixeramobim, a primeira legislatura da câmara municipal de Quixadá⁶⁹ foi constituída por quixadaenses suplentes do Legislativo daquela cidade. Nela havia como uma das prioridades estabelecer a ordem no comércio local com base em leis específicas.

Naquele período, explica o estudioso João Eudes Costa em seu livro *Retalhos da História de Quixadá* (2002), não havia o cargo de Prefeito. O poder executivo municipal não funcionava com a atual estrutura administrativa, de maneira que as funções do executivo eram exercidas pelo presidente da Câmara Municipal, com a participação dos demais vereadores, muito embora os atos fossem executados apenas pelo presidente do Legislativo.

Segundo João Eudes Costa, nos primórdios da legislação os legisladores tiveram enorme cuidado na elaboração do Código de Posturas⁷⁰, o que denominaram de Carta Magna do Município.

Mesmo tendo como minuta o código de Quixeramobim, os vereadores tiveram a preocupação de adaptá-la às necessidades de um município recém criado, de maneira que houvesse respeito às leis municipais por meio da aplicação de pesadas multas aos transgressores.

Dentre as imposições expressas pelo primeiro código de postura do município, havia a obrigatoriedade de que os proprietários de diferentes categorias mantivessem limpa a frente de sua casa, plantassem árvores e obedecessem o alinhamento das ruas.

Com o passar dos anos, em meados do século XX dar-se início no cenário da cidade profundas transformações tal qual ocorrera em todas as demais cidades brasileiras, sobretudo no que tange o setor econômico e a autonomia dos municípios sobre ele. Isso se comparada ao início daquele século cuja municipalidades brasileiras possuíam grande autonomia administrativa, como informa Raquel Rolnik (1997) em seu livro “a cidade e a lei”.

No período denominado pela historiografia tradicional brasileira de a “Era Vargas”, as cidades, assim como os estados, perderam temporariamente, toda essa autonomia. As câmaras municipais foram fechadas, os governadores estaduais passaram a ser interventores designados

⁶⁹A primeira sede da Câmara situava-se em um prédio de dois andares, próximo a Praça Pedro II, construído em 28 de Setembro de 1896 pelo seu presidente Francisco Alves Barreira. No local, além do legislativo, funcionaram os poderes executivo e judiciário e a Escola José Jucá. O prefeito José Okka Baquit, autorizado pela Câmara, em 6 de junho de 1963, demoliu a construção histórica, transferindo para a atual sede na Travessa Tiradentes.

⁷⁰Documento que envolve questões administrativas e fiscais diretamente ligadas à municipalidade, mas que também são portadoras de aspectos do cotidianos que ajudam a (re) conhecer hábitos alimentares, maneiras de se comportar, formas de lazer, organização do espaço urbano e estruturação da economia local e regional.

pelo Governo da República e os prefeitos foram nomeados pelos mesmos”⁷¹

Vitor Nunes Leal, em sua obra “Coronelismo, enxada e voto”, apontou que a ideia de autonomia municipal, prevista na constituição de 1891, começou a ser cerceada ainda na Primeira República pelos interesses de administradores locais, estaduais e federais na condução de seus negócios.

Leal demonstrou como a máquina política da “República Velha” levou os municípios a uma grave deficiência administrativa. A partir de 1930 as municipalidades tiveram seu comando marcado por um sistema fortemente hierarquizado, sob tutela dos governos estaduais.

Durante o Estado Novo, portanto, essa tutela se aprofundou e os municípios ficaram privados de órgãos locais, sendo representados através dos Departamentos de Municipalidades e de um Departamento Administrativo que prestava assistência e exercia um severo controle sobre estados e municípios.

Tais órgãos eram responsáveis por aprovar os decretos-lei dos interventores e prefeitos. Ainda no Estado Novo foi criada a Comissão de Estudo dos Negócios Estaduais, que vinculava muitas medidas legislativas e administrativas estaduais e municipais à prévia aprovação do Chefe do Estado, subjugando totalmente as lideranças municipais.

As câmaras municipais só vieram a se reorganizaram em 1947 quando tiveram sua autonomia restaurada.⁷² Assim, na segunda metade do século XX, já voltara a gozar de uma maior liberdade na administração econômica das cidades.

Entre as décadas de 60 a 80 do mesmo século, surge um novo desafio em que coloca as cidades diante de uma política governamental, a nível estadual e nacional, que defendia e buscava construir uma nova sociedade pautada em interesses econômicos e sociais urbanos diferenciados, condizentes com uma estrutura bastante definida de país desenvolvido e civilizado, assunto que será melhor trabalhado no nosso próximo capítulo.

Nesse momento o que interessa é enfatizar o fato de que, no que diz respeito as atividades varejista das bodegas, o código de postura atuava na fixação dos preços dos alimentos, acompanhando de perto a atividade dos bodegueiros e demais comerciantes da cidade.

Para assegurar seu cumprimento ou pelo menos dificultar as infrações ou astúcias mais corriqueiras dos comerciantes, os fiscais municipais entravam em ação circulando pelas

⁷¹ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 1997, p. 52.

⁷²LEAL, Vitor Nunes. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo, no Brasil. São Paulo: Alfa-Omega, 1975, p. 81-86.

lojas, bodegas, açougues e botequins, para conferir se tudo estava dentro do previsto, punindo os infratores com pesadas multas e com isso garantindo que as leis e posturas municipais fossem cumpridas rigorosamente.

Constatou-se, pois, que ao longo dos anos o poder municipal seguiu utilizando instrumentos legislativos habituais na busca por ordenar, reordenar e controlar a vida dos habitantes e suas atividades no espaço público, do qual os códigos de posturas serviam como formas balizadoras.

A esse respeito, Rolnik (1997) apresenta um argumento que legitima esse aglomerado de normas como um conjunto de leis municipais que “regulam a produção do espaço da cidade”, definindo formas de apropriação proibidas e permitidas, agindo como “um marco delimitador das fronteiras do poder” e funcionando “como uma espécie de molde da cidade ideal ou desejável”.

Desse modo, as posturas eram nada mais senão que tentativas, isto é, medidas de controle do ambiente e das atividades urbanas adotadas pelas câmaras municipais, que lhe incumbiam, ainda, a responsabilidade de controle e fiscalização das atividades do comércio varejista em geral, dentre os quais, padeiros, açougueiros, bodegueiros, vendedores ambulantes e demais comerciantes que tinham suas atividades regulamentadas e tributadas.

Os códigos prescreviam o permitido e o interdito aos comerciantes, além de expressarem preocupações quanto ao asseio, salubridade dos alimentos e sossego públicos, assuntos que periclitavam a todo o momento no agitado espaço das bodegas.

Ademais, os estabelecimentos que realizavam vendas a retalho e utilizavam balanças, pesos e medidas variadas para gêneros sólidos e líquidos como cereais, açúcar, carne e cachaça, deviam tê-los aferidos pelos fiscais anualmente, para o que também era cobrada uma taxa.

Os fiscais acompanhavam os estabelecimentos quanto aos horários de funcionamento, mudanças de endereço, de proprietários e aplicavam multas aos infratores das posturas e aos que trabalhavam sem a devida licença.

Tratando-se do comércio de alimentos, os códigos de posturas estabeleciam normas claras para a higiene do local onde eram comercializados, limpeza dos utensílios, exatidão dos pesos e medidas e quanto à qualidade dos alimentos vendidos que não poderiam estar deteriorados ou adulterados, sobretudo os mais perecíveis como carnes, hortaliças, frutas e leite.

A preocupação com a higiene e salubridade no comércio de alimentos tinha relação com a busca pela melhoria das condições sanitárias das cidades brasileiras, parte do programa de desenvolvimento das cidades em termos de infraestrutura urbana, carro chefe da política do

governo da segunda metade do século XX.

Convém esclarecer que as preocupações com a salubridade no quadro urbano, residências, matadouro, açougues, armazéns e bares observadas nos códigos de posturas de Quixadá estavam presentes também nos códigos de outras cidades brasileiras.

No que consiste aos pesos, medidas e balanças utilizadas nas transações comerciais, conforme os códigos de posturas, deveriam seguir o sistema métrico vigente no país que era o sistema internacional, estando sempre em bom funcionamento.

Adotado ainda no período imperial, o sistema internacional nunca foi unanimidade entre comerciantes e consumidores. As antigas e costumeiras medidas continuaram a ser utilizadas juntamente com as novas, adotadas como oficiais pelas autoridades.

A partir das informações contidas nos livros de alvarás da prefeitura municipal, foi possível identificar boa parte do comércio bodegueiro no município, isto é, aqueles registrados legalmente, como também permitiu vislumbrar, de maneira geral, como e onde se estabelecia e se organizava o comércio Quixadaense: O proibido e o permitido aos comerciantes, suas relações com o poder público e entre si, bem como estratégias da municipalidade e as táticas cotidianas dos comerciantes⁷³.

Como determinavam os códigos de posturas, para funcionar legalmente todos os comerciantes deviam pagar uma taxa para obter o alvará de licença da prefeitura. No requerimento do alvará constava o ramo de seu comércio e que tipo de mercadoria pretendiam vender, além da localização do estabelecimento comercial.

Atendendo esse perfil, em meados dos anos 60 do século XX, dos 40 comerciantes registrados nos livros de alvarás que solicitaram licença para abrir um estabelecimento comercial, que poderíamos classificar como bodegas, 70% deles informaram que iriam se estabelecer no quadro urbano da cidade, em sua maioria no centro. Distribuíam-se pelas ruas principais dentre as quais a Rua Eudásio Barroso, Epitácio Pessoa e José de Queiroz pessoa.

Cruzando, no entanto, esta informação com as entrevistas coletadas entre os moradores da cidade, principalmente entre os comerciantes autointitulados bodegueiros, identifica-se que muitas delas, senão em sua maioria, funcionavam clandestinamente, sem licença, fora do alcance dos fiscais. Em geral localizadas nos bairros da cidade, dos quais destacamos os Bairros Campo Novo (+ou- 5), Campo velho (+ ou -5) e Alto São Francisco (+ou - 9).

Nesses locais muitos bodegueiros informais atuavam em suas próprias casas. E é dentro desse universo, sendo mais precisa, o universo das bodegas informais, que me propus a

⁷³CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer. Op. cit.

construir um perfil de um tipo de comércio varejista tão dinâmico e particular que perdurou por todo o século XX como principal ponto de vendas no varejo da cidade e dos municípios vizinhos.

Foco na estrutura física e público frequentador, que no período em foco viria conhecer e dividir o mesmo espaço com uma outra lógica de varejo, sendo este pensado dentro da perspectiva conceitual que coloco no início desse capítulo - os supermercados.

2.2- BODEGAS E BODEGUEIROS

“Era muito comum a prática da venda pela janela, prática também realizada entre os comerciantes legalizados (...) quando alguém precisava de algo fora do horário de funcionamento ou mesmo em fins de semana era atendido pela janela do estabelecimento” Informa o senhor Laertes da Silva Sousa⁷⁴.

De certo, as bodegas são estabelecimentos comerciais que historicamente possuem sua lógica própria, funcionando e se ajustando conforme as necessidades do cotidiano de seus fies e imprescindíveis fregueses.

De um modo ou de outro, o bodegueiro sempre recorreu as suas táticas para ir onde estava o freguês, e isso me faz lembrar Giovanni Levi ao analisar as múltiplas estratégias construídas pelos habitantes do vilarejo de Santena, frente às incertezas de um tempo de mudanças, buscando se proteger dos acontecimentos no período do Antigo Regime ou se apoiar neles para “melhorar suas chances”.

“Durante a vida de cada um aparecem ciclicamente, problemas, incertezas, escolhas, enfim, uma política da vida cotidiana cujo centro é a utilização estratégica das normas sociais.” Dessa forma, o poder é a recompensa daqueles que conseguiram explorar os recursos de uma situação (LEVI, 2000, p.45)

Nesse sentido, com base no que se pode concluir nas análises realizadas até o momento, arriscaria dizer que, via de regra, bodegueiros são tipos de comerciantes inseridos no comércio varejista de alimentos e múltiplos serviços oferecido ao público, tal qual aparece na história de Levi (2000), isto é, sujeitos que dentro de suas possibilidades tecem diversas táticas para fazer freguesia e vender seus produtos aos moradores da cidade, seja nos bairros ou povoados vizinhos.

No período a qual remonta esse estudo, não raramente os bodegueiros exerciam outras funções além de comerciantes, à medida em que transformava seu estabelecimento em

⁷⁴Laertes da Silva Sousa, bodegueiro aposentado, 85 anos.

um misto de funcionalidade. O pão e a carne, por exemplo, faziam parte das mercadorias oferecidas cotidianamente pelo bodegueiro, assumindo assim a função de padeiros e açougueiros sem necessariamente sair de seu estabelecimento, por vezes vinculado a sua casa, o que de certo, irritava muitos padeiros e açougueiros de ofício.

No bairro do Campo velho, onde residia e ainda reside Seu Laertes, o pão e a carne eram produzidos localmente e fornecidos pelas bodegas, inclusive a sua. Em seu livro caixa, registrou a compra de vários animais vivos para abate, dentre eles 6 porcos, 5 bois e 3 cabritos, deixando claro sua atividade de bodegueiro e criador, ou melhor, abastecedor de si mesmo.

Em seus registros encontram-se observações como: “dinheiro de 1 vaca que matei”, “1 (um) boi que carnei” e compra de “1 boi que carneou hoje”... Através de suas anotações identificamos que em sua bodega a carne era vendida para fregueses comuns e até mesmo outros bodegueiros. Lembrando que os animais eram abatidos nos fundos do estabelecimento, sendo ali um local, mesmo sem estrutura adequada, reservado para isso.

Com base nessa informação, pontua-se uma prática bastante recorrente que consiste no modo com que alguns bodegueiros abasteciam seus estabelecimentos, isto é, era extremamente comum que alguns pequenos bodegueiros informais fizessem suas compras nas bodegas maiores, normalmente aquelas mais bem sortidas, como era o caso de nosso entrevistado, levando para casa um pouco além do necessário ao consumo de sua família. Quando algum vizinho precisava, vendia-se.

Nesse contexto, os bodegueiros que não fabricavam pão ou abatiam animais, mesmo assim, vendiam tais alimentos, isso porque compravam de outros comerciantes – de outros bodegueiros, padeiros e açougueiros do município e de fora. Muitos funcionários de padarias e açougues percorriam as bodegas da cidade e do interior com suas carroças entregando as mercadorias.

Em suma, vender pão e carne, ao lado dos demais alimentos, ferramentas e utensílios domésticos, era mais uma conveniência oferecida pelos bodegueiros para satisfazer e cativar seus clientes, que muitas vezes degustavam sobre o surrado e polido balcão comidas simples, mas reputadas como autênticas iguarias.

Enfatizo, ainda, que a lista de compromissos e funções que exercia um bodegueiro era grande. Muita gente dependia de sua oferta diária para comer, vestir, trabalhar e se divertir, transformando a figura do bodegueiro como uma estratégia para a vida e economia da cidade.

Muitos deles cediam seu estabelecimento para fins políticos, dando apoio a candidatos locais em processo de campanha eleitoral. Isso quando os mesmo não se aventuravam como candidatos, visto que sua presença na vida da cidade era extremamente

marcante, legitimando-se como bons articuladores e verdadeiros líderes locais, em função das trocas de favores, agiotagem, fiados e compadrio, fossem eles pequenos, médios ou grandes bodegueiros.

Outra característica dos bodegueiros que merece ser destacada, diz respeito ao fato de que muitos comerciantes exerciam duas ou mais atividades, como já pontuara anteriormente. A justificativa se dava pelo fato da bodega surgir como uma fonte complementar da renda familiar, muito embora, em sua maioria, com o tempo se transformasse em fonte de renda principal.

Exerciam atividades como serralheiro, agricultor, pecuarista, açougueiro, padeiro, pedreiro ou várias dessas possibilidades ao mesmo tempo, sendo que nem sempre essas atividades eram exercidas fora do estabelecimento, mas no geral era mais uma das funções e serviços oferecido pelas bodegas.

Francisco Lopes Bersa⁷⁵ foi bodegueiro durante quase 40 anos no Bairro Campo Novo, iniciando sua atividade ainda quando o bairro estava se estruturando. Recém chegado da cidade de Capistrano, mas precisamente da zona rural de Capistrano, a comunidade de São Bento, migrou para Quixadá com sua esposa no intuito de trabalhar no comércio, levado pela atual conjuntura da cidade que apresentava um considerado crescimento econômico entorno do cultivo do algodão. Muita gente saiu das cidades vizinhas para buscar melhorar de vida em Quixadá, diz seu Bersa:

(...)Vendi uns bichinhos que criava no quintal de casa, uns dois cabrito, umas galinhas (...) lá eu plantava umas coisinhas também. Mas aí era muito difícil com a falta de chuva. Então eu peguei minha mulher. Grávida. A gente tinha acabado de casar. E vinhamos para cá. Veio nós e mais uns lá (...) No começo ficamos na casa de um tio da minha mulher. Meu compadre. No Campo velho. E depois arrumei uma casinha aqui e fiquei morando. Na casa mesmo abri o negócio, mas trabalhava pra fora também, ajudando na construção civil⁷⁶.

Quer dizer, vários foram os elementos que corroboraram para a vinda de seu Bersa para a cidade, envolvendo questões sociais que vão desde a seca e a precária vida na roça a questões econômicas, que colocava no topo das cidades promissoras, em termos de crescimento e desenvolvimento urbano, a Quixadá.

O que pontuo na fala do entrevistado, todavia, é o fato de admitir o exercício de outras atividades fora e paralela às bodegas. No caso dele, era a construção civil, mas assim como tantos outros casos, poderia ser as mais diversas categorias de trabalho.

⁷⁵Ex- bodegueiro e aposentado, 80 anos.

⁷⁶Acero da autora: Entrevista concebida em 21 de março de 2012.

Não se pode deixar de mencionar aquelas bodegas maiores, que logo logo assumiram posto de armazém, como é o caso de seu Laertes. Aos poucos, diversificar a oferta de mercadorias e serviços passou a ser uma prioridade em seu estabelecimento.

Criavam ou compravam porcos e galinhas vivos dos agricultores e às vezes até recebiam como forma de pagamento de seus fregueses. Chegaram a comprar um pedaço de terreno fora da cidade, que funcionava como um pequeno abatedouro de porcos. Na bodega vendiam a carne, os embutidos e a banha, muito consumida pela freguesia em função do sabor e do preço.

Seu Saraiva⁷⁷ colabora com a pesquisa discorrendo sobre sua experiência como bodegueiro. Nosso entrevistado enfatiza que já “nascera dentro de uma bodega”, considerando o fato de que quando seu pai migrou com a família do distrito de Cipó dos Anjos para a sede (Quixadá) no ano de 1965, já era proprietário de uma bodega na localidade em que residia.

Chegando a Quixadá manteve o estabelecimento também na sala de casa - nesse sentido, podemos identificar as bodegas como uma extensão do lar - localizava-se na antiga rua do bar das almas, próxima ao cemitério, lembra o entrevistado, e era um negócio da família.

(...)Todos os filhos trabalhavam no estabelecimento. Quando eu ainda tinha nove anos que o papai saía pra trabalhar no comércio de animais ou nos transportes de lotação – que ele também trabalhava no ramo da pecuária - ficava eu e meu irmão mais velho tomando conta da bodega. Quando um saía pra almoçar, o outro ficava, e assim a bodega ficava quase que direto. O dia todo.⁷⁸

Precisamente o entrevistado relata e define através de suas memórias o lugar da bodega e enfatiza que: “O espaço da bodega não existia sem um balcão” (...) ⁷⁹ Um espaço simplório, mas de uma dimensão social enorme, por onde transitavam doutores e agricultores. E ele segue relatando sobre a importância daqueles estabelecimentos no comércio da cidade, o uso dado a elas e algumas práticas que comumente circulavam e caracterizavam seu cotidiano:

(...) A bodega teve um papel que não pode se deixar de fora parte de todo esse

⁷⁷Francisco José Saraiva Nobre, 45 anos. Filho de bodegueiro. Bodegueiro. Atualmente Comerciante. A entrevista foi realizada com a finalidade de compor o acervo da pesquisadora. Este entrevistado, nos concedeu a entrevista em sua casa localizada no município de Quixadá. Embora dentro do recorte cronológico da pesquisa sua fala pareça irrelevante, a tomei como ponto de apoio para esse estudo em virtude de ter vivido toda sua infância dentro de uma bodega- isso falando da década de 1970, visto que era uma propriedade de seu pai que funcionava na sala de sua casa. Apesar de na época em foco e ainda hoje residir em Quixadá, ressalta-se que este nasceu em um pequeno distrito pertencente a Quixadá denominado Cipó dos Anjos, cuja população, segundo relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2000, é contabilizada em menos de três mil habitantes, localizada a vinte quilômetros da sede do município.

⁷⁸ Acero da autora: Entrevista realizada em 20 de Julho de 2010

⁷⁹Idem

contexto comercial, como sendo um ultimo ponto de venda. Por que vinham assim aqueles pontos maiores os comércios grandes... Quando você não tinha o dinheiro corria pra bodega e quando tinha o dinheiro já pegava o dinheiro e corria para o mercantil...A facilidade de crédito, os alimentos diversificados e por um preço mais acessível, eram um dos principais atrativos das bodegas. Sendo as bodegas um comércio de varejo, os alimentos vendidos eram principalmente arroz, feijão, açúcar e farinha. Os sacos desses alimentos ficavam espalhados por aquele ambiente e os fregueses, por sua vez, possuíam até mesmo o direito de degustarem uma pequena porção(...)Um dos alimentos mais cobiçados pelos usuários também era a carne de charque, que era comum ser degustada ali mesmo passando assim pelo “controle de qualidade”. Outros alimentos que faziam bastante sucesso eram os biscoitos, bolachas e maria-maluca. Contudo, por um preço mais acessível era possível comprar as bolachas de água e sal, além da bolacha doce.⁸⁰

Os alimentos eram comercializados a pesos e medidas, isto é, fragmentados. As embalagens não tinham a regulamentação do comércio atual. Os alimentos eram pesados pelo dono da bodega numa balança ou utilizava-se de um recipiente de zinco para medir o produto, denominado litro, que equivalia a um quilo.

Sobre essa questão, Maria Luiza Oliveira (2005) chama atenção para um dado importante acerca das relações freguês/bodegueiro: o ato de confiar desconfiando, assunto que será desenvolvido mais adiante. A desconfiança, diz ela:

(...) também podia fazer parte dessas relações, não deixando de haver no cliente o temor de estar sendo eventualmente lesado em alguma compra. O negociante tinha maleabilidade, era ele que lidava com as mercadorias, preparando-as para a venda. Produtos como manteiga, farinhas, grãos, arroz, sabão eram manipulados pelo comerciante, que pesava, embalava e dava o preço. Não vinham prontos como no comércio urbano atual, com peso e preços fixos, podendo ser facilmente comparados de local para local (OLIVEIRA, 2005, P. 280).

Nesse sentido, não existia uma uniformização dos pesos e medidas. O litro utilizado nas bodega do pai de seu Saraiva, por exemplo, poderia ser maior do que o empregado na bodega de outro comerciante, o que afetava diretamente a quantidade dos alimentos.

Várias regulamentações, no entanto, surgiram e padronizaram, dentre outras áreas, a venda no varejo de alimentos⁸¹, visto que a venda a retalho favorecia ao pequeno comércio em

⁸⁰ Idem

⁸¹O crescimento industrial no século XX fortaleceu a necessidade de criar no Brasil instrumentos mais eficazes de controle que viessem a impulsionar e proteger produtores e consumidores. Em 1961, foi criado o Instituto Nacional de Pesos e Medidas (INPM), centralizando a política metrológica nacional. Para a plena execução de suas competências, ele adotou, em 1962, o Sistema Nacional de Unidades (SI) consolidado pela 11ª Conferência Geral de Pesos e Medidas em 1960. Os Órgãos Estaduais, hoje conhecidos como Órgãos Delegados, recebem a incumbência de execução de atividades metrológicas, atingindo cada região do País. O crescimento econômico verificado no Brasil ao final da década de 1960 motivou novas políticas governamentais de apoio ao setor produtivo. A necessidade de acompanhar o mundo na sua corrida tecnológica, no aperfeiçoamento, na exatidão e, principalmente, no atendimento às exigências do consumidor, trouxe novos desafios para a indústria. Em 1973, nascia o Instituto

relação aos maiores, que começara a ganhar melhor visibilidade no comércio urbano da cidade no decorrer da década de 1970.

Era um hábito extremamente comum, tanto entre aqueles que não possuíam condições financeiras para comprar um quilo inteiro de um determinado alimento, como aqueles que detinham um maior poder aquisitivo, realizar compras em pequenas quantidades.

No que diz respeito a essa questão, Saraiva acentua que:

(...)As pessoas costumavam comprar de meio quilo de arroz, duzentos gramas de feijão, uma colher de manteiga, meio pacote de macarrão. Eu mesmo cheguei a vender meio copo de óleo porque as pessoas não podiam comprar uma lata inteira. Era assim que funcionava. Às vezes eu fazia sopa, caldo em casa e vinha gente de toda vizinhança comer aqui(...)⁸²

Em conversa com outro colaborador/entrevistado da pesquisa, outros elementos foram ganhando destaque no que tange os signos e objetos de trabalho que atribuem a bodega características bastante peculiares, ou como queiram, uma identidade, dentre elas a maneira como se preparavam e embrulhavam-se os alimentos vendidos.

Utilizava-se de um tipo específico de papel conhecido como papel de embrulho ou fuleiro, de folhas imensas e amareladas, que eram medidas conforme o tamanho da mercadoria. Após selecionado, pesada e medida a mercadoria solicitada pelo freguês, que era a granel, o dono da bodega entrava em ação com uma maneira muito particular de embrulhar os alimentos, com o desafio de não derramar uma única porção.

Eu aprendi a embrulhar (...) Inclusive de todos os irmãos eu era o único que conseguia embrulhar com a mão esquerda. Era o único canhoto que tinha (...) meu pai sempre me ensinou a treinar com jornal (...) E na verdade a gente conseguiu aprender naquele papel de embrulho (...) aquele papel meio escuro...a gente ia treinando botando alguma coisa, e sempre treinando, até que consegui esse dom (...)⁸³

No que assiste a distribuição das mercadorias, eram raras as bodegas que dispunham de uma divisão organizada nas suas prateleiras. Os famosos sacos de farinha, açúcar, feijão possuíam uma localização mais definida; porém, outros alimentos ficavam misturados de maneira que no momento das compras apenas o bodegueiro sabia trilhar os caminhos para encontrar a mercadoria desejada pelo freguês.

Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial, o Inmetro, hoje chamado Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia. Fonte: <http://www.inmetro.gov.br>

⁸²Acero da autora: Entrevista realizada em 20 de Julho de 2010

⁸³Idem

E como levar as compras feitas para casa? Esta era uma outra questão que se colocava.

Bem, entre as famílias quixadaense existia um hábito muito comum: até meados do século XX em quase todas as casas existia um balaio. Este era levado até o estabelecimento e, dependendo da quantidade, era transportado de volta em carroças ou “burros de cargas”.

Quando as compras do freguês não cabiam em seu balaio, o dono da bodega não hesitava em conseguir um saco, ou uma caixa vazia de algum item da sua bodega que já havia acabado, afinal o lema era nunca desagradar o freguês para que esse pudesse voltar sempre.

No entanto, algumas bodegas ao longo da década de 1960, 70 foram aderindo lentamente às sacolas de papel que eram confeccionadas artesanalmente.

As sacolas de papel eram feita artesanalmente, tinha todo um jeito especial de fazer. Era o papel, parecido com aquele papel grosso de vender cimento que a gente ver por aí, e pra colar a gente usava o grude, que era uma cola feita em casa - Uma espécie de mingau feito de goma e água quente. Tirava um dia da semana pra fazer o papel. E quem fazia a festa era a meninada, por que aqui em casa todo mundo ajudava a fazer.⁸⁴

Outra observação remete ao fato das crianças também se fazerem presente na rotina de trocas recorrentes na bodega, servindo como mediador da compra entre bodegueiro e os pais. Era muito comum que a qualquer hora do dia os pais ordenassem a seus filhos, em posse da caderneta, comprar algum tipo de alimento ou mercadoria que precisavam de imediato em casa: pães, vassouras de palha, ovos, leite, farinha, açúcar, manteiga etc. As crianças, como recompensa, muitas vezes tinham o direito de pegar algum doce ou qualquer outra guloseima na conta do pai.

Lembro de quando meu pai ou minha mãe me mandavam fazer algum mandato pra eles na bodega, como recompensa permitiam que eu também pegasse um dindim na conta- o dindim era feito pela finada Luzia mulher do dono da bodega, que era o Seu Zé Rodrigues - E eu adorava aquele dindim de groselha (...)(risos)⁸⁵

E assim ia- se delineando o cotidiano das bodegas mediados pelo consumo de alimentos, e independente de escolaridade e lugar social, os frequentadores se utilizavam das mesmas para os mais variados fins, seja como ponto de venda, espaço de discussão política, lugar da pinga, dentre outros.

Ademais, entre os frequentadores das bodegas estavam tanto os moradores de suas

⁸⁴Idem

⁸⁵Acervo da autora: Relato do Senhor Nestor Nascimento, 37 anos, filho de um freguês da bodega do Seu Zé Rodrigues. Entrevista realizada em 02 de Dezembro de 2010.

vizinhanças como pessoas que vinham de outros bairros. Estes no intuito de fazer suas compras adentravam suas portas passando a ser reconhecidos pelo bodegueiro como também seus fregueses.

Assim era a bodega de seu Laerte. Por ser bem servida de produtos, trabalhava-se no varejo e no atacado fornecendo mercadorias tanto para os fregueses comuns que compravam a retalho, como para outros pequenos comerciantes do mesmo bairro, de outros vizinhos e até mesmo de povoados próximos.

Seu Laertes explica que,

Haviam muitas pequenas bodegas espalhadas pelo município que vendiam poucos gêneros e bebidas. Seu reduzido e pouco diversificado estoque era renovado através de compras realizadas nas bodegas maiores na cidade. As pequenas bodegas da zona rural, por exemplo funcionavam como pontos de apoio para a população local, que em função das distâncias, estradas ruins e do trabalho na roça, tinha dificuldades para se deslocar constantemente à cidade para comprar mercadorias que não produziam. E vinha gente de todo lugar comprar comigo. Era conhecido⁸⁶.

Dessa forma, esses estabelecimentos maiores da cidade, mediados por outros de menor porte dos vilarejos e comunidades próximas, exerciam um papel fundamental também para o abastecimento das famílias de regiões vizinha.

Uma observação que merece destaque diz respeito ao envolvimento dos bodegueiros com diversas atividades, traduzindo-se como uma estratégia para manter os negócios equilibrados e sempre lucrativos. Uma dessas estratégias está implícita na variedade de produtos e serviços ofertados a seus fregueses, corroborando para um aumento da freguesia.

Nessas condições, aqueles que possuíam depósitos para compra, armazenamento e venda de produtos, sobretudo de cereais, possuíam maiores possibilidades de atrair fregueses principalmente aqueles ligados a atividades agrícolas.

Ao depositar e muitas vezes vender sua produção aos bodegueiros, os agricultores faziam suas compras na mesma bodega, à vista ou a crédito, estabelecendo uma relação de conveniência para ambos. A presença dos depósitos no município, nos quais os comerciantes armazenavam as safras dos produtores agrícolas para posterior revenda, pode ser notada desde o início do século XX.

Os comerciantes “menores”, que investiam menos capital no seu estabelecimento, também buscavam melhorar suas possibilidades de ganho diversificando as atividades. Vários deles vinculavam-se a alguma atividade como padaria ou pequeno açougue. Táticas do cotidiano

⁸⁶Acervo da autora: Entrevista concebida em 18 de Março de 2012.

como já pontuara anteriormente.

Tem-se o exemplo do pai de Dona Gizeuda⁸⁷, bodegueiro entre as décadas de 40 e 60 do século passado, que comprou um terreno no bairro Alto São Francisco, que já era bem populoso. Lá ele construiu uma casinha e abriu uma bodega. O trabalho envolvia toda a família. Um dos seus irmãos, relata dona Gizeuda, ficava na bodega e os demais iam para o roçado que tinham na zona rural da cidade, na comunidade de poço cumprido.

(...) não era grande coisa o comércio (...) Lá vendia mais pinga, mas vendia também açúcar, café, vassoura, ovo... O que os homens colhiam na roçado, era colocado a venda lá. Tirava um pouco pra casa e o resto vendia lá (...) ⁸⁸

Constata-se, assim, que muitos bodegueiros também exerciam a atividade de agricultor. Sendo, pois, seus próprios fornecedores e indo mais além, fornecedor de outras bodegas o que configurava mais uma alternativa de ganho.

2.3 – UM EMPREENDIMENTO FAMILIAR

A atuação feminina na composição e manutenção de algumas bodegas era fundamental, configurando-se como “alternativa de ganho” no âmbito de tal estabelecimento. Nos livros de licenças da câmara municipal analisados, poucas mulheres foram registradas solicitando alvará para abrir uma bodega. As licenças eram geralmente solicitadas pelos maridos.

Alguns relatos, entretanto, apontam que no cotidiano do balcão elas faziam toda a diferença, como se pode perceber no relato do Senhor Anísio Lopes de Oliveira, ex-bodegueiro, 75 anos, no Bairro Campo Velho entre a década de 1960 a 1990.

Enquanto eu trabalhava como serralheiro durante o dia contava com a ajuda de minha esposa, Irene, ou algum filho para atender os fregueses na bodega. Depois do trabalho na serraria voltava para casa e assumia o segundo expediente. Cuidava da bodega até tarde de noite. ⁸⁹

Em muitos casos, as mulheres eram personagens fundamentais para a manutenção da dinâmica das bodegas, seja assumindo o balcão, na contabilidade ou no preparo dos alimentos servidos no ambiente.

Quando seus maridos precisavam sair do estabelecimento, seja a trabalho ou

⁸⁷Gizeuda da Silva Lima. 82 anos. Dona de casa, filha e esposa de bodegueiro.

⁸⁸Acervo da autora: Entrevista em 29 de Novembro de 2010.

⁸⁹Acervo da autora: Entrevista realizada em 21 de Novembro de 2011.

resolver qualquer outro assunto, no geral as mulheres entravam em ação atuando mais diretamente no cenário da bodega, assumindo o balcão.

Seu Anísio lembra de como funcionava o dia a dia do estabelecimento. Sua mulher conhecia bem a dinâmica do trabalho do marido. Ela se dividia entre as tarefas domésticas e do comércio, onde a vida pública e privada se confundia.

Em sua fala, o entrevistado enfatiza e justifica a presença da esposa discorrendo sobre o tipo físico e a localização de sua bodega. Afirma que “a casa era para dentro e na frente era a bodega. Tinham as portas, duas portas grandes, e para dentro morava a família e isso facilitava a ajuda da esposa”.

Segue dando outro exemplo de homens que contavam com a atuação direta da mulher na bodega. O Murilo, diz ele, “quem cuidava da bodega era a mulher dele. Tinha vários filhos, mas a mulher era quem mandava. E lá na família dos Inácio, que era a família que cuidava! era o pai, a mulher, os filhos... até as moças”.

Na verdade, naquele cenário urbano a presença da família era marcante em alguns comércios. Além do envolvimento da mulher, a presença dos filhos também era bastante forte, fazendo da instituição familiar um fator decisivo nesse ramo do comércio. A esposa ajudava no balcão e na confecção de guloseimas, enquanto um filho era escolhido para ficar no caixa.

Seu Antônio,⁹⁰ atualmente dono de um mercadinho no Bairro Campo Velho, lembra que seu pai foi proprietário de uma bodega no mesmo bairro no decorrer das décadas de 1960 a 1980 mais ou menos. No entanto, quem cuidava era sua mãe, Neusa, enquanto ele cuidava de outras atividades: “Ele cuidou muito da lavoura, diz seu Antônio, e assim foram fazendo capital também. Criavam muito gado. E ela, vendia doces e tudo que pudesse produzir com o leite da vaca. A carne também era vendida por trás do seu balcão”

Essa característica de empreendimento familiar, a diversificação do trabalho e sua divisão entre seus membros, muitas vezes levavam as mulheres a assumir o comando dos pequenos comércios na ausência do marido ou enquanto eles cuidavam de outros negócios da família.

Sob um outro prisma, uma vez definidos como espaços de comércio, as bodegas também se colocavam na cidade como legítimo espaço de lazer, sobretudo masculino, muito embora recebessem também as mulheres que podiam estar presente não somente como ajudantes do seus maridos, mas também como parte da freguesia.

Convém lembrar que, no geral, a mulher freguesa seguia algumas restrições com base em certas etiquetas, como por exemplo, realizar suas compras em horários cujo a presença

⁹⁰ Antônio Paulino da Silva, 86 anos, comerciante e filho de bodegueiro.

masculina fosse reduzida.

Assim, a frequência da mulher nas bodegas não deveria ultrapassar os fins de tarde, observa dona Gizeuda: “Nesse horário de fim de tarde, as moças não deviam ir. Porque? Porque era o horário que tinha muitos homens e a venda de bebida era muita. E pra evitar falatório era melhor só ir lá se realmente precisasse. Sabe como é interior né?”⁹¹ (risos)

Isso significa caracterizar as bodegas inseridas num contexto de espaços marcados por diferentes usos e tempo. Dona Gizeuda segue lembrando que no bairro Campo Velho, lugar aonde residiu a vida toda, mesmo em momentos de maior frequência masculina, se faltasse algo em casa e as mulheres precisassem ir até a bodega, poderiam entrar, mas sem muita demora:

(...) a vida era simples no interior... As pessoas, mesmo que fosse hora de ajuntamento na bodega, de muita gente bebendo, se tivesse que ir lá, ia. Mas mesmo as pessoas sendo todas amigas, se relacionando o tempo todo, tinha que fazer sua compra sem dá muito papo para quem tivesse lá (...).⁹²

Reforçando os relatos de memória sobre o espaço feminino em tais ambientes, Francisco Inácio de Sousa Barros⁹³ relata suas memórias sobre a frequência feminina nas bodegas partindo de sua experiência em seu próprio ponto (bodega) e de outros que conheceu.

A maioria dos frequentadores eram homens, constata seu Inácio. Atribui a menor frequência das mulheres pela associação do espaço da bodega com a venda de bebidas alcoólicas em determinados horários, e nesses casos sua presença, quando não acompanhada do marido, ganhava um sentido social e moral negativo:

Muito raramente, as mulheres de família entravam numa bodega para papear no balcão. Quando muito, quando vinham de outros bairros a passeio ou visitar alguém, comiam um lanchinho rápido e se iam (...) E era assim no meu e nos outros estabelecimentos também (...) Não sei por que, mas era considerado alguma coisa meio imoral (...) Mas havia algum fundo de verdade já que dependendo do horário era comum ter muito bebum⁹⁴.

O que pode-se concluir com tais informações, é que a bebida ou o ato de beber se qualifica como um fator diferenciador de gênero, e no universo das significações culturais está normalmente associado à masculinidade.

Assim, as bodegas em Quixadá, pelo menos aquelas analisadas por nós, se apresentavam como espaços nos quais o consumo de álcool era reservado aos homens em seu

⁹¹Acervo da autora: Entrevista realizada em 29 de Novembro de 2010.

⁹²Idem

⁹³Francisco Inácio de Sousa Barros, 85 anos.

⁹⁴Acervo da autora: Entrevista realizada em 10 de dezembro de 2012.

tempo livre, muito embora fosse um espaço de múltiplas funcionalidades além de espaço de lazer.

Diferente do que conta seu Inácio, dona Cleide⁹⁵ vai bem mais além afirmando que a presença das mulheres sempre foi marcante na bodega de sua família, até porque como funcionava na sala de sua casa, sempre tinham as visitas. Quer dizer, a presença das mulheres comprando no estabelecimento, que funciona também como bar e com grande frequência masculina, era algo “normal”.

Desde a década de 1960, quando a entrevistada ao lado do esposo assumiu o comércio da família, sempre atendeu mulheres. E narra fatos bastantes significativos no que assiste as práticas femininas no seu estabelecimento.

A dona de casa com frequência, sempre que necessitava de algum produto para seu uso doméstico vinham a bodega. Nem sempre era uma compra rápida. Sobrava tempo para tomar um cafezinho. Mas quando atarefadas demais no trabalho doméstico, contavam com as crianças para buscar o que faltava. Mas sempre que podiam iam elas mesmas⁹⁶.

Isaura⁹⁷, uma das freguesas de dona Cleide, lembra que no bairro:

(...) as crianças iam comprar doce e fazer compras para a mãe. Às vezes faltava ovo, farinha... iam duas, três ou quatro vezes por dia, mas sempre com o interesse extra que era ganhar um brinde. Havia em potes coloridos e nos balcões envidraçados, balas, pirulitos, paçoquinhas e outras guloseimas que enchiam os olhos da meninada(...)⁹⁸.

O que se pode observar é que a presença das mulheres nas bodegas ocorria principalmente em função da compra de alguma coisa que faltava em suas casas. Geralmente elas frequentavam aqueles espaços de uma maneira mais apressada e objetiva que os homens. No geral, visitavam as bodegas durante o dia enquanto os homens frequentavam mais ao final da tarde ou nos finais de semana.

Muito embora não fosse muito conveniente que as mulheres fossem até a bodega em horários de maior concentração masculina, em caso de alguma necessidade, não haveria maiores problemas, especialmente se eram moradoras do bairro, “freguesas” da bodega. Logo eram “reconhecidas” e “respeitadas” tanto pelo comerciante, quanto pelos fregueses, haja vista tanto homens quanto mulheres poder assumir a condição de “freguês” cativo ou habitual, frequentador assíduo, familiarizado ou acostumado às práticas cotidianas nas bodegas.

⁹⁵ Cleide da Silva Mota, 79 anos.

⁹⁶ Acero da autora: Entrevista concedida em 30 de Novembro de 2012.

⁹⁷ Isaura Batista dos Santos, 80 anos

⁹⁸ Acero da autora: Entrevista realizada em 30 de Novembro de 2012

É possível ainda, nesse contexto, notar algumas distinções entre os vários comerciantes locais. Havia aqueles voltados apenas à venda de cachaça e outras bebidas, os que faziam apenas o comércio de alimentos, sem a venda de bebidas no balcão, e mista, quer dizer, aquelas que simultaneamente assumiam função de bar e armazém.

No que diz respeito a tal questão de gênero, Pierre Mayol (1996)⁹⁹ revela que alguns lugares do bairro são “mais especificamente marcados por este ou aquele sexo”. Assim a oposição bar/comércio é deste ponto de vista, bem característico. Onde o bar seria a “casa dos homens” que ao final de um dia de trabalho é frequentado quase unicamente por eles.

O bar é visto como um espaço ambíguo por ser a recompensa pelo trabalho, mas “terrivelmente temido, por causa da propensão ao alcoolismo que parece autorizar”, acentua Mayol (1996). No caso do pequeno estabelecimento comercial da rua, a qual denomina de “casa das mulheres”, é onde o “feminino” encontrava o “lugar do seu exercício: um bom bate papo, notícias familiares, conversas sobre a gastronomia, a educação dos filhos, etc”.

Em Quixadá, porém, a partir dos espaços que foram analisados e dos depoimentos coletados, essas diferenciações espaciais dos gêneros ocorriam, de forma geral, com sutileza, uma vez que as velhas bodegas eram o comércio predominante, onde o bar e a mercearia se fundiam em seu espaço.

2.4- AS SOCIABILIDADES EM TORNO DO BALCÃO

Apesar da maioria das bodegas possuírem um balcão dividindo o espaço entre dono e comprador, a proximidade pessoal era tamanha que em meio às compras assuntos familiares, políticos e as mais diversificadas categorias, sempre vinham à tona.

A fidelidade almejada entre bodegueiros e fregueses não se fundava somente no frio interesse, no crédito acordado. Outros elementos podiam contribuir para a melhoria de suas relações com a consequente melhoria na qualidade do atendimento e concessão de certas facilidades ou comodidades. No espaço da bodega, o cotidiano de seus usuários era construído a partir de diversas situações convenientes.

Uma dessas circunstâncias era a “permissão” concedida pelo comerciante ao freguês para transgredir o horário de funcionamento do estabelecimento, e dessa forma era comum o bodegueiro atender seus fregueses em pleno domingo.

Tal conveniência oferecida pelos bodegueiros aos fregueses era facilitada pelo fato

⁹⁹MAYOL, Pierre. Conveniência e sexualidade. In: CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 2. Morar, cozinhar. Op. cit., p. 57.

de muitos deles residirem no local de trabalho, consequentemente muitos bodegueiros trabalhavam até o último freguês, depois da infalível e muitas “saideira”.

A venda pela janela ou aos domingos assegurava um ganho adicional ao comerciante e acudia os fregueses na falta de algum produto. Essa prática permitia também momentos de lazer e sociabilidade, considerando que não raramente algum fregues usava a janela como “balcão”.

Aliás, havia janelas com pequenos balcões, que consistia numa simples tábua de madeira bruta, sobre a qual repousavam os copos. Daquele ângulo privilegiado apreciavam o movimento da rua. Entre um gole e outro de pinga, falavam da vida e da morte. O ritual podia levar tempo. Para os bodegueiros, aquelas longas e filosóficas horas extras eram rotina.

Nesse sentido, Prost (1992) afirma que “a indiferenciação do espaço acarretava a indiferenciação do tempo”, se referindo aos comerciantes que moravam nos fundos de suas lojas na Europa do início do século XX, muitas vezes interrompidos durante suas refeições por algum cliente à janela¹⁰⁰.

Tomando essa informação como referência para o estudo que se segue, recorro as memórias de Saraiva quando o mesmo relata que não tinha horário para fechar a bodega, no entanto, a hora de abrir era sempre a mesma: às seis horas da manhã. Ficando aberto, não raro, até onze ou meia noite. Para manter-se conveniente, jogava o perde-ganha cotidiano, de que fala Certeau (1996):¹⁰¹ Perdia horas de seu descanso para ganhar a fidelidade de sua freguesia.

A bodega em sua condição de espaço de sociabilidade podia contar com a prática de variados jogos, dentre os quais baralho e dominó. A prática desses e de outros jogos simples contribuía para fazer das bodegas pontos de encontro e diversão popular.

Houvert e Duart, analisando as chamadas “estratégias não mercantis” dos “pulperos” de Buenos Aires (um tipo de comerciante semelhante ao bodegueiro), mostram que a figura folclórica do “pulpero” foi descrita pela literatura e pela historiografia argentina como aquele a quem a população recorria para obter o fiado, o desconto, o empréstimo ou adiantamento em dinheiro. A oferta desses benefícios econômicos adicionais eram formas do comerciante conservar seus clientes cativos¹⁰².

Não obstante, reter uma clientela que não era cativa e fazer com que se tornasse cativa induzia os comerciantes a lançar mão de outros ardis para atraí-la e que ultrapassavam as

¹⁰⁰ PROST, Antoine; VINCENT, Gerard. (orgs). *História da Vida Privada*, 5. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 29.

¹⁰¹ DE CERTEAU, Michel. GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. **A invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: vozes 1996.

¹⁰² HOUVERT, Carlos Van; DUART, Diana A. Las prácticas mercantiles de los pulperos. In: MAYO, Carlos (org.) *Púlperos y pulperías de Buenos Aires (1740-1830)*. Op. cit., p. 73.

questões mercantis. Eles transformavam a pulperia em um espaço aberto aos jogos de baralho, bocha, entre outros, fornecendo também combustível para a peleja contra a sorte ou o azar: bebidas alcoólicas para degustação no próprio estabelecimento.¹⁰³

Além do abastecimento e facilidades no pagamento, as bodegas eram procuradas por fregueses cativos ou não para momentos de descontração e refrigério. Os bodegueiros franqueavam seu espaço àqueles necessários momentos que incluíam os jogos, entre outras formas de sociabilidade, desde o simples bater dos copos, à prosa, anedota ou pilhéria.

Para Jean Baechler a “sociabilidade”:

(...) pode traduzir-se em agrupamentos formais e organizados, podendo constituir unidades do ponto de vista jurídico e administrativo, mas cuja finalidade própria é a de propor a seus membros espaços sociais, onde possam alcançar, cada um por si e Cachola: “Jogo em que se lança ao ar uma moeda (dita cacholeiro), impulsionada por uma pequena ripa armada como uma balança ou gangorra, pondo-se a moeda numa das extremidades e golpeando-se a outra para baixo (As faces da moeda são ditas cara e cruz).¹⁰⁴

Compreende-se, portanto, que da mesma forma que um bairro ou a própria cidade é “um objeto de consumo” e uma extensão da vida privada dos seus moradores, também as bodegas são da mesma maneira “consumidas” pelos seus frequentadores e animadas pelo conjunto de movimentos que nelas se desdobram, conforme Certeau, todos em conjunto, determinados objetivos específicos, o principal deles podendo ser muito simplesmente o prazer de estar juntos. Daí que o fenômeno mais típico da sociabilidade humana seja talvez a conversação¹⁰⁵.

As bodegas, no fim de um dia de trabalho, aos sábados ou nos domingos depois da missa ou mesmo durante a mesma, tornavam-se ponto de encontro de trabalhadores e não trabalhadores. Algo semelhante ao que ocorria nos botequins cariocas descritos por Chalhoub (2001):

(...) a conversa informal que estes homens levam no botequim, ao redor de uma mesa ou encostados no balcão, e sempre sorvendo goles de cachaça, cerveja ou algum vinho bem barato. Era ali, nos papos da hora do descanso, que se afogavam as mágoas da luta pela vida e se entorpeciam os corpos doloridos pelas horas seguidas do labor cotidiano(...)¹⁰⁶

As bodegas faziam a transição do espaço público do trabalho para o espaço privado

¹⁰³ Idem

¹⁰⁴ HOUAISS, A. Dicionário eletrônico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

¹⁰⁵ BAECHLER, Jean. Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, R. Tratado de Sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 82.

¹⁰⁶ CHALHOUB, S. Trabalho, Lar e Botequim. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

da casa.¹⁰⁷ Após um dia de trabalho e também nos finais de semana, os homens se reuniam para conversar, beber, cantar, “contar causos”, além jogar bilhar e vários jogos de cartas, conforme revela a memória dos fregueses e comerciantes entrevistados.

Além da diversão dos jogos que envolviam pequenas apostas valendo uma rodada de cerveja, as bodegas também eram frequentadas por cantadores e tocadores de viola que com suas modas e improvisos agitavam o ambiente.

João Eudes Costa acentua que,

(...) A bodega se caracterizava como um lugar alegre, divertido, onde os moradores do bairro se encontravam e entre eles havia os tocadores: Tocavam violão, gaita...E além de ser um lugar de comércio, ponto de encontro para diversão com bebidas, jogos e música, era também o lugar onde as notícias chegavam primeiro, e a partir do qual se propagavam. Através dos comerciantes e dos “velhos frequentadores” das bodegas, as notícias diárias da vida da cidade ecoavam. Eles eram locais “de origem e de final das histórias.

Os balcões e portas das bodegas eram cheios de propagandas de produtos como cerveja, mas havia também avisos importantes para a comunidade como cartazes das festas religiosas das paróquias e capelas, bailes, torneios esportivos, campanhas de vacinação, recados e pequenos bilhetes oferecendo algum objeto ou animal para venda.

O abastecimento, o bate-papo, o jogo, a música, a notícia, motivos que levavam as pessoas à bodega não faltavam e eram diversos, havendo ainda a possibilidade de aplacar a fome, a sede, a tristeza e a solidão. Tudo o que se podia fazer na bodega ficava melhor se acompanhado por um tira-gosto ou um trago. Tantas vezes, era essa a única razão da frequência. Comer e beber na bodega nunca era um fato solitário. Lá sempre estava o impávido bodegueiro, grande ouvinte e conselheiro, por vezes também amigo.

Natural da localidade Juatama, seu Francisco Inácio migrou para a sede da cidade, estabelecendo-se no Bairro Campo Novo na década de 1960 quando este apenas começava a se desenvolver. Montou uma “bodeguinha” que funcionava a princípio na sala de sua casa e com o tempo outras bodegas abriram suas portas no mesmo bairro.

Não tardou para que o negócio de seu Francisco Inácio crescesse e se transformasse em um ponto comercial bem servido da cidade, de maneira que poucos anos após sua abertura, a bodega passou a funcionar num ponto comercial independente de sua casa.

De certo, sua experiência e contato com o universo bodegueiro incentivou ao bodegueiro a investir em seu comércio tão logo pode se estabelecer na cidade, oferecendo a seus fregueses, dentre eles pequenos comerciantes e famílias na zona rural, um espaço bem servido

¹⁰⁷PROST, Antoine; VINCENT, Gerard. (orgs). História da Vida Privada, 5. Op. cit.

de diversas mercadorias.

O entrevistado lembra que, quando era garoto na décadas de 1950,

(...) nas comunidades rurais as bodegas eram a grande opção de lazer. No interior normalmente era mais um boteco do que comércio de alimentos que desse para comprar de tudo. Era mais como um refúgio dos agricultores que nos dias de chuva ou mesmo em dias comuns se encontravam para jogar um baralho, tomar uma pinguinha, papear e dar risadas [...]. Eu me lembro muito bem, onde eu me criei no Cipó dos Anjos, era o Jerônimo. Ele mesmo matava porco, tirava o toucinho e dependurava numas varas na entrada do estabelecimento e os homens iam se divertindo[...] A minha bodega é maior, tem mais cara de mercearia, mas continua sendo um refúgio e lugar de encontro dos amigos.¹⁰⁸

Revelando-se, pois, não menos importante no âmbito das sociabilidades, como se pode constatar na fala de seu Francisco, seu espaço despojado oferecia uma gama de possibilidades que a legitimava como importantes espaços de sociabilidades que transita entre o consumo e o lazer, seja na prática da comensalidade¹⁰⁹, da musicalidade, dos jogos, bebidas ou nas rodas de conversas em torno do balcão.

Na existência de um prazer, no fato das pessoas se reunirem em torno de uma mesa, em casa, no bar, no restaurante ou na bodega, acontece uma situação singular para se obter a ocorrência da sociabilidade”.

O que caracteriza um espaço de sociabilidade está para além do estar junto num espaço de relações de amizade, pois o que interessa é o prazer e o interesse que gira em torno da necessidade das pessoas em se relacionar amigavelmente umas com as outras, reforçando laços, vínculos de amizade, trocas afetivas e obrigações mútuas.

Observar os rituais de sociabilidade é uma forma de discernir não apenas o que se está fazendo ou onde está fazendo, mas sim a qualidade e forma das ações que envolvem as relações sociais muito próximas às relações de comensalidades, como aponta Santos e Fernandes (2010) ao analisar o ato de se alimentar em torno de uma mesa com outros indivíduos.

A comensalidade expressa a ritualização de uma refeição, onde o alimento perde sua função biológica e reveste-se de dimensões simbólicas. Para Fernandes a comensalidade é um “sistema de comunicação formado na base da intersubjetividade, situa-se num campo de inter-relacionamentos.”¹¹⁰

¹⁰⁸ Entrevista realizada em 10 de Dezembro e 2012.

¹⁰⁹ Conceito que faz referencia a práticas alimentares (comer junto, a forma como se come et.)

¹¹⁰ SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória gustativa. História: Questões & Debates. n. 42, Curitiba, jan./jun. 2005, p. 11-31. FERNANDES, Antônio Teixeira. Ritualização da Comensalidade. Revista da Faculdade de Letras: Sociologia. Porto: Universidade do Porto, n. 07, 1997, p. 29. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10216/9045>>. Acesso em 08/12/2010, p. 8.

A comensalidade pode aparecer como expressão de poderio e de diferenciações sociais, como marcas de distinção e poder. A mesa pode também ser usada como “um meio de se fazer a permuta da estima social”, ou seja, “tornam-se companheiros os que tomam pão em comum”. Ademais, uma refeição em comum pode ter o objetivo de promover a aproximação entre as pessoas e estreitar seus laços sociais. Havendo, todavia, aqueles que “fugindo à convivialidade da mesa”, passam a comer em restaurantes ou outros espaços destinados à venda de refeições, tornando essa refeição caracterizada pelo isolamento.¹¹¹

Nesse caso “o restaurante, mesmo cheio, não cria necessariamente sociabilidades, apenas as recebe quando transferidas para aí. Por outro lado, a comensalidade pode estimular as relações humanas e favorecer a adesão ao grupo. “Pela sua força desalienante derruba barreiras psicológicas e abre vias de aproximação¹¹²”.

Nessas condições, a bodega munida de suas peculiaridades e atrativos, favoreciam o encontro e a reunião de pessoas. O atendimento informal e familiar, a mistura dos espaços e funções, a localização e as facilidades de negócio, legitimavam-na como ainda hoje persiste, como estabelecimento de sociabilidade e comensalidade. Por exemplo, à medida que se cortava um pedaço de queijo, negócios eram fechados, e entre a venda de um produto ou outro, amizades eram estreitadas.

O tema comida na realização da pesquisa se fez fundamental, pois foi um assunto que mexeu com as lembranças dos depoentes. A memória da comida servida nas bodegas, ou seja, sua “memória gustativa” esteve densamente relacionada com a descrição daqueles lugares, não a toa, escritores como Marcel Proust, Raquel de Queiroz, e pesquisadores como Luce Giard, Carlos R. A. dos Santos, se referem a comida como um “despertador” de lembranças do passado¹¹³.

Seu José Rodrigues Romão¹¹⁴ (daqui por diante somente Zé Rodrigues), relembra a relação de extrema amistosidade entre os frequentadores das bodegas, citando como exemplo os tragos de cachaça e os tira gosto:

¹¹¹Idem

¹¹²FERNANDES, Antonio Teixeira. Ritualização da comensalidade. Revista da Faculdade de Letras: Sociologia, n. 7, 1997, p. 9. Disponível em <<http://HDL.handle.net/10216/9045>>. Acesso em 08/12/2010.

¹¹³PROUST, Marcel. Em busca do tempo perdido: o tempo redescoberto. São Paulo: Globo, 1995; GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar. Rio de Janeiro: Vozes, 1996; SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A alimentação e seu lugar na História; Queiroz, Raquel de. O Não MeDeixes: suas histórias e sua cozinha. São Paulo: Siciliano, 2000

¹¹⁴José Rodrigues Romão, 68 anos. Ex-bodegueiro.

A cachaça também era uma marca da bodega. As marcas da época eram muitas vezes locais, não existia ainda um predomínio de uma empresa. Tinha a cachaça “Redenção, Douradinha e Chave de Outro”(…) Os tira-gostos, na maioria das vezes, eram pedaços toicinho de porco assado e passado na farinha de mandioca e o queijo de coalho. Era um tira gosto que não podia faltar por que todo mundo que vinha tomar “umazinha”, molhar o bico, como se diz, pedia um desses tira gosto, mesmo tendo outras coisas lá.¹¹⁵

Sobre a memória gustativa, Santos aponta que:

O estudo de grupos sociais e seus hábitos e práticas alimentares, práticas estas distantes ou recentes que podem vir a constituírem-se em tradições culinárias, fazem, muitas vezes, com que o indivíduo se considere inserido num contexto sócio- cultural, que lhe outorga uma identidade, reafirmada através da memória gustativa.¹¹⁶

Isso mostra que as bodegas ocupavam um papel decisivo na cultura alimentar de seus fregueses: homens, mulheres e crianças. A maior parte do que consumiam em suas casas passavam por suas portas, por seus livros caixas. Por outro lado, a comida consumida dentro do espaço da bodega se revestia de um caráter agregador e que muitas vezes assumia um significado maior do que apenas se alimentar.

As bodegas não eram exatamente um espaço de venda de refeições, como um restaurante. Vendiam comida, mas de certo eram aquelas que se levavam para preparar e consumir em casa, como arroz, feijão, farinha, enlatados, carnes, banha, entre outras, como já mencionara em momentos anteriores.

Era possível, no entanto, comer nas bodegas. Oferecer comida pronta para ser degustada no balcão era uma forma do bodegueiro sanar a fome daqueles que por uma razão ou outra desejasse fazer sua refeição no estabelecimento. Considerando, ainda, que ter algo para beliscar numa bodega se configurava numa quase obrigação do bodegueiro de embalar as reuniões que por lá aconteciam, seja para assuntos políticos, de cunho mais sério, ou simplesmente “matar o tempo”.

Dentre os tira- gostos mais consumidos na bodega, comenta seu Zé Rodrigues, está o “ovo cozido, as lasquinhas de queijo de coalho e a piabinha assada”. Geralmente os alimentos mais secos eram deixados expostos no balcão para estimular visualmente os apetites de quem chegava. “Era comum durante uma partida de bilhar ou baralho a aposta de uma “janta”, que

¹¹⁵Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2010

¹¹⁶SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. A alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória gustativa. História: Questões & Debates. n. 42, Curitiba, jan./jun. 2005, p. 11-31. FERNANDES, António Teixeira. Ritualização da Comensalidade. Revista da Faculdade de Letras: Sociologia. Porto: Universidade do Porto, n. 07, 1997, p. 29. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10216/9045>>. Acesso em 08/12/2010, p. 8.

podia ser uma lata de sardinha ou outra coisa pronta, com cerveja”.

O ambiente das bodegas era despojado e simples. O balcão era o centro das refeições e da comensalidade. Algumas delas tinham uns tamboretes em volta do balcão e, para fora, bancos de madeira bruta em forma de cavaletes onde o pessoal sentava para conversar e beber.

Nesse contexto, entendo que o gosto alimentar depende de fatores históricos, culturais, sociais e psicológicos, logo convive com a tradição e as inovações.

Pensando nisso, Rolim, baseada nos estudos de Bourdieu sobre o habitus, mostra que:

(...) as pessoas são “dotadas de princípios de classificação, de gosto, que lhes permite perceber, entre uma série de bens, aqueles que são do seu gosto”. Ele é o “operador prático da transmutação das coisas em signos distintos e distintivos, das distribuições contínuas em oposições descontínuas, ele transporta as diferenças inscritas na ordem física dos corpos à ordem simbólica das distinções significantes. Ele transforma as práticas objetivamente classificadas em práticas classificantes, ou seja, em expressão simbólica da posição de classe”. Portanto, os hábitos alimentares são delineados a partir das preferências alimentares, que são produtos do encontro entre os bens/mercadorias e um gosto por elas (...) ¹¹⁷

Analisando as tavernas portuguesas a socióloga Dulce Magalhães observou que o balcão é marcado por dois tipos de usos: 1- o funcional e utilitário 2- uso social e lúdico. O primeiro estaria relacionado ao uso para o lanche, onde havia uma sociabilidade “fluida, transitória ou inconsistente”. Quanto ao uso social e lúdico registrou uma apropriação do balcão, assim como de todo o espaço da taverna, marcado pelas sociabilidades “enraizadas”, onde o “consumo é prolongado” e caracterizado pela descontração. Nesse caso, o balcão serve apenas como uma fronteira espacial, como “encosto dos corpos”, mas não como um elemento distanciador ou separador entre clientela e proprietário, este que também se integra ao grupo, participa da conversa e bebe junto aos comensais ¹¹⁸.

Em Quixadá, o balcão também possuía funções diversificadas. Sobre ele ficava a balança, o papel de embrulho, para o pacote ou anotações, os livros caixas e por onde eram passadas as mercadorias da prateleira ou do estoque. Era sobre ele que os fregueses faziam suas refeições, jogavam cartas, descansavam os copos e recostavam os corpos.

Zé Rodrigues conta que os agricultores tinham o costume de parar em alguma bodega para comer, beber e conversar depois de vender suas safras e fazer compras na cidade. Lembra que, quando garoto, gostava muito de ir com seu pai nas casas comerciais:

¹¹⁷ROLIM, Maria do C. M. B. Gosto, prazer e sociabilidade. Op. cit. p. 15-17.

¹¹⁸MAGALHÃES, Dulce Maria. A taberna: usos do espaço e do tempo. Op. cit. p. 227.

Os homens ficavam tomando uma cervejinha, outro uma cachacinha, outro beliscando algum petisco. Tudo era muito saboroso. Tinha uma bodega lá que agora não lembro o nome do dono, servia prato feito. E tinha um sarrabulho que era bom demais! Hoje, parece que não tem mais valor, mas naquele tempo era uma festa, porque comer na bodega para mim naquela época era como se estivesse comendo num restaurante hoje(...) Eu me lembro que quando eu era adolescente eu ia comer lá, mas como era gostoso aquilo. Era uma maravilha!(...) ¹¹⁹

Na fala e na expressão do entrevistado, fica notório o prazer que sentia ao saborear o prato feito pela esposa do dono do estabelecimento. Tudo era muito caseiro. No caso dessa bodega os ingredientes, inclusive a carne, era produto caseiro. Criado e cultivado pelo dono do estabelecimento. Muitos bodegueiros serviam também caldos acompanhados de pão, que também era caseiro.

Além de saborosos, esses e outros alimentos eram oferecidos a preços bastante acessíveis. No livro caixa da bodega de Chaguinha, ¹²⁰ foi registrado com frequência a comercialização de frutas diversas, dentre elas laranjas, melancias e mangas.

Além das frutas in natura e os doces das mesmas, que davam um toque doce ao cotidiano das bodegas, havia os doces, como bolos e dindim que faziam a alegria da criançada e que também eram consumidos por fregueses adultos.

Eu me lembro também dos bombons vendidos no seu Chaguinha, finaliza Jandira ¹²¹. Eram umas “bombonzinhos” caseiras embrulhadas em um papel branco. Tinha vários sabores. Tinha de coco, hortelã!(...)

2.5-O ABASTECIMENTO.

No primeiro mês de funcionamento de sua bodega, Setembro de 1960, seu Inácio registrou as mercadorias compradas para compor seu estoque e abastecer as prateleiras. Entre elas havia cigarros, doces, fumo, fósforos, laticínios, pães, bebidas alcoólicas... Havia também utensílios e equipamentos para equipar o estabelecimento como espanador, pote, tamboretas, balança e cortinas.

Entre os produtos apareciam os doces como o segundo item que absorveu maior investimento de capital do comerciante, perdendo apenas para as bebidas alcoólicas. As bebidas custaram mil, quinhentos e dezessete cruzeiros (Cr\$1.517,00) e os doces, mais as balas, totalizaram quinhentos e um cruzeiros (Cr\$501,00), ou seja, cerca de um terço do que foi

¹¹⁹Acervo da autora: Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2010

¹²⁰ Francisco das Chagas Parente (ex-bodegueiro) 82 anos. Livro caixa de 1960.

¹²¹ Dona Jandira Oliveira Paulino (freguesa) 79 anos. Entrevista concebida em 28 de Outubro de 2010.

investido em bebidas.

Os doces eram seguidos pelo fumo que custaram respectivamente cento e quarenta e dois cruzeiros (Cr\$142,00) e cento e trinta e quatro cruzeiros (Cr\$134,00). O item em que menos seu Inácio investiu, pelo menos no início, foi o pão, sobre o qual pagou ao fornecedor Cr\$10 cruzeiros.

No mês seguinte, já com mais freguesia, Inácio pagou os cigarros (Cr\$431,60), a conta do padeiro subiu bastante (Cr\$300,00) e começou a vender carne, pagando ao açougueiro (Cr\$255,00). Desembolsou Cr\$133,00 para pagar os doces, mais Cr\$35,00 pela compra de cem pirulitos. Comprou mais algumas coisas que saíram bem no primeiro mês como vinho, cachaça, bananas, laranjas e amendoins. Sua despesa mensal com balas e doces girava em torno de 100 a 160 cruzeiros, itens que não podiam faltar porque eram muito procurados tanto por crianças quanto pelos adultos.

Com um outro olhar sobre a função das bodegas, a forma de atuar como bodegueiro de seu Zé Rodrigues, evitava vender bebidas alcoólicas em seu estabelecimento alegando ser pouco lucrativo. “Preferia se dedicar ao comércio de alimentos em geral do que vender bebidas em copos num pinga-pinga”, diz ele.

Vendeu por algum tempo na tentativa de manter um costume dos “antigos fregueses” da bodega de seus avôs, que iniciaram as atividades em Quixadá ainda na década de 1920. E em meio a sua fala o entrevistado enfatiza que na sua bodega,

Vendia-se pinga também, mas depois nós paramos com a pinga, porque? porque Compravam ali uma terça (um copo americano) de pinga e ficavam até nove horas bebendo aquela pinga e você aguentando o bêbado e boneco de bêbado[...] Essa era uma prática de minha avó que a gente continuou por um tempo. Só que minha avó tinha o seguinte sistema, às seis horas fechava e mandava todo mundo ir embora por que ia fechar. Mas aí eu resolvi bebida alcoólica foi de jeito nenhum¹²².

Com base na colocação do entrevistado, entende-se que as bebidas alcoólicas faziam parte do mundo bodegueiro, mas havia suas divergências fazendo disso não uma regra aplicada a todos os estabelecimentos. Nesse caso específico, a venda oscilava entre a vontade de manter uma tradição e as muitas inconveniências que essa prática acarretava ao comerciante.

Colaborando com esse raciocínio, o Senhor João Eudes Costa¹²³, autointitulado um

¹²² Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2010.

¹²³ Senhor João Eudes Costa - autointitulado memorialista e estudioso da cidade, 76 anos no período da entrevista. Nascido e residente na cidade de Quixadá, hoje é um funcionário público aposentado dedicado a atividades da pesquisa e da escrita literária, considerando que durante toda sua trajetória intelectual esteve direcionado a conhecer e divulgar a história do município. Interesse este que corroborou para com a construção de várias obras literárias de sua autoria (romances, crônicas) tendo a Quixadá como personagem principal, dentre as mais conhecidas estão *retalhos da história de Quixadá e ruas que contam a história de Quixadá*.

conhecedor da cidade e assíduo frequentador das bodegas como ele mesmo diz, “um bodegueiro de carteirinha”, lembra que as bodegas eram mais que um estabelecimento comercial. Era um espaço de lazer e de encontros dos amigos.

Era nas bodegas que todo trabalhador no fim do dia, afirma o entrevistado, costumava se reunir com os amigos para um bate-papo e discutir sobre as mais diversas questões do dia a dia: política, o cotidiano da cidade, “até pra falar da vida alheia”.

E ainda acrescenta que,

(...) Na bodega era onde as pessoas se sentiam mais iguais. A forma de comprar era mais imediata. Não tinha essa coisa da propaganda como se tem hoje na TV, por exemplo. Embora o meio de comunicação fosse à rádio (principal meio de comunicação da época) não chegava a todo mundo. Então as bodegas funcionavam como uma tribuna do povo. Onde as pessoas faziam suas denúncias e difundiam suas ideias. Lá o agricultor negociava diretamente com o bodegueiro... Era o que sustentava o comércio agrícola... Era um espaço comum a todo indivíduo... A relação entre o freguês e dono era mais próxima... Havia a questão da confiança... A bodega concorreu para o desenvolvimento da cidade¹²⁴

Isso significa dizer que estas estavam para além de um simples lugar de compras e vendas, isto é, trocas econômicas, mas também representavam uma importante função social, tendo em vista as relações inter-humanas que se construíam cotidianamente.

2.6- AS BODEGAS E SEUS FREGUESES

A noção de “freguês” é algo maior do que se define no senso comum. Agrega uma gama de sentidos que o coloca não como um simples consumidor de mercadorias ou alguém de passagem e que eventualmente entrava nessa ou naquela bodega anonimamente. O freguês é entendido aqui, como aquele que tece com o comerciante uma relação de intimidade e que convive com o comerciante quase que diariamente.

O dicionário popular define o freguês como aquele que “tem o hábito de fazer compras (em) ou usar os serviços do (s) mesmo (s) estabelecimento (s)”. Portanto, o “freguês” é um elemento construído no cotidiano da bodega dentro de uma relação de “conveniências” e “fidelidades” tramadas entre esse frequentador e o dono do estabelecimento¹²⁵.

Os “fregueses” estabeleciam, na assiduidade ao estabelecimento e no jogo de palavras e gestos trocados com o bodegueiro, o “reconhecimento” de que fala Pierre Mayol, ou

¹²⁴Fonte: Acervo pessoal da autora- Entrevista gravada em 10 de Julho de 2010

¹²⁵MAYOL, Pierre. A conveniência. CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 2. Morar, cozinhar. Op. cit, p. 49.

seja, uma espécie de “pacto”.¹²⁶

A historiografia também aponta outros exemplos importantes dessa relação comerciante/freguês. Oliveira (2005) mostra que em São Paulo, enquanto a cidade crescia rapidamente durante a segunda metade do século XIX, estabelecer um bom relacionamento com o dono do armazém era uma “estratégia de sobrevivência fundamental”, pois essa boa relação iria garantir ao freguês a continuidade da alimentação da família, principalmente em momentos de desemprego ou atrasos no recebimento do salário.

A autora explica que “quando se mudava para um bairro novo, a família precisava conhecer o dono do armazém para poder manter a conta que seria paga mês a mês”. Por sua vez, o comerciante buscava também estabelecer uma boa relação com sua clientela porque isso era essencial para sua própria sobrevivência.¹²⁷

Dentro das necessidades e interesses de ambos –comerciante e freguês - se construiu uma necessária e fundamental relação de conveniência e fidelidade. “Ser bem atendido quando se é bom freguês”, como diz Mayol, era um aprendizado que se efetivava no jogo do perde-ganha no espaço da bodega.

As peculiares relações de crédito evidenciam importantes elementos para apreender que entre os bodegueiros e seus fregueses havia situações que extrapolavam as relações de mercado, dos preços e das trocas. Nos depoimentos e documentos escritos, sobretudo as cadernetas e livros- caixa das bodegas, é possível identificar várias dessas situações, entre elas, o “fiado”, que envolviam um forte sentimento de confiança.

Certeau comenta que um comerciante que desejasse manter sua freguesia fiel e dessa forma alcançar o equilíbrio econômico de seu negócio deveria tratar bem seus fregueses, atendê-los de acordo com seu gosto e preferência, não prejudicá-los nos valores cobrados e manter a qualidade dos produtos exigida. E, além disso, era necessário conceder crédito a eles.

A freguesa Conceição¹²⁸ conta que a caderneta era um elemento importante que materializava e também sustentava as relações entre o comerciante e seus fregueses: “Tinha a caderneta que a gente levava de casa e eles anotavam na caderneta deles também.

Dona Conceição lembra que no bairro do Campo Novo,

(...) as compras nas bodegas eram feitas no chamado “caderno” ou “caderneta”: “então a pessoa...cada um, cada família tinha sua caderneta e chegava lá, comprava e eles anotavam o dia, a mercadoria e o preço e no final do mês eles somavam e era acertada a conta. Nem sempre a compra era feita a dinheiro”. O comerciante e o

¹²⁶ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 2. Morar, cozinhar. Op. cit, p. 49.

¹²⁷ OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. Entre a casa e o armazém. Op. cit., 272.

¹²⁸ Maria da Conceição dos Santos Silva (freguesa) 83 anos.

freguês faziam as anotações de forma duplicada e cada um tinha o controle da compra. “O caderno era em duplicata. O cara tinha um e eu tinha outro para o controle (...)”¹²⁹

A caderneta representava o contrato entre os fregueses e os bodegueiros na obtenção das mercadorias sem a mediação do dinheiro no momento da compra. Os agricultores também davam crédito aos bodegueiros deixando sua produção “em haver”, para retirar em gêneros ou dinheiro quando necessário. Mesmo em casos de perda da safra devido ao mau tempo ou ataque de pragas, o bodegueiro continuava abastecendo a família do agricultor esperando receber na safra seguinte.¹³⁰

A relação de crédito era um dos benefícios que os moradores buscavam alcançar, o que dependia do seu bom comportamento, isto é, pagar a conta “velha” para poder abrir outra “nova”.

Nesse sentido, Braudel explicou que um comerciante em situação de “capitalista modesto” é alguém que “vive entre aqueles que lhe devem dinheiro e aqueles a quem ele deve”, ou seja, “vive num equilíbrio precário, constantemente à beira da cambalhota [...]. Quando um ‘abastecedor’ lhe põe a faca no peito, é a catástrofe”¹³¹.

Braudel mostra que o comércio depende do crédito que se oferece e do que se recebe para equilibrar a vida financeira de uma loja. Citou vários exemplos como o caso dos mercadores florentinos Guicciardini Corsi, que vendiam a pimenta de seus armazéns a prazo de dezoito meses a outros merceeiros revendedores. Os Corsi também emprestaram dinheiro a Galileu. Eram grandes comerciantes “grossistas” ou atacadistas.

O autor, contudo, observa que a relação do crédito ocorria também entre os pequenos comerciantes, como o alfaiate ou o padeiro. O padeiro usava duas tabuinhas de madeira que se entalhavam todos os dias juntamente: “uma fica para o padeiro, a outra para o cliente”. O taberneiro no Antigo Regime francês também vendia a crédito: “o cliente inscreve com um traço a giz na parede a sua dívida corrente; o homem do talho vende a crédito.”¹³²

O crédito, pois, é uma relação antiga no comércio porque é necessária. Poderia ser tanto o empréstimo de dinheiro como a compra e a venda sem a intermediação do dinheiro. Oliveira, analisando as relações de crédito em São Paulo no século XIX, entende que na ideia do crédito se “inserem as ideias de relações pessoais, autoridade, reputação e confiança”.

¹²⁹ A cervo da autora: Entrevista concebida em 10 de Novembro de 2012.

¹³⁰ Trecho da entrevista com o bodegueiro Zé Rodrigues.

¹³¹ BRAUDEL, Fernand, BRAUDEL, F. Civilização material, economia e capitalismo. O jogo das trocas. Op. cit., p. 58.

¹³² Idem

(...) Para essa troca ocorrer estavam em jogo a reputação, as influências, a qualidade da relação (familiar, amizade, negócio) e a informação.” Havia arranjos diversos, um predomínio das relações pessoais e de soluções variadas. Porém, a desconfiança também fazia parte do jogo. O comerciante conhecia os riscos e contava com o fato de que poderia deixar de receber alguma conta. Por outro lado, o freguês também desconfiava da balança que poderia pender mais para o lado de dentro do balcão.¹³³

Sobre o uso da caderneta, Zé Rodrigues lembra que sua avó fornecia crédito na bodega, vendendo no chamado “fiado”. Mas, para que o freguês tivesse direito de ter sua caderneta, precisava mostrar que a conta seria paga, para criar então o pacto. E assim era construída a noção de fidelidade entre o comerciante e seus fregueses. Tomei esse critério para mim, afirma ele:

Eu ia conhecendo o freguês à medida que ele comprava e pagava, comprava e pagava comprava e pagava...então era uma pessoa que você via que pagava. Quando a pessoa ia comprar e dizia “não, então me dá só...eu vou levar...quero um quilo...não, não, me dá meio quilo!”. Então você via que era uma pessoa que não queria ultrapassar aquilo que podia comprar. E quando a pessoa comprava no fiado, e pedia muita quantidade, pedia cinco quilos disse cinco quilo daquilo eu já desconfiava. Porque quando a pessoa é meio malandra então já leva em excesso e depois não pode pagar, e daí? E daí a gente perde. [...] É, daí a gente vendia um mês, dois, não pagou o mês anterior não podia vender mais: “Olha, sinto muito, mas não dá. O senhor está devendo aqui dois meses, então se o senhor pagar este aqui eu vou abrir crédito para cá. Se não, não.” Daí a pessoa não podia pagar e o cara ficava no prejuízo, o dono da bodega.¹³⁴

O que se pode concluir com base nessa colocação do entrevistado, é que a manutenção do fiado ocorria mediante o pagamento da conta anterior. Podia até ser prorrogado por algum tempo. Se o pagamento não vinha o crédito era encerrado. O bodegueiro analisava o freguês. Sabia, pela experiência acumulada atrás do balcão, que certas condutas e atitudes dos fregueses eram indícios de futuros problemas.

A prática do fiado, convém pontuar aqui, poderia levar o comerciante a perder um pouco de seu investimento. Por vezes, não tão pouco assim. Depois de dois anos de trabalho e muitas dívidas acumuladas por vender “fiado” seu Zé Rodrigues quase desistiu do negócio. Definiu sua bodega como um quase “fracasso” e que por isso ficou mais rígido, criterioso nos fiados. Grande parte dos seus negócios era feito com base no crédito, as vendas, diz ele, em sua maioria só fiado. “Eu acho que tinha dias que eu vendia, vamos supor, sessenta por cento fiado e quarenta a dinheiro”.

¹³³ OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. Entre a casa e o armazém. Op. cit., 270-285.

¹³⁴ Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2010.

O fiado necessitava de ser saldado, isto é, o pagamento deveria ser realizado dentro do prazo combinado, até porque o bodegueiro também tinha que saldar seus compromissos. Em algumas situações, o fregues pagava apenas uma parte da dívida na tentativa de evitar que esta aumentasse excessivamente, e com isso conservar aberto o crédito que lhe provia o comerciante.

2.7- A FUNÇÃO SOCIAL DO CRÉDITO

Historicamente, a bodega exerceu papel fundamental na vida econômica e social das famílias brasileiras, sobretudo no que se aplica ao abastecimento de mantimentos alimentícios e das demais linhagem de consumo dos lares. Em Quixadá isso não se fez diferente.

Isso se explica principalmente pelo fato do poder aquisitivo da maioria da população ser mediano, majoritariamente vinculado a agricultura de subsistência, a pecuária e ao comércio dessas categorias.

Embora não sendo indiferente a outras realidades do interior cearense, as famílias quixadaenses, no geral, careciam do fornecimento de crédito como se apresenta na memória de muitos moradores da cidade.

O Senhor Anísio é enfático ao afirmar que, de fato, a bodega era um espaço comercial que visava o lucro, mas também era notório que muitas famílias encontravam dificuldades financeiras para realizarem suas compras e abastecerem suas despensa, logo, o crédito já era uma maneira de ajudar os mais necessitados.

A boa relação dos fregueses com os donos das bodegas representava uma estratégia de sobrevivência fundamental que garantia a continuidade do abastecimento e, conseqüentemente, o bem-estar das famílias, de modo que em meio as suas complexas atividades uma das muitas peculiaridades da bodega estava presente justamente na relação de confiança e amizade, mas, sobretudo, de dependência mútua entre bodegueiros e fregueses.

As famílias necessitavam de bens de primeira necessidade, assim como o bodegueiro precisava manter a fidelidade de seus fregueses para que pudesse também alimentar a sua própria família.

(...) Era uma relação de confiança que existia entre ambos, bodegueiro e freguês. E a questão da fidelidade de um determinado freguês para com uma determinada bodega, era um hábito bastante comum, chegando a se construir uma relação de proximidade, afetuosa entre os donos e os clientes (...). Eu mesmo já fui compadre de um monte de freguês (...) ¹³⁵

¹³⁵ Anísio Lopes de Oliveira, 75 anos. Bodegueiro. Entrevista realizada em 10 de Julho de 2010.

No bairro Campo Velho, por exemplo, tinha a bodega do Seu Chaguinha que ficava de frente com minha casa, lembra Dona Jandira¹³⁶,

(...) Tinham muitas outras bodegas, mas sempre comprava lá, ficava mais perto, vendia fiado. Eu usava a caderneta, ele anotava. Existia uma amizade e gostava de comprar lá. Quando era no fim do mês, ou com quinze dias, eu ia lá e pagava. Tenho muita lembrança dessa bodega. Parece que estou vendo. Era pequena, mas era bem surtida. Tinha um balcão com uma balança em cima onde pesava as coisas... era uma bodega que tinha de tudo, mas era pequena(...) ¹³⁷

Nesse fragmento do relato, Jandira relembra o lugar em que fazia suas compras e atribui à questão da proximidade, à oferta de crédito, mas principalmente à amizade, sua preferência por aquela bodega.

Em suma, o crédito e a prática do fiado consistia em algo bastante presente no cotidiano das bodegas, sendo que a confiança seria o principal critério para aprovação do crediário do freguês.

As pessoas envolvidas poderiam não perceber, na época, as imbricações que permeavam o processo de compras em uma bodega, mas a fidelidade dos fregueses, suas astúcias e micro-resistências se delineavam como um conjunto de intenções que pretendiam garantir a continuidade do crédito.

2.8- O LIVRO CAIXA.

Os bodegueiros, em regra, tinham uma grande habilidade com cálculos e por isso mantinham sempre o rigor com as contas, controladas por dois rudimentares instrumentos contábeis utilizados pela grande maioria das bodegas: O livro- caixa, que ficava de posse do proprietário, e a caderneta, que ficava de posse do freguês.

Quanto a tal processo de venda Silva (2006) enfatiza que,

O instrumento de escrituração contábil, simples e eficiente, que todo dono de bodega não podia dispensar era a não menos famosa caderneta – um simples caderno onde se anotava o nome dos fregueses e suas respectivas despesas mensais. Os fregueses faziam suas compras e as despesas eram anotadas na caderneta. No prazo estabelecido, a dívida era saldada e, imediatamente, era contraída outra – a ser paga no mês subsequente (SILVA, 2006, p. 1-7).

O livro- caixa, portanto, consistia em um caderno com a funcionalidade de controlar

¹³⁶ Jandira Oliveira Paulino (freguesa) 79 anos. Entrevista concebida em 28 de Outubro de 2010.

¹³⁷ Fonte: arquivo pessoal da autora- Entrevista realizada em 28 de outubro, 2010

o movimento comercial de uma bodega. Em suas páginas se apresentam produtos, valores, cálculos, anotações, bilhetes enviados pelos fregueses, e outros elementos que indicam um fazer diário, comportamentos e valores que chamam atenção para parte de uma estrutura que apontam uma cultura urbana, escrita nas entrelinhas do que se pode chamar aqui de “diário de bordo” de uma rotina dinâmica e real.

Isso faz do livro caixa um legítimo documento de análise para responder as questões levantadas no decorrer desse estudo e como tal conjuga-se a necessidade da feitura de um mapeamento da dinamicidade de tal material.

Todo bodegueiro possuía uma forma própria de organizar seu livro-caixa. No material por ora analisado, o bodegueiro tinha por hábito registrar seus credores por ordem alfabética o que facilitava a localização dos nomes não somente no momento das vendas, mas também na hora de somar a dívida do freguês.

Funcionava da seguinte forma: Os fregueses realizavam suas compras e as mercadorias eram cuidadosamente notificadas na caderneta do freguês e no livro caixa do vendedor acompanhada, é claro, de seus respectivos valores, normalmente acrescidas de juros. As datas de aquisição dos produtos, bem como de quitação do débito também permeiam toda a extensão do documento.

Isto me fez lembrar Certeau (2009) quando afirmou que:

O ato da compra vem “aureolado” por uma “motivação” que, poder-se-ia dizer, o precede antes de sua efetividade: a fidelidade. Esse algo mais não contabilizável na lógica estrita da troca de bens e serviços, é diretamente simbólico: é o efeito de um consenso, de um acordo tácito entre o freguês e o seu comerciante que transparece certamente no nível dos gestos e das palavras, mas que jamais se torna explícito por si mesmo. É o fruto de um longo costume recíproco pelo qual cada um sabe o que pode pedir ou dar ao outro, em vista de melhorar a relação com os objetos da troca. (CERTEAU, 2009, p. 52).

Através do livro- caixa, portanto, é possível perceber os registros contábeis das compras, o perfil do comprador, bem como os alimentos que adentram os lares das famílias; porém, sabe-se que além disso perpassam-se processos de cunho social, e porque não dizer cultural, que se delineavam no ato da compra.

Esse último, apenas percebido nas entrelinhas do documento, foge das tessituras do registro escrito, e por mais que tentasse alcançar essas dimensões muitas vezes esbarramos nos limites da fonte documental, daí por que a necessidade de dialogar com os vestígios daquele universo através dos olhares de fregueses e bodegueiros.

Na descrição logo mais adiante, observa-se as compras realizadas na bodega de Seu

Chaguinha¹³⁸ por uma cliente que chamaremos de “Maria”. Trata-se de uma extensa lista de produtos adquiridos: fumo, cigarros, carne, café, farinha, charque, feijão, pães, ovos, desodorante, dentre outros.

A periodicidade das compras, que oscilava entre aquisições semanais, diárias e mensais, são dados bastante relevantes para a pesquisa, entretanto o que nos chama verdadeira atenção é o fato de além de não encontrarmos registros de pagamento, ao final da quinta página da lista de compras encontra-se o seguinte inscrito “velhaca”.

Mesmo sem o pagamento das compras anteriores, todavia, o bodegueiro autorizava novas aquisições, de maneira que as anotações se seguiram por outras várias páginas e só após semanas sem receber a relação de confiança foi abalada e, nitidamente, as compras foram cessadas, num sinal de que o bodegueiro não liberou mais a venda.

Esses são indicativos das relações de poder que se processavam na bodega, o que significa dizer que o dono da bodega, em geral, conhecia todas as famílias do bairro, logo a execução da dívida estava em suas mãos, assim como a cobrança de juros e poder de divulgação sobre a conduta de determinados fregueses denota o poder que detinha sobre essas famílias.

Em face disso, reside a ocorrência de uma relação ambígua, na medida em que, como foi apontado anteriormente, o bodegueiro também dependia do pagamento do freguês para cumprir com seus compromissos financeiros, quer dizer o abastecimento do seu estabelecimento e consequentemente de seu lar.

Lamentavelmente, os limites do documento não permitem entender com clareza os motivos pelo qual levaram Dona Maria a não quitar seu débito, mas o que se leva a crer é que a freguesa certamente teve que procurar em outra bodega uma nova relação de confiança, ou por outra teria que contar com o “perdão” do bodegueiro, o que não ficou claro no documento analisado.

Sobre a postura de Seu Chaguinha com os fregueses endividados, menciona Dona Jandira que:

Ele ficava bravo porque as pessoas compravam e não pagavam, e dizia: também não vendo mais. Passavam alguns meses, o camarada chegava novamente e dizia: seu Chaguinha vamos negociar de novo? Ele vendia, o freguês pagava o que estava devendo, deixava outra conta lá, e não aparecia mais. Sempre tiveram esses problemas com a bodega.¹³⁹

As lembranças de Dona Jandira reforça a ideia apresentada até este momento, isto é,

¹³⁸ Francisco das Chagas Parente (ex-bodegueiro) 82 anos. Entrevista concedida em 07 de Novembro de 2012.

¹³⁹ Entrevista concebida em 28 de Outubro de 2010.

a relação quase familiar entre bodegueiro e seus fregueses, onde o perdão aparece como uma espécie de mediador ou mesmo de apaziguador das tensões.

Outro caso que convém ser relatado aqui trata da compra realizada por intermédio de terceiros. Em regra, o titular da conta se fazia presente no ato das compras, entretanto quando, não raro, numa emergência, faltavam alguns gêneros de primeira necessidade, era comum que os fregueses enviasse um bilhete destinado ao bodegueiro por um filho ou outra pessoa solicitando a venda dos produtos. Eis um exemplo abaixo:

Por favor mande:

1 lata de óleo.

meio quilo de farinha .

2 pães sovados médio.

Coloque na conta do pai. Ele está viajando, mas assim que chegar peço pra ele procurar o senhor e levar a caderneta pra anotar.

Ass: Valdenia, filha do Nonato da serraria.¹⁴⁰

O bilhete transcrito acima estava anexado na página de registro das compras do seu Nonato, freguês antigo conhecido como Nonato da serraria. Como o documento descreve, por motivo de viagem o fregues não foi o autor direto da compra, mas sua filha tinha autorização e também a confiança do vendedor em efetivar a compra mesmo através de um bilhete encaminhado por meio de terceiros.

Nessa transação, a única segurança do bodegueiro seria anexar o bilhete ao cadastro do credor oficial, isto é, Seu Nonato. E assim fica claro também a ausência da moeda que é parcialmente substituída pelo crédito e o bilhete representa o passaporte da relação de crédito.

No mesmo Livro- Caixa encontramos em anexo o seguinte bilhete:

Peço por gentileza que despache:

2 barras de Sabão em pedra pavão

1 garrafa de água sanitária

2 caixas de sabão em pó OMO

Ana¹⁴¹

¹⁴⁰Bilhete anexado no Livro Caixa de Seu Francisco da Chagas Parente (seu Chaguinha) datado do dia 11 de janeiro de 1970)

¹⁴¹O bilhete citado estava anexado ao Livro Caixa do bodegueiro Francisco das Chagas Parente (Seu Chaguina) datado do dia 16 de Março de 1970.

Nesse bilhete, a freguesa solicita a compra de produtos de limpeza na bodega de Seu Chaguinha através de um portador. Na análise das suas compras percebemos a efetivação do pagamento de todas as dívidas, sempre adquirindo novos produtos e quitando no mês subsequente.

Percebamos que, apesar de se tratar de um breve bilhete, a consumidora não esconde a preferência pelas marcas, indicando também a presença dos símbolos publicitários que engloba o país na difusão fervorosa de um discurso que chama atenção para uma emergente cultura de consumo.

Conforme o livro- caixa analisado, a bodega do Seu Chaguinha contava com aproximadamente 50 fregueses registrados como consumidores amparados pelo crédito, entretanto havia aqueles que também compravam os produtos em dinheiro viabilizando o número de fregueses.

Ao longo do documento, identificou-se a profissão de muitos fregueses em virtude de estarem registrados pelo primeiro nome, seguidos do local onde trabalhavam. Assim encontravam-se funcionários públicos e dos mais variados setores de trabalho, como por exemplo, Nonato da serraria, o Milton jornaleiro, Cristóvão do Banco do Brasil, João do DNOCS¹⁴² e etc. Ou ainda, os fregueses eram identificados pelo nome de família ou do chefe da família: A Maria do Valdo etc.

Outra observação se aplica ao fato de ser possível constatar as condições de vida privada das famílias a partir da quantidade e variedade de produtos consumidos, isto é, a diferença na somatória da dívida de um indivíduo para outro.

Além do local de trabalho, ou especialidade de cada indivíduo, a denominação dos fregueses estava atrelada à localidade onde moravam, pois era comum que muitos deles viessem de outros municípios ou distritos rurais para realizarem suas compras.

Nesse sentido, a rede de apoio estava além dos limites da cidade, fregueses como Senhor Miguel do Sítio do Cipó dos Anjos e Rosemere da Juatama – povoados do município de Quixadá que na década de 1980 adquiriram status de distritos – enfrentavam as distâncias geográficas em busca da aquisição de seus víveres.

Através do livro-caixa da bodega de seu Chaguinha, vislumbrei ilustrar genericamente como funcionavam as relações entre fregueses e bodegueiros, bem como a elaborada prática do crédito, desvendando hábitos e costumes, adentrando em alguns momentos pela vida privada de habitantes da cidade.

Não obstante, este formato de linha de crédito, significava nada mais senão que uma

¹⁴²Departamento Nacional de Obras Contra a Seca

maneira mútua de, tanto o bodegueiro quanto o freguês, se protegerem de possíveis alterações no valor da dívida, quer dizer era uma confiança desconfiando.

2.9- A HONRA, O FIADO, O VELHACO.

Não raro, alguns fregueses deixavam de pagar suas dívidas ou, por outra, tentavam driblar o controle do bodegueiro, afirmativa constatada a partir da análise de livros caixas e de relatos colhidos por entre os bodegueiros da época.

Um dos indícios dessas situações encontra-se presente na fala de seu Zé Rodrigues, que faz a seguinte declaração:

(...) A caderneta do fiado era a única segurança que a gente tinha. Mas às vezes dava problema, não era bem segura assim. Sempre tinham aqueles metido a esperto que comprava fiado e depois diziam que tinham pagado. Um dia um cliente veio, me fez a compra. Fiado. E depois chegou dizendo que já tinha pagado a meu menino. “Por que era assim: a bodega não fechava. Era de domingo a domingo. E a gente naquele horário de pico... de refrigerante... de alguma coisa assim... De horário de almoço... não podia fechar por que era onde dava um pinga – pinga. E aí era onde a gente fazia esse revezamento de ficar meu menino mais velho de manhã e outro mais novo de tarde e eu geralmente ficava a noite... Mas contando que ficasse a bodega aberta praticamente de sete as vinte e duas horas”. E o mesmo cliente sempre fazia isso. E eu só descobri muito tempo depois quando fizemos uma reunião para resolver algumas coisas sobre o negócio.¹⁴³

Convém lembrar que, historicamente, a sociedade se coloca como reguladora das ações de seus pares, todavia, naquela época (século XX), a honra do indivíduo era seu bem mais precioso baseado na palavra.

Sendo assim, quando um chefe de família tinha seu nome sujo por deixar de cumprir seus compromissos financeiros, não significava apenas perder a oferta de crédito na praça, mas sobretudo, desafiar o código de conduta dos valores ditados pelo seu grupo, logo carregar no dia a dia a censura de seus amigos, familiares e toda a vizinhança.

Isto sem contar que a troca da venda da mercadoria pelo valor cobrado por ela, tornava-se um ciclo comercial fundamental tanto para a sobrevivência da bodega como também para a manutenção da honra do bodegueiro, na medida em que os mesmos dependiam do recebimento da dívida para arcar com suas dívidas junto aos fornecedores.

Outra questão que se observa é que a relação entre freguês e bodegueiro estava para muito além das práticas e questões comerciais, como já havíamos enfatizado no início desse

¹⁴³Acervo da autora: Entrevista realizada em 10 de Novembro de 2010.

texto, haja vista que grandes amizades eram construídas mediadas por estas trocas econômicas.

Era no momento das compras onde as conversas de “pé de balcão” surgiam, corroborando para a existência de um laço afetivo tecido entre um assunto e outro que, diga-se de passagem, eram dos mais variados.

A necessidade de não quebrar o laço de amizade com o bodegueiro, portanto, também fazia parte dos critérios que corroboravam para que muitas famílias se esforçassem para cumprir com o pagamento na data acordada.

Em síntese, as bodegas consistiam num pequeno espaço dividido por um balcão, rodeado por sacos de alimentos, prateleiras empoeiradas, um homem ao seu centro, e as cadernetas, os balaies, as cachaças, faziam parte de um universo intrigante, de relações, que, se pensarmos bem, não estão tão distante da nossa realidade atual.

Hábitos e costumes de uma cidade que corroboram para a construção do que se compreende por cultura urbana, e que se vê no decorrer das décadas de 1960 e 1980, em meio a uma euforia dos acontecimentos inerentes a um processo de expansão demográfica, comercial e econômica de um modo geral.

A exemplo disso, lembramos que:

(...) Começaram a surgir novas distribuidoras. O quê que essas distribuidoras faziam? Vendiam o produto a um preço mais acessível do que o próprio comerciante local. E isso foi dando origem aos mercadinhos que tinham uma dinâmica diferente da Bodega, isto é, do cliente entrar e se servir sozinho (...) ¹⁴⁴

Como uma reação em cadeia, o abastecimento de alimentos passaria por algumas transformações, de maneira que o quase monopólio das bodegas sofreria um forte abalo na visão dos entrevistados tanto do ponto de vista de estabelecimento comercial, como, sobretudo, espaço de sociabilidade e de proximidade entre os usuários do espaço.

Os mercadinhos e as distribuidoras, portanto, iriam modificar alguns e estabelecer outros hábitos daquela sociedade. Novas relações se estabeleceriam, modificando sobremaneira o abastecimento de alimentos; surge no início na década de 1970 o primeiro comércio com características de supermercados da cidade chamado “Mercantil Cícero Bertoudo”. Assunto que será abordado no próximo capítulo.

Em suma, como diria Laraia (2003), novas relações se estabeleceriam, modificando sobremaneira este ramo de comércio de alimentos da cidade. Cada mudança, por menor que seja,

¹⁴⁴Entrevista com Francisco José Saraiva Nobre em 20 de Julho de 2010.

representa o desenlace de numerosos conflitos. Isto porque em cada momento as sociedades humanas são palcos do embate entre as tendências conservadoras e inovadoras.

CAPITULO 3- O VAREJO: DA BODEGA AO SUPERMERCADO

O varejo supermercadista é uma importante faceta da sociedade moderna. Iniciou-se de forma modesta e secular com a venda de artigos inúmeros nas feiras, ruas das cidades, passando pelas bodegas e armazéns oferecendo artigos não duráveis e duráveis.

No início do século passado, com a florescência da indústria, investiu-se em produtos padronizados, com produtividade em massa e custos cada vez menores. Isso gerou um aumento na oferta de produtos e serviços à sociedade adentrando às comunidades mais diversas.

Nesse cenário, os pequenos comércios foram encontrando condições adequadas para crescer, e gradativamente foram-se criando grandes casas de autosserviço, grandes supermercados com reposição contínua de mercadorias e imensa diversificação.

Logo no final da primeira década do século XX, em virtude da competitividade inerente ao sistema de varejo moderno, nos Estados Unidos surgem os primeiros supermercados com o interesse de aumentar sua oferta de serviços ao público, agregando várias especialidades, as acomodando em ambientes específicos dentro de um espaço comum e permitindo que o próprio cliente viesse e se servisse.

Tais serviços se distribuíram entre os artigos alimentícios e outros de uso e consumo, dentre os quais: padarias, açougues, papelaria, utensílios domésticos, perfumaria, laticínios, etc., não somente permitindo maiores margens de lucro, como também representando uma importante inovação no sistema de varejo da época.

No Brasil, as primeiras experiências relevantes com o sistema de autosserviço no varejo de alimentos datam da década de 50. Desde então, observa-se uma tendência de crescimento contínuo e a consolidação dos supermercados como a estrutura predominante de comercialização de produtos alimentares, em substituição ao setor tradicional de distribuição de alimentos, composto por bodegas, feiras, mercearias, etc.

Nesse contexto, destaca-se que:

Os supermercados começaram a abrir suas portas no Brasil na década de 1950. Em 1953, na Rua da Consolação em São Paulo, surgiu o “Sirva-se”, que copiava a infra-estrutura e o sistema de auto-serviço desenvolvido nos Estados Unidos a

partir dos anos de 1930. No Brasil os supermercados chegavam ao mesmo tempo em que se instalavam os primeiros televisores nas residências, em meio às mudanças que ocorriam com o aumento da industrialização, novas técnicas agrícolas, abertura de estradas e a indústria automobilística. Os grandes magazines que faziam a venda de roupas e artigos domésticos surgiram na Europa e nos Estados Unidos no século XIX. Mas, quanto à distribuição de alimentos, essa mudança ocorreu a partir da década de 1930 nos Estados Unidos. Entre os fatores que contribuíram para o nascimento dos supermercados estavam os problemas trazidos pela crise de 1929 que demandava o barateamento dos preços das mercadorias.¹⁴⁵

Em 1975, o Carrefour que pertencia à maior rede de supermercados na França, instalou-se em São Paulo. Mas, nesse período, várias cidades pequenas pelo interior do país já começavam a contar com seus próprios mercados, mercadinhos e supermercados.

Assim, a atividade supermercadista tem-se caracterizado por grandes evoluções tecnológicas, assim como pelas constantes mudanças em seu ambiente de atuação. Essas mudanças foram analisadas por Sheth (1983), que destaca as modificações no perfil do consumidor e as novas tecnologias à disposição do varejo.

E com base em pesquisas realizadas por especialistas desse assunto, agregando sobretudo a área da economia, arriscaria dizer que a grande expansão desse ramo do varejo no mundo inteiro, teve seu ponto de partida nos Estados Unidos ainda na primeira metade da década de 30, durante o período da Grande Depressão.

Aqui, no Brasil, foi implantado na década de 1950 e teve significativa evolução até chegar ao atual estágio. Na busca de maior eficiência, foram introduzidos novos formatos organizacionais, resultantes principalmente das respostas às mudanças no comportamento do consumidor.

Adotaram-se novas tecnologias que incorporam, em grande medida, elementos como economias de escala e racionalização do sistema operacional. Acredita-se que essas tecnologias, ao permitir a redução de custos e, em seguida, de preços, proporcionaram vantagens competitivas na ocupação do espaço dos estabelecimentos especializadas tradicionais, que cederam gradativamente lugar ao supermercado.

Os produtos passaram a ser, majoritariamente, os serviços de distribuição no comércio de alimentos e produtos de higiene pessoal e limpeza, ao consumidor final. À medida que tais comércios foram se expandido pelo país, percebe-se gradativamente uma mudança no comportamento do consumidor brasileiro. O setor passa a investir mais na preferência do consumidor, com foco nas estratégias de venda e oferta de produtos ao consumidor final.

¹⁴⁵BELIK, Walter. Supermercados e Produtores: Limites, Possibilidades e Desafios. Disponível em <www.sober.org.br/palestra/1207O078.pdf>. Acesso em 08 de março de 2011.

Dessa forma, a variedade de produtos, autoatendimento, ofertas/promoções com preços abaixo dos de mercado, a qualidade dos produtos, dentre outras referências foram o grande diferencial dos supermercados, como ainda hoje é.

Nesse sentido, novos hábitos foram sendo incorporados no âmbito das relações do comércio varejista do consumidor brasileiro. As compras já não estariam tão concentradas no início do mês ou em um dia específico da semana.

Com o passar dos anos, na segunda metade do século XX, os supermercados que a principio foram uma realidade conferida somente às grandes capitais e algumas poucas cidades do interior mais desenvolvidas, foram adentrando com força as cidades do interior dos estados brasileiros.

E é nesse sentido que convém, nesse momento, tecer algumas considerações acerca do panorama urbano, socioeconômico, cultural e político da época em foco, que corroborou para a fixação das novas possibilidades de comércio varejista, no setor de alimentos e artigos de uso e bens de primeira necessidade, nas cidades do interior brasileiro, de forma específica a cidade de Quixadá, cenário onde se ambientaliza a pesquisa.

3.1 – O CENÁRIO URBANO

Com o propósito de justificar e compreender a “urbanização” que conhecemos no decorrer do século XX, sobretudo na segunda metade, Milton Santos (2009) alega que isso se deveu ao advento de uma mentalidade capitalista, marcada pelo aperfeiçoamento técnico-científico que permitiu a difusão também de uma mentalidade modernizadora que corroborou para remodelações tanto no meio físico como no modo de vida urbana.

Fatores como produção, trabalho, mercadorias, ganham maior mobilidade e, mais uma vez numa perspectiva weberiana, os sujeitos sociais urbanos ganham um campo fértil para ressignificarem suas ações e costumes em face de um movimento capitalista entendido como um elemento também da cultura.

Estando, pois, o mundo submerso em tal processo desde o fim da segunda guerra mundial, o Brasil não é indiferente e não tardam as iniciativas políticas e privadas em prol desse movimento. Com o golpe de Estado de 1964, criaram-se as condições necessárias para uma rápida integração do País a um movimento de internacionalização que aparecia como irresistível em escala mundial.

A economia se desenvolvia numa proporção que visava atender seja a um mercado consumidor em célebre expansão, seja para responder a uma demanda exterior.

Simultaneamente, o País se torna grande exportador, tanto de produtos agrícolas não tradicionais (soja e cítricos) parcialmente beneficiados antes de se dirigirem ao estrangeiro, quanto de produtos industrializados.

A modernização agrícola atinge produções tradicionais como o café, o cacau, o algodão; alcança produtos como o trigo, cujo volume plantado e colhido se multiplica, implanta-se em muitos outros setores e se beneficia da expansão da classe média e das novas equações de um consumo popular, intermitente, com o desenvolvimento da produção de frutas, verduras e hortaliças.

O aumento da população, a ampliação da classe média, a sedução dos pobres por um consumo diversificado, ajudado por sistemas extensivos de crédito, servem como impulsão à expansão industrial, bem como ocorre um desenvolvimento muito grande da configuração territorial, formada pelo conjunto de sistemas de engenharia que o homem vai superpondo à natureza, verdadeiras próteses de maneira a permitir que se criem as condições de trabalho próprias de cada época (SANTOS, 2009, p. 36).

Outro aspecto importante a levar em conta é o enorme desenvolvimento da produção material.

A produção material brasileira, industrial e agrícola, muda de estrutura; a estrutura da circulação e da distribuição muda; a do consumo muda exponencialmente; todos esses dados da vida material conhecem transformações extraordinária, ao mesmo tempo em que há disseminação no território dessas novas formas produtivas.(...) Outro dado importante a considerar é o desenvolvimento de novas formas econômicas: não apenas há um desenvolvimento das formas de produção material, há também uma grande expansão das formas de produção não-material: da saúde, da educação, do lazer, da informação e até mesmo das esperanças. São formas de consumo não-material que se disseminam sobre o território (SANTOS, 2009, p. 36 – 38)

Esse movimento de pano de fundo, no território e na sociedade, tem como consequência uma nova urbanização brasileira. Arriscaria dizer que um dos elementos fundamentais de sua explicação repousa sobre o fato de que aumentou no Brasil, consideravelmente, a quantidade de trabalho intelectual.

A população brasileira se tornou mais letrada e dinâmica, e isso se deveu, diretamente, às necessidades geradas pelo período que se encontrava, completamente voltado para o meio técnico-científico, posto que a ciência e a técnica estavam presentes em todas as atividades humanas.

A partir dos anos 70, o processo de urbanização alcança novo patamar, tanto do ponto de vista quantitativo, quanto do ponto de vista qualitativo. Desde a revolução urbana

brasileira, consecutiva à revolução demográfica dos anos 50, tivemos primeiro uma urbanização aglomerada, com o aumento do número - e da população respectiva – dos núcleos com mais de 20.000 habitantes e, em seguida, uma urbanização concentrada, com a multiplicação de cidades de tamanho intermédio, para alcançarmos, depois, o estágio de cidades milionárias e de grandes cidades médias em torno de meio milhão de habitantes (SANTOS, 2009, p.69).

A expansão e a diversificação do consumo, a elevação dos níveis de renda e a difusão dos transportes modernos, junto a uma divisão do trabalho mais acentuada, fazem com que as funções de centro regional passem a exigir maiores níveis de concentração demográfica e de atividades.

Ademais,

As cidades milionárias, que eram duas em 1960 (São Paulo e Rio de Janeiro) são cinco em 1970, dez em 1980 e doze em 1991. Esses números ganham maior significação se nos lembrarmos de que em 1872 a soma da população das doze maiores cidades brasileiras não chegava a 1.000.000 de habitantes, reunindo apenas 815.729... Esta é a nova realidade da macrourbanização ou da metropolização. Mas se levarmos em consideração as aglomerações ou quase conurbações que beiram essa cifra, seu número será consideravelmente aumentado. A palavra metrópole é, todavia, timidamente utilizada no Brasil, quando as novas realidades da mundialização ampliam o processo de sua criação como o 'locus' por excelência das relações sociais e econômicas (...) (SANTOS, 2009, p.75)

O espaço nacional, portanto, conheceu transformações extensas e profundas. E a modernização é o principal elemento condutor dessas mudanças, acarretando distorções e reorganizações, variáveis segundo os lugares, mas interessando a todo o território.

Nesse sentido, para prosseguir com esta exposição, é pertinente retroceder um pouco no tempo em busca de compreender melhor o objeto da pesquisa em questão, isto é, Quixadá submersa a processos de urbanização e modernização urbana em momentos considerados como picos econômicos, locais vinculadas a contextos históricos e culturais maiores. Trata-se da construção do açude Cedro (1884-1906) e a ascensão do Algodão (1960-1980).

3.2- EM BUSCA POR UMA MODERNIZAÇÃO

Teus monólitos e fazendas que contornando esse imenso sertão. Assim começou a história de Quixadá! Entre os 'arranhas céus de pedras' e a coreografia dos monólitos, vamos encontrar como paisagem predominante, no coração do Ceará, os capuchos das plumas ao lado do mungir do gado nos vales e nos campos de Quixadá até o início dos anos 80... Primeiro comandado era o chiar dos carros de bois e, depois, as usinas algodozeiras comandavam, com o apito do trem e os braços

dos trabalhadores do campo e da fábrica, sob o financiamento do Banco do Nordeste (BNB) e do banco do Brasil (BB), o desempenho da atividade econômica algodoeira cearense (SOUSA, 1997: 80)

Localiza na região do sertão central cearense, Quixadá tem uma bagagem histórica bastante rica no que diz respeito aos estudos sobre o desenvolvimento de culturas de consumo vinculadas a economia ou, como eu prefiro chamar, a picos econômicos.

Embora hoje tenha se fortalecido enquanto centro comercial das redondezas, tem suas bases econômicas vinculadas ao meio agrário ou no binômio gado/algodão, que atribuíam a ela características bastantes particular na questão de costumes e estilo de vidas.

Eu arrisco apontar dois momentos que julgo importantes para ilustrar esses picos de desenvolvimento e transformações em todos os setores da vida urbana que certamente corroboraram para transformações também no modo de vida da cidade.

Primeiro temos a construção do Açude Cedro, no final do século XIX e início do XX, que permite a entrada de uma tecnologia avançada para a época, e logicamente a entrada de estrangeiros que traziam consigo um conhecimento e um estilo de vida distintos daquele já existente, bem como ocorreram também mudanças na estrutura física, isto é, ela vai se redefinindo enquanto cidade: ruas e casas vão se expandindo pelas redondezas e ocorre um aumento populacional ocasionado pelo intenso êxodo rural, haja vista que era comum que pessoas viessem para a cidade em busca de trabalho na construção do Açude, sobretudo pra fugir da seca e da miséria ocasionada pela mesma.

Outros aspectos, entretanto, não podem ser deixados de lado quando se pensa os efeitos de tal projeto sobre a sociedade local, tendo em vista que também representou um momento singular de efervescência econômica e cultural de consequências duradouras para o semiárido cearense.

Nesse sentido, Sousa (1997) aponta que naquele momento,

A modesta vila matuta foi abalada por uma chusma de homens diferentes, que pelos modos de hábitos logo denunciavam ser 'gente de fora'. Usando roupas exóticas, chapéus de cortiça e botas de cano alto, faziam-se acompanhar de um séquito de auxiliares e de um arsenal de instrumentos e equipamentos nunca vistos no sertão. Era o primeiro impacto (...) entre duas culturas em desnível: a dominada pelo espírito científico que começava a se cristalizar no Brasil, e a que avassalava a grande massa do povo, presa ao primitivismo e as deficiências do meio e do tempo (SOUSA, 1997, p. 53)

Localizada na região do sertão central cearense, portanto, cortada por um imenso curral de pedras e por uma estrada de boiadas que ligava o alto sertão ao litoral, sustentada

economicamente no binômio gado/algodão, Quixadá entrava naquele momento numa fase de “progresso e vitalidade econômica, social e cultural.”

Intensificou-se o comércio com a abertura de novos estabelecimentos, comboios sucessivos transportavam sem cessar mercadorias e gêneros alimentícios; maquinárias e material de construção atulhavam os depósitos improvisados; rasgavam-se estradas de penetração e em procura do litoral, e a bisonha sociedade começou a receber a influência dos numerosos elementos categorizados da comissão do açude, entre os quais se contavam engenheiros, agrimensores, topógrafos, desenhistas, contadores, tendo como chefe o engenheiro J.J. Revy (SOUSA, 1997: 53-54).

No decorrer das obras, milhares de trabalhadores sertanejos viam em Quixadá a possibilidade de fuga da miséria e da seca que assolava o sertão, sendo ainda uma alternativa para aqueles que não embarcavam para trabalhar nos seringais da amazônia. A cidade se beneficiava, ainda, com a chegada da linha férrea de Baturité, em 1891, e a ligação telégrafo no mesmo ano.

Eusébio de Sousa¹⁴⁶, escrevendo sobre a Quixadá no início da década de 1920, informa da existência de onze empresas importadoras e nove importadora/exportadoras,

(...) uma fábrica de redes, três fábricas de calçados, seis fábricas de aguardente, oitenta aviamentos de farinha, doze carpintarias, quinze ferrarias, três funilarias, três ourivesarias, dez fábricas de beneficiamentos de algodão, quinze engenhos de ferro, dez engenho de madeira, oito motores a vapor e uma tipografia. Exportavam-se couros, peles, sola, queijos, cera, e importavam tecidos, ferragens e gêneros alimentícios, dentre outros. As feiras de gado movimentavam, semanalmente, cerca de quatrocentos cabeças, provindas das mais variadas regiões do Ceará (SOUSA, 1927: 101-104).

Um pouco mais tarde, diante dos vestígios deixados pelo panorama citado acima em termos comerciais e econômicos, funda-se a Associação Comercial de Quixadá em 1 de Outubro de 1920, com a missão de fazer com que o comércio local tivesse sua primeira forma de organização coletiva. Sua trajetória foi marcada por iniciativas que previam, sobretudo, o desenvolvimento social, econômico e cultural do município.

Na década de 1920, a cidade começou a organizar-se administrativamente e outras entidades também já haviam iniciado suas atividades, como é o caso do Sindicato Agrícola de Quixadá (1914), que vislumbrava a organização da agricultura no município, visto que a cultura algodoeira dava seus primeiros passos para a comercialização de exportação.

¹⁴⁶ Juiz da comarca de Quixadá entre os anos de 1922 a 1926, fundador dos jornais O centenário que teve uma única edição para comemorar o centenário de Independência do Brasil e O sitiá que circulou entre os anos de 1924 a 1927. E membro do Instituto do Ceará.

E em face desse fator, bem como da importância exercida pelo setor agrícola na economia, alguns comerciantes passaram inclusive a incentivar a agricultura fazendo doações de vários tipos de sementes para os agricultores do município, para que os mesmos pudessem produzir e, conseqüentemente, após a colheita, o produto chegasse dando maior mobilidade aos negócios da cidade.

Essa visão fazia parte principalmente dos membros da Associação Comercial de Quixadá, que buscavam sempre desenvolver atividades no município, para que isso se refletisse no crescimento urbano através do comércio local.

O segundo momento que apresento como pico de desenvolvimento econômico e urbano na cidade de Quixadá repousa sobre o advento da cotonicultura, que no âmbito da História do Ceará está intrinsecamente vinculada ao gado, desde a sua colonização, e ao algodão como fator de consolidação e inserção no mercado internacional, tendo em vista que sua ocupação já se efetivara sobre o roteiro das boiadas que se abriram novas perspectivas, para a verdadeira colonização da capitania do Ceará.

A base da economia passa a ser assentada na agricultura, com a pequena disponibilidade de capital para o financiamento da referida lavoura de exportação, que nos anos 50, perdurando até a década de 1970, passou a ser um dos principais produtos de exportação do Estado (GIRÃO, 1989)

Quixadá manteve essas características econômicas e históricas a ponto de tornar-se um dos municípios mais importantes do estado, características marcadas a partir de sua ocupação, pela bovinocultura, até a sua consolidação com a cotonicultura, como polo de desenvolvimento de todo Sertão central.

No que consiste a questão do desenvolvimento, portanto, os reflexos sobre os vários setores da vida urbana e do cenário urbano são vastos, visto que a mentalidade desenvolvimentista e modernizadora circundante naquele período, tanto no país como no estado, certamente adentrou regiões e municípios movimentando suas particularidades.

Pela associação dos comerciantes passaram pessoas que por muitos anos se dedicaram a mesma, como é o caso de Senhor Aluísio da Silva Rabêlo, diretor financeiro da entidade no ano de 1970. No que diz respeito ao processo de instalação de instituições financiadoras, ele relata a seguinte situação:

(...) Só em 1975, em 75, não. 76 se eu não to engando, 29 de Setembro. É que foi instalado o BEC aqui, Banco do estado do ceará que não tinha. Tava em tempo de perder, que vinha a carta, o banco pegava uma carta , aí ele podia instalar em Quixadá. Se quixadá não acolhesse, não tivesse espaço, ele com aquela carta podia

ir para Quixeramobim. E nós tivemos que aqui em tempo de perder... Aí nós cedemos nossa sede da Associação comercial de Quixadá para que o banco se instalasse para não perder a agência aqui na cidade. Aí nós tiramos as coisas, alugamos um quarto, e botamos as cadeiras, a mesa. Botamos as coisas tudo lá. E se reunia sempre no seu Benjamim que era o presidente ou na casa de outro sócio(...).

Como deixou claro o relato do entrevistado, essa narrativa trata do processo de instalação do BEC na cidade, que a princípio funcionou na sede da associação, diante da ameaça de que o Banco pudesse se instalar no município vizinho e com isso viesse a comprometer o desenvolvimento da cidade.

Assim, o comércio de Quixadá, no que se pode chamar de período áureo do algodão, viu seu desenvolvimento econômico acelerado a partir das décadas de 1960 a 1980. O algodão era o principal produto de destaque naquele período. Setores como o comércio passavam por um momento de solidez na economia, o que era refletido no movimento das vendas dentro dos estabelecimentos comerciais.

A importância do algodão, que gerava muitos empregos em vários setores econômicos do município, fazia com que a economia se desenvolvesse, tanto na zona rural como na área urbana.

Muito embora o comércio do algodão ocorresse paralelamente com outras culturas, como a criação de gado e de subsistência (milho, feijão), era ele o carro chefe da economia local naquela época.

Convém lembrar que o setor industrial ao lado do comércio incrementava a economia quixadaense. Existia na década de 1960, segundo dados do IBGE, em Quixadá, 294 casas comerciais, dentre elas 4 farmácias, 2 livrarias, 3 casas de móveis. E o setor industrial, em pleno desenvolvimento está representado abaixo pelas suas principais atividades.

TABELA I

INDUSTRIA	FÁBRICAS	OPERÁRIOS	CAPITAL	PRODUÇÃO
Beneficiamento do algodão	5	132	22.000.000	125.000.000
Óleos vegetais	2	42	11.000.000	32.092.000
Curtume	1	102	6.500.000	19.180.000
Fiação e tecelagem	1	35	6.000.000	10.000.000
Redes de dormir	5	90	1.000.000	9.000.000.
Panificação e massas	8	38	2.000.000	6.389.000
Serraria	4	26	1.600.000	4.136.000
Sabão	1	5	200.000	1.386.000
Calçados	2	13	250.000	1.100.000

Movelaria	2	9	200.000	860.000
Mosaicos	1	6	400.000	600.000
Moagem de cereais	1	4	200.000	450.000
Artefatos de couro	2	6	100.000	400.000
Corda de agave	1	3	050.000	200.000
Total	36	511	51.5000.000	211.393.000

Fonte: Anuário estatístico do Ceará-1998

O dados acima são um indicativo de que a matéria-prima dessas indústrias tem sua origem na produção do agropastoril, concorrendo o algodão com 84% e a pecuária com 10% de toda a produção industrial.

Dentro desse contexto das indústrias, está o Curtume Belém, de propriedade do Sr. José Capelo. O curtume foi um dos principais estabelecimentos não somente de Quixadá, mas de todo o estado do Ceará na época. Os equipamentos eram modernos e eficientes para a época; anualmente era beneficiados cerca de 40.000 peles e couro, produzindo couros curtidos, vaquetas e vernizes.

A presença do Curtume em Quixadá fomentava nas cidades vizinhas e distritos a existência de pequenas oficinas de calçados, pequenas fábricas de calçados artesanais, porque a matéria-prima está bem próxima do sapateiro, o couro beneficiava a vaqueta, a sola, a raspa, as variedades todas, vernizes... Mas, além disso, a matéria-prima que alimentava o curtume, que era o couro de boi, era abundante na região, porque Quixadá e Quixeramobim eram criadores de gado.¹⁴⁷

Logo abaixo, nas palavras do comerciante Sr. Joaquim Capistrano Júnior, proprietário de empresa Casa Olinda, especializada no segmento comercial de tecido, é notório como foi importante todo o período em que o algodão foi destaque no município, por ser um produto que aquecia a economia local, e como o comércio era beneficiado com a produção do algodão.

A força, a maior força de Quixadá exatamente era à força de produção do algodão, e relação do algodão com a Casa Olinda era um negócio tão forte que na época da safra, que girava por volta dos bro-bró que agente chama de Setembro, Outubro, Novembro, e Dezembro. São os quatro ou cinco últimos meses do ano, tinha uma força muito grande, a gente, representava noventa a noventa e cinco por cento da venda vindo do algodão. Chamava-se o algodão era o ouro branco... Na década de sessenta nos tínhamos no setor de tecidos doze vendedores, e todos os doze, ganhava, todos os doze funcionários, que ganhavam muito bem, era comissionado, mas ganhavam bem porque vendia demais, a gente vendia na hora que abria a hora que fechava.¹⁴⁸

¹⁴⁷QUEIROZ, Francisco Cleune. O Comércio de Couro em Quixadá – Estudo de Caso do Curtume Belém (1950-1970). Monografia FECLESC/UECE, 1999, P. 56.

¹⁴⁸ Entrevista realizada em Quixadá em 24/07/2010.

O comércio de Quixadá tinha seu maior fluxo de clientes no centro da cidade, mais especificamente onde hoje se encontra a Rua Francisco Enéias de Lima. Por ali passavam, diariamente, vários carregamentos de algodão que seriam beneficiados nas indústrias quixadaenses e, claro, o comércio, estrategicamente, estava instalado bem no meio desse movimento entreposto financeiro que o algodão proporcionava para a cidade.

Em síntese, Quixadá foi por muitos anos uma das principais cidades do Estado do Ceará na produção de algodão, era centro polarizador. Era uma das principais atividades econômicas que desenvolveu o município, promovendo o crescimento de vários setores do comércio e, conseqüentemente, da cidade.

Na tabela II, logo abaixo, apresenta-se a produção de algodão no Nordeste, por estado, no ano de 1971, e na TABELA III a produção por microrregião. Analisando esses dados, percebe-se que a cidade de Quixadá se colocava como uma das mais promissoras do estado e do Nordeste, com uma produção de cerca de 34.420 toneladas de algodão, tornando-se uma das cidades do estado que mais produziam, juntamente com as cidades de Uruburetama, Iguatu e Chapada do Araripe:

TABELA II

Produção de Algodão no Nordeste por estado no ano de 1971

ESTADO	PRODUÇÃO E TONELADAS	PORCENTAGEM
Ceará	379.397	41,3
Paraíba	153.228	16,07
Rio Grande do Norte	110.513	12,0
Pernambuco	106.343	11,6
Bahia	87.760	9,5
Piauí	27.915	3,8
Maranhão	26.136	2,8
Alagoas	21.064	2,3
Sergipe	7.726	0,8
Nordeste	920.082	100,0

Fonte: ETEA-MA¹⁴⁹

TABELA III

Produção do algodão por micro-região no ano de 1971

MICRO-REGIÃO	QUANTIDADE
1° Uruburetama (58)	57.388
2° Iguatu (73)	35.498
3° Chapada do Araripe (77)	41.033
4° Sertões de Quixeramobim (68)	34.420

Fonte: ETEA-MA

¹⁴⁹Banco do Nordeste do Brasil. Perspectiva da Cultura do Algodão no Nordeste. Departamento de Estudos Econômicos do Nordeste (ETENE)- Divisão de Agricultura – fortaleza-1973.

A matéria – prima do algodão chegava a Quixadá a todo momento. Quando iniciava-se o momento da colheita, o algodão vinha em ramas e logo que chegava já tinha destino certo. Muitos compradores, antes mesmo da colheita, já fechavam a compra da safra com os produtores: a chamada compra do algodão na rama.

Muitos intermediários lucravam muito recebendo diretamente o produto do agricultor, visto que muitos deles não tinham noção de preços de mercado do algodão, logo perdiam muito do seu lucro repassando o produto para os corretores ou atravessadores.

Os corretores estrategicamente encontravam-se localizados em pontos comerciais no centro da cidade, ou seja, em escritórios financeiros onde agricultores vinham em busca de auxílio financeiro para dar início às suas atividades no campo, que iam desde o preparo da terra à colheita do produto, como relata o senhor Antônio Albuquerque de Macedo, atual presidente da cooperativa Agrícola de Quixadá – COOPAQUI.

(...) Os chamados atravessadores e tinha aqueles chamados corretores de algodão que montavam os escritórios, faziam uma espécie de intermediação. Ele tinha agricultores ligados a lele, e ele também fornecia dinheiro(...) ¹⁵⁰

O entrevistado conta seu passado, ainda que siga um roteiro pré-estabelecido pelo entrevistador, mas por vezes sua fala ganha asas e quer deixar fazer valer as experiências vividas. Quixadá, passando por todo esse processo de crescimento econômico através do algodão, inicia a instalação de suas primeiras fábricas.

A primeira máquina, criada no ano de 1882, tinha como principal característica descaroçar o algodão da pluma e foi introduzida pela firma Olímpio e Irmão. Foi importada da Inglaterra e posteriormente um comerciante, e também comprador de algodão chamado José Rulfo, adquiriu um modelo. Até então, todo o beneficiamento era feito rusticamente através da tração animal, fazendo com o processo se prolongasse por muito tempo.

A evolução tecnológica da época fez com que um pouco mais tarde, Quixadá conhecesse suas primeiras fábricas de beneficiamento com equipamentos modernos, e assim a cidade passou a receber uma quantidade muito grande de matéria prima de todo o município e até de outros municípios que achavam melhor beneficiar a pluma para que posteriormente fosse comercializada, na sua maioria, para o mercado externo.

Muito embora as primeiras indústrias de beneficiamento do algodão tenham sido instaladas em Quixadá na década de 1920, foi somente nos anos 60 do século XX que, com o

¹⁵⁰Entrevista realizada em Quixadá em 27/07/2010.

aquecimento da produção do algodão, as indústrias se empenharam na execução de um processo constante do beneficiamento do produto.

Assim, como deixam claro as informações acima, o crescimento econômico da cidade passava pelas indústrias, que funcionavam a todo vapor: A Sociedade Industrial Reunida Ltda 9 SIRLA), que tinha como proprietário o senhor Abraão Baquit e depois o Senhor Aziz Okk Baquit; a Cia P. Machado, fundada no ano de 1944, de propriedade do senhor Alberto Machado, mais tarde passando para o senhor Joaquim ventura; o Comércio e Indústria e Agricultura SA (CIASA), pertencendo ao senhor Décio Pinheiro, Sila Pinheiro e Laerte Pinheiro, que a partir de 1976 passou a ser denominada Cooperativa Agrícola de Quixadá COOPAQUI; Usina Damião II, tendo a frente de suas atividades o Senhor Renato de Araújo Carneiro.

Convém salientar, que apenas a Cooperativa Agrícola de Quixadá – COOPAQUI, tinha sua missão fundamentada no corporativismo¹⁵¹, enquanto as outras se caracterizavam como indústrias particulares.

Nesse sentido, destaco as palavras do Senhor Antônio Albuquerque Macedo em seu relato sobre a ação da COOPAQUI:

(...) A cooperativa Agrícola de Quixadá foi criada em 1972. Nessa época houve uma espécie de explosão de cooperativas no seguimento de algodão. O algodão sempre foi dominado por grupos econômicos tradicionais das cidades do interior, se você chegasse no interior e perguntasse quem é o homem rico da cidade, alguém dizia: é o usineiro fulano de tal. Ele dominava o algodão. Era uma área muito explorada. Eles mexiam com muito dinheiro. Financiamento bancário. Então a Cooperativa entrou no seguimento do algodão Emprestava dinheiro para o agricultor...Então a cooperativa entrou no seguimento de algodão com a missão de democratizar a questão econômica do algodão, o usineiro tradicional, processador, beneficiador - o maquinista como era chamado – que processava cerca de vinte, quinze, dez mil toneladas de algodão. E se o lucro fosse dele ou o prejuízo, era dele...Então nós entendemos. Houve uma parceria entre na época entre a SUDENE e a EMATERCE – eu sou ex-funcionário da EMATERCE, eu era empregado dela- e vim pra cá pra mostrar que o agricultor podia tbmém ser dono do seu algodão, já que ele era o dono como produtor ele passaria a ser dono também no processamento. Então a Cooperativa se instalou. Recebia produto do agricultor, processava, comercializava, industrializava, vendia e fazia a distribuição das sobras – que é um princípio cooperativista, retorno do excedente, e princípio da lei cooperativista- ou seja, você faz o bolo crescer, quando o bolo tiver , quando o bolo tiver concluído todos vamos comer juntos, era a filosofia da cooperativa. Então a missão dela era praticamente essa: de fazer com que o algodão ficasse democratizado a renda produção com os associados(...)¹⁵²

¹⁵¹Corporativismo compreende a união de pessoas que visam o bem comum e atuam de forma solidária, igualitária, justiça e ética, formada com o interesse de prestar serviços aos associados com base numa natureza jurídica própria...

¹⁵²Entrevista realizada em Quixadá em 27/07/2010

Essas quatro indústrias passaram a exercer forte papel também no mercado de trabalho, abrindo novos postos e muitas pessoas passaram a trabalhar dentro das indústrias, visto que contratava-se muitos trabalhadores que exerciam as mais variadas funções, dentre elas atividades realizadas por mulheres, como continua a relatar o senhor Antônio Albuquerque de Macedo,

(...) A Cooperativa naquela época, nós tínhamos um segmento que se chamava seleção de algodão, esse trabalho consistia em fazer com que as mulheres selecionassem algumas fibras indesejáveis na tulha do algodão. O algodão vinha, era descascado, ficava fora numa tulha, e antes dele entrar na calha para ser processado, para ser feita a industrialização, era feita uma espécie de pré-seleção. Então as mulheres arrancavam folhas secas, pedaços de pau, pedras, pedaços de madeira e alguns resíduos que era, vamos dizer assim, alheios ao próprio algodão. Quer dizer na época nós empregávamos dez ou quinze por cento dos funcionários da usina eram mulheres(...) ¹⁵³

No que diz respeito ao número de empregos gerados na Cooperativa, ele segue dizendo que:

(...)Essas quatro usinas, pode ter certeza, empregava em média cerca de setenta operários cada uma. Nós tínhamos aqui praticamente duzentos e tantos pais de família empregados nas quatro usinas por que elas tinham três etapas: primeiro era o beneficiamento do caroço. Depois era o beneficiamento da torta para a fabricação do óleo... então envolvia uma quantidade considerável de mão-de-obra... Confirmando que nos tínhamos em média, cada fábrica dessa durante o processamento de fábrica de algodão, em média cada uma dessas usinas tinha setenta operários funcionando. Carteira assinada, com o recolhimento do ICM, com o recolhimento do INNS. Com recolhimento de FGTS, PIS, COFINS, tudo legal. Tudo legalizado(...)

Esta realidade percorreu toda a década de 1960 e 1970 simultaneamente com o processo de “desruralização” ocorrido no Ceará. Dessa maneira, o processo de urbanização do município é visivelmente acentuado. E no que consiste o quadro demográfico, acrescento que enquanto no estado era de 40%, em 1970, o município de Quixadá acompanhou quase o mesmo ritmo, ampliando sua parcela da população urbana de 20% em 1970 para 29,7% em 1980, contribuindo também para a emergência de uma acelerada pressão sobre a demanda de emprego, saúde, educação, saneamento, moradia, enfim, por bens de serviços públicos para a população. ¹⁵⁴

A exemplo disso, a prefeitura de Quixadá, no seu programa de aplicação de

¹⁵³Idem

¹⁵⁴PLANO DECENAL DE EDUCAÇÃO PARA TODOS – 1994-Características Gerais do Município.

recursos, no quadriênio 1967/1970, destinou 30% da receita municipal para a pavimentação urbana que atinge aproximadamente 70% da zona urbanizada, no momento sendo 42.000m² em pedra tosca e 18.000m² em paralelepípedo.¹⁵⁵

Até finais dos anos 60 do século XX, a população o município de Quixadá é predominantemente rural como podemos perceber na tabela IV abaixo:

TABELA IV
Município de Quixadá
População urbana e rural - Período de 1950 a 1970

Anos	Total		Urbana		Rural	
	Total	%	Total	%	Total	%
1960	61.631	100,0	7.641	12, 4	53.984	87, 6
1960	81.682	100,0	11.887	14, 5	69.795	85,5
1968+	101.081	100,0	16.773	16, 6	84.308	83, 4
1969+	103.810	100,0	17.511	16, 8	86.299	83, 2
1970+	106.612	100,0	18.281	17, 1	88.331	82, 9

Fonte: Censo demográfico do IBGE

(+) estimativa

Contudo, ocorre no decorrer da década de 1970 um relativo crescimento da população urbana em virtude dos benefícios da cotonicultura, visto que é recorrente a migração de pessoas vindas de todas as regiões vizinhas em busca de emprego nas fábricas e em outras áreas do comércio que começava a prosperar.

Resultante dessa urbanização acelerada, verifica-se no município um crescimento significativo da população economicamente ativa – PEA, de maneira especial do contingente empregado no setor industrial que teve um aumento médio anual em torno de 4,9% no período entre 1960 a 1980.

É pertinente que se faça a ressalva de que dentro desse contexto a relação comércio-agropecuária são os grandes protagonistas da economia local, isto é, o comércio representado pelo benefício do algodão e a agropecuária com a criação de gado e outros variados produtos de subsistência: milho, feijão...

A produção média anual de feijão era de cerca de 30.000 sacas, rendendo um valor aproximado de Cr\$ 9.000.000.00, enquanto que as cabeças de gado eram de aproximadamente 53.400, representando o valor de Cr\$ 102.150.000.¹⁵⁶

¹⁵⁵Fonte: Superintendência do desenvolvimento e Cultural (SUDEC) – Tendência da urbanização e déficit habitacional na cidade de Quixadá. Fortaleza. 1968.

¹⁵⁶Dados da EMATECE

Todo esse cenário apresentado até agora corroborou para que houvesse investimentos do governo na infraestrutura local. A exemplo disso, temos a criação das primeiras rodovias com o intuito de agilizar o diálogo com a capital e outras regiões vizinhas.

E assim, a cidade foi se redefinindo fisicamente, sobretudo na área do centro urbano, visto que em função desse acelerado crescimento econômico, apresentado até agora, Quixadá foi ficando cada vez mais visionada no sentido de aumentar os investimentos no setor comercial. Lembrando que existiam, na cidade, entre as décadas 1950 e 1970, segundo o IBGE, 294 casas comerciais, 4 farmácias, 2 livrarias e 3 casas de móveis, dentre outros estabelecimentos comerciais.

3.3: O CENÁRIO POLÍTICO

A modernização atual, no que diz respeito a época em foco, baseada na revolução técnico- científica e, paralelamente, nas transformações estruturais das bases econômicas e sociais do sistema capitalista, conhece difusão mais rápida e mais ampla, tanto na vida social quanto na configuração espacial.

No Brasil, como já dissera anteriormente, sobretudo no período moderno pós-64, conjuga-se as exigências de inserção na nova ordem econômica mundial que se desenha e as necessidades internas de um Estado autoritário.

A integração dos transportes e das comunicações, rapidamente modernizados, necessária à visão pan-óptica do território é, igualmente, condição material para a difusão, além das regiões centrais mais desenvolvidas, de atividades industriais e agrícolas altamente capitalistas.

A partir dos anos 70, o processo de urbanização se adensa sobre o território Nacional e alcança novo patamar, tanto do ponto de vista quantitativo, quanto do ponto de vista qualitativo.

Fatores como moradia, trabalho e êxodo rural, sistema de corporativismo nas relações econômicas são temas de sua discussão, o que demarca o ápice da revolução urbana, que se legitima pela ideologia do crescimento.

A prática da modernização vista desde o “ milagre econômico”, pois,

(...)conduziu o país a enormes mudanças, econômicas, sociais, políticas e culturais, apoiadas no equipamento moderno de parte do território e na produção de uma psicoesfera tendente a aceitar essas mudanças como sinal da modernidade. Tal conjunto formado pelas novas condições materiais e pelas novas relações sociais

cria as condições de operações de grandes empresas nacionais e estrangeiras que agem na esfera da produção, da circulação e do consumo e cujo papel direto ou por intermédio direto ou do poder público, no processo de urbanização e na reformulações das estruturas urbanas, sobretudo das grandes cidades, permite falar de uma urbanização corporativista (SANTOS, 2009, p.106)

É importante perceber que o contexto brasileiro em 1960 vivia submerso num clima de disputa ideológica e partidária a partir de diferentes interesses econômicos, sociais e políticos que objetivavam de certa forma a hegemonia nacional, uma herança com elementos de anos anteriores.

Um governo instável, que para tantas demandas dentro do país, gerou diferentes impactos em vários setores da sociedade. A atenção nacional voltou-se para o campo, mesmo com a indisposição da política populista, devido às mudanças provocadas pela rápida industrialização, pela urbanização, pelo início da modernização conservadora da agricultura e pelo aumento do êxodo rural.

Há, nesse espaço, aumento do consumo de alimentos e valorização das terras; a agricultura atinge considerável avanço com sua mecanização; a legislação trabalhista é estendida aos moradores do campo, mas as condições de trabalho tornam-se mais rígidas e com desumana submissão das populações camponesas.

Movimentos rurais afloraram pela nação, em busca de reforma agrária; sua sindicalização e associativismo foram, em alguns pontos do país, instrumentalizados. Em 1963, o então presidente da república, João Goulart, sancionou a Lei do Estatuto do Trabalhador Rural, que estendeu ao mundo rural a legislação trabalhista urbana (carteira profissional, jornada de trabalho, salário mínimo, repouso semanal e férias remuneradas).

Isso não significa que necessariamente os conflitos tenham finalizado. Saindo do campo para as movimentações no cenário urbano, mas também nacional e sobre a envergadura política que conseguisse elencar a sociedade em maior abrangência, vamos ter mobilizações estudantis pela via da conscientização popular, efervescência das forças armadas, personalidades e partidos políticos que aspiravam à candidatura da presidência.

De 1964 a 1984 o país enveredou por reformas que incluíram aliança ao estreitamento dos vínculos com os Estados Unidos, com o bloco capitalista e com o capital internacional. Foi o movimento armado que iniciou essa nova ordem de controle nacional.

Não nos cabe enveredar pelas tensões geradas no país através da ditadura militar, ainda que seja no nível regional e local; na verdade, o que se pode destacar aqui é como essa forma de governo provocou impactos e modificações na macroeconomia do país, tais como criar condições adequadas à expansão do capital (...) fazer o capitalismo funcionar, restaurando a

capacidade de investimento público e privado.

A retomada do crescimento econômico aumentaria a demanda de mão-de-obra e atenuaria a pobreza. A política econômica adotada no país tentava unir crescimento acelerado da economia ao controle da inflação, por isso veremos que:

Ultrapassada a fase de estabilidade, o país estava preparando uma nova etapa de expansão econômica. O crescimento econômico acelerado passou a ser preocupação central. Seu carro-chefe, a expansão industrial, sobretudo a indústria de bens de consumo duráveis. Era uma opção que priorizava consumo das camadas alta e média da sociedade e os setores industriais que produziam esses bens. (BRUM, 1999, p. 322).

Apesar de tanta euforia econômica, não houve envolvimento em todo o país. Vamos ter no território, notável crescimento econômico e o avanço industrial, de um lado, e, de outro, o comprometimento da qualidade de vida da população. É necessário validar três importantes pontos como parte do processo de desenvolvimento do país: a concentração de riqueza, de terras, e do poder; nota-se também as contradições entre planos de governo sentidas pela sociedade.

No entanto, com a aceleração do processo de industrialização, a partir dos anos de 1950, abriu-se a perspectiva de reversão dessa tendência concentradora. Criou-se a possibilidade real de construção de uma sociedade mais democrática, pelo alargamento das camadas médias e a progressiva interação social da maioria da população em situação de pobreza e de miséria. Tal possibilidade foi abortada a partir de 1964. A política econômica e de rendas implantada no país, de então em diante, não só impediu avanços nessa dimensão social como aprofundou a histórica característica concentradora (BRUM, 1999, p.342).

Dentro da busca por ordenamento no país, tivemos, a partir da economia, os acordos internacionais entrando em cena com o interesse de canalizar investimentos; por um lado, a empresa estrangeira trouxe capital externo, contribuiu para ampliar e modernizar o parque industrial brasileiro e proporcionou outras vantagens para o Brasil, em contrapartida, foi elevada a transferência de riqueza (remessas) para o exterior.

Em âmbito nacional, as transformações ocorrem nos trilhos econômicos, sociais e territoriais, sua dinamicidade é tamanha que estas passam a ser apreendidas e em paralelo empreendem outras formas e contornos aos espaços e hábitos de ser cidade e viver o urbano.

Dizer, viver o urbano, é porque o mesmo rompe com os limites geográficos da cidade e recai na relação cidade-campo, sustentação adquirida pela divisão técnica, social e territorial do trabalho, somando —o uso do conceito urbano para qualificar o espaço e/ou as relações que se processam num dado espaço, tendo como contraponto e complemento contraditório o rural (BERNARDELL, 2006. p. 33).

No Brasil pós-1964, reconhece-se a possibilidade efetiva de sua entrada no quadro mundial da nova ordem econômica e suas necessidades internas enquanto Estado autoritário. A disseminação das ideologias desenvolvimentistas dos anos 1950 e a posterior sobre crescimento e Brasil potência, legitimavam os gastos públicos com grandes empresas. Percurso que, ao alcançar os anos 90, estabelece elementos que envolvem na modernização o principal motor de suas mudanças, consequentemente geram distorções e reorganizações, variáveis segundo os lugares, mas interessando a todo o território.

Construções que respingam sob espaços agrícolas como linhas divisórias em decorrência de um:

(...) mercado unificado, que interessa sobretudo às produções hegemônicas, leva à fragilidade das atividades agrícolas periféricas ou marginais, do ponto de vista do uso do capital e das tecnologias mais avançadas. Os estabelecimentos agrícolas que não puderam adotar as novas possibilidades técnicas, financeiras ou organizacionais tornaram-se mais vulneráveis oscilações de preço, crédito e demanda (...) acrescente-se o fato de que a substituição rápida de atividades agrícolas, como ocorreu em boa arte do território brasileiro (SANTOS, 2009, p. 55).

Tal divisão não é sinônimo de oposição, mas funcionamento com motivações diferenciadas e diversificadas entre espaços urbanos e rurais. Essa complexa urbanização implanta divergências pelas regiões brasileiras. No Nordeste, a numerosa quantidade de antigos povoados é assentada sobre estruturas sociais arcaicas, logo

Presume-se que toda cidade assim como regiões urbanas, dentro do quadro geral urbano, direcionam de uma maneira ou de outra, interesse pelas atividades agrícolas. Já por sua vez nas regiões agrícolas, é o campo, principalmente, que dá o rumo dos passos econômicos e sociais no sistema urbano. Para as regiões urbanas são as atividades secundárias e terciárias que têm esse papel. Ainda segundo Milton Santos essas cogitações são objeto de análise de forma generalizada. —Haveria, então, um Brasil urbano e um Brasil agrícola, em que o critério de distinção seria devido muito mais ao tipo de relações realizadas sobre os respectivos subespaços. Não mais se trataria de um Brasil das cidades oposto a um Brasil rural. (SANTOS, 2009, p. 75).

No estudo da obra de Milton Santos sobre as regiões urbanas, vemos que estas são aparelhadas pela inter-relação das atividades de fabricação ou terciárias e que, de certa forma, as atividades agrícolas presentes mantêm relação. Nas regiões agrícolas sua unidade passa a ser devido à inter-relação entre o que o autor chama de mundo rural e mundo urbano, em que este tem a cidade como representante e a mesma abriga as atividades agrícolas circundantes e que de certa maneira nutre dependência com estas, mesmo que em graus diversos.

As ações dos ocupantes dos espaços, ora sejam regidas por emoções, ora interação entre pessoas, assim como entre pessoas e objetos, faz do espaço a localização física, uma peça de bem imóvel, e ao mesmo tempo uma liberdade existencial e uma expressão mental. O espaço é ao mesmo tempo o local geográfico da ação e a possibilidade social de engajar-se na ação.

Chama-se de concreto o que é feito no e a partir do espaço: relações sociais, relações materiais, relações econômicas e outras que porventura venham à tona, sejam práticas urbanas ou rurais, reconhecendo seus valores substanciais, entre mudanças, diversificação e modernização.

São termos de uma perspectiva que parte de múltiplas ordens, na introdução de inovações tecnológicas, nas formas e relações de produção, nas relações de trabalho, no desenvolvimento das forças produtivas, etc, elementos que possibilitam transformações históricas processuais na produção do espaço (SANTOS, 2009).

Considerar o espaço em suas práticas para assim vislumbrar onde se localiza o urbano e rural, também pode ser contemplado a partir do tipo de consumo feito. O autor também descreve que a divisão do trabalho é uma das principais categorias que permitiriam a definição do espaço:

(...)Outro fator que poderia ser considerado é o tipo de consumo que se faz em determinado espaço, porque seria importante na definição dos valores priorizados pelos habitantes e mesmo forneceria —pistas de uma cultura, como conteúdo rural ou urbano mais marcado. Nesse caso, caberia estabelecer a relação com certo conjunto de representações dos habitantes, ajudando a precisar de se o —modo de pensar|| encontra mais relações com o que se convencionou pensar como —urbano ou se com o —rural (SANTOS, 2009, P. 114).

Do consumo feito, seja no espaço urbano como no rural, ainda é imperativo verificar um atrelamento dos consumos, em que ambos necessariamente sejam realizados de forma setORIZADA, ou seja, o que é consumido pelo urbano não entra no rural, assim como o inverso. Na realidade, o que ocorrem são práticas que incorporam um novo fazer do espaço, outros usos de objetos, outros objetos nos usos do espaço.

Urbano e rural concebidos como espaços que produzem, mas que também consomem, sentem e vivem. Das formas empreendidas no uso do espaço entendemos o lugar, num misto de relações sociais e materiais. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida. Os sujeitos situando-se através de suas ações em espaço. Apontam-se cinco domínios de ação fundamentais das sociedades no espaço: habitar (abrigar, alojar), apropriar (possuir), explorar (produzir), trocar

(comunicar) e organizar (gerir) (MENDES, 2008).

Chega-se à análise da questão do lugar, aqui os sujeitos estabelecem laços de proximidade ou distanciamento, desfrutam-no e transformam-no, sendo tudo encadeado pelos sentidos aplicados ao espaço.

O lugar é um produto das relações humanas e entre o ser humano e a natureza, construído por relações sociais que realizam no plano vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são produzidos pela história e pela cultura de uma dada sociedade, constituindo identidade, uma vez que é nesse espaço que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. (MENDES, 2008, p. 825)

Fazer referência ao contexto nacional é fundamental para que a pesquisa amplie sua lente de análise até chegar às particularidades inerentes ao local.

A compreensão do contexto urbano, olhando para alguns dos seus muitos elementos que conseguem deslocar-se, desde o foco nacional ao local, foi necessária para se ater ao que as relações entre pessoas, espaço e práticas desempenharam. Usar as teorias empregadas para cidade, campo, urbano e rural caem como luva para que por um momento possamos contemplar seus sentidos separadamente e já em seguida fazer a junção. Nada de usá-las isoladamente, pois seus sentidos vêm das ações de pessoas, como num verdadeiro cenário de atuação, em que entram as suas práticas diárias de arranjos políticos, econômicos, naturais e culturais, numa verdadeira confluência por entre ambos.

Visto desse ótica, para que pudesse pensar o lugar das bodegas em meio as transformações do perfil urbano da cidade de Quixadá entre as décadas de 1960 a 1980, ideia central deste capítulo, precisou inicialmente realizar um mapeamento de como a cidade se organizava no período em foco, no que diz respeito aos aspectos gerais da urbanidade local, para somente depois fazer um estudo no intuito de identificar como os sujeitos representam a cidade tendo como fio condutor o cenário das bodegas.

3.4- A BODEGA E O SUPERMERCADO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

A partir da década de 1960, o comércio bodegueiro quixadaense passou por inúmeras mudanças. A relação amistosa e conveniente no espaço das bodegas, onde o diálogo, as trocas de informações, a rede de crédito, a sociabilidade e a comensalidade eram práticas cotidianas, passaram a conviver com outra forma de abastecer a cidade na qual o balcão perdia suas funções e a conversa já não era a principal forma de mediar o jogo das trocas.

A lógica do supermercado, que no período em foco se consolidava nas capitais brasileiras e algumas cidades do interior, chega a Quixadá trazendo consigo um novo formato de sociabilidade. Alguns donos de bodegas assimilaram a seus negócios à lógica do autosserviço e isso significou não somente mudanças na forma de atendimento, como também no contato direto com os clientes.

Nesse sentido, a prática que durante muitos anos as bodegas mantiveram em seu estabelecimento, estruturado nos moldes tradicionais: as prateleiras, a forma de organização dos produtos, o balcão através do qual o bodegueiro atendia seus fregueses, com o advento dos supermercados se renderam a novas tendências para o comércio de alimentos.

Isso impulsionou o desejo e mesmo a necessidade do bodegueiro, num modo geral, de expandir seu negócio, se adequando as novas formas de obtenção de lucro no comércio varejista.

Assim, o comércio da bodega foi se transformando em mercearias, mais tarde em mercantil e por fim em supermercados, muito embora estas não tenham deixado de existir em seu formato original.

Dentro do que se propõe, as bodegas já ofereciam um tipo de serviço ao freguês, embora de forma mais bruta, que agora era ofertado pelos supermercados: serviços de padaria, açougue, laticínio, alimentos, material de higiene e limpeza, dentre outros.

O que se difere é o modo com que acrescentou a prática do autosserviço e o desligamento de algumas dela da sala de casa, se fixando em estabelecimentos individuais e de maior metragem.

No caso de seu Laertes, além de procurar um ponto estratégico para fixar seu negócio, aumentou a variedade de produtos, trocou o velho balcão por um mais novo e dinamizou o atendimento. Porém, continuou sem permitir que os fregueses tivessem acesso aos produtos por si mesmos.

Nesse sentido, pode-se pensar em uma “modernização sem mudança”, isto é, uma maneira de se adequar as novas tendências, sem que para isso tenha que modificar a lógica comercial a qual estava consolidada.

É fato marcante, pois, a influência dessa nova tendência varejista sobre a evolução das bodegas em termos de infraestrutura e ofertas de serviços, que gradativamente se torna parte da paisagem urbana, do cotidiano, práticas e hábitos de consumo no município na segunda metade do século XX, como veremos adiante.

Arriscaria dizer que mercadinhos ou mercantil não representavam de fato uma ameaça significativa, em termos econômicos, para os bodegueiros. Mas, sem dúvida, marcavam

o início de mudanças nas antigas práticas do comércio até então vivenciadas em Quixadá que continuou mesclando funções e mercadorias como ocorria nas bodegas, principalmente nas maiores, entretanto, introduziram novas técnicas para chamar a freguesia, tal como as bodegas: o fiado, o jogo, o birlita, o bilhar, dentre outras.

A unificação de serviços como padaria, açougue, lojas, entre outros serviços, também mantiveram a mesma lógica, isto é, vendendo de tudo um pouco, mercadorias como pão, carne, roupas, ferramentas etc.

A grande novidade está na prática do autosserviço e na inserção de novos produtos, sobretudo industrializados, bem como o lançamento de novas estratégias dos comerciantes com relação aos consumidores e novas táticas dos consumidores no relacionamento com esse novo equipamento urbano e com as pessoas que nele trabalhavam.

Os grandes comércios ofereciam outras conveniências, às vezes mais atrativas do que as oferecidas pelas bodegas, mas sem dúvida, a chegada do primeiro comércio com características de supermercado, causou certa euforia, semelhante ao que foi observado pelos pesquisadores Helder R. Amorim¹⁵⁷ na cidade de Arcoverde, em Pernambuco e Lincoln da S. Diniz¹⁵⁸ em Campina Grande, Paraíba.

Amorim informa que Recife teve seus primeiros supermercados a partir da década de 1960. Aos poucos eles avançaram para o interior do estado, chegando ao município de Arcoverde no Sertão, provocando algumas mudanças. Ocorreu, a partir de então, uma melhoria dos preços e maior variedade de mercadorias, além do surgimento das promoções, nem sempre encontradas nas mercearias. A venda a dinheiro quebrou a rotina do “fiado” e o consumo aumentou favorecido pelo autoatendimento.

Em Arcoverde, a publicidade dos supermercados alardeava promoções e transmitiam uma imagem de que as feiras- livres, mercearias, mercados públicos e quitandas, responsáveis pelo abastecimento na cidade desde longa data, eram estabelecimentos comerciais “retrógrados, desconfortáveis e rudimentares”.

Dessa forma, o supermercado “se pretendia moderno” e começava a se impor como símbolo de maior status social na pequena cidade. As sacolas utilizadas pelos supermercados, nas quais faziam sua propaganda, ao mesmo tempo em que substituíam os velhos balaios, tornavam-se objetos simbólicos que contribuíam para a maior aproximação e aceitação das pessoas ao novo ambiente comercial, agora com gôndolas, prateleiras, carrinhos de compras, sistema “pegue e pague”, contato com produtos novos, etc.

¹⁵⁷AMORIM, Helder Remigio. Entre a mercearia e o supermercado. Op. cit.

¹⁵⁸Idem

Com o supermercado, ocorreram transformações no comércio da cidade, mas isso não significou o “desaparecimento” das mercearias. Ocorreu o que Amorim chamou de “fissuras” no movimento comercial dos bodegueiros. Nas mercearias de Arcoverde ainda imperam os laços de amizade entre fregueses e seus proprietários. As antigas e eficientes cadernetas registram o “gasto” do mês.¹⁵⁹

Diniz aponta alguns fatores que contribuíram para que no bairro de José Pinheiro, em Campina Grande, as bodegas permaneçam em pleno funcionamento, mesmo com a presença dos supermercados:

A bodega vem se adaptando às inovações do mercado, através da diversificação dos produtos comercializados, da implantação de novos equipamentos no trabalho, de escolhas de nomes mais sugestivos para o estabelecimento, entre outras mudanças.

(...)Ao contrário do que acontece com as grandes lojas (supermercados), que se situam geralmente nas ruas mais centrais, nas vias de maior fluxo de pessoas e veículos, distantes da grande maioria das residências dos consumidores, principalmente os de baixa renda, que geralmente não dispõe de automóveis, a localização das bodegas nos meios residenciais, sobretudo da população de baixo status, determina sua existência, bem como sua permanência no circuito comercial atual.¹⁶⁰

Em Quixadá, as bodegas continuam funcionando num esquema muito similar ao que se operava no início da século XX: são pequenos mercados locais, onde a população supre-se ao longo do ano de tudo o que é necessário para sua sobrevivência. Artigos de uso e consumo que vão desde o sal de cozinha, a ferramentas, roupas e higiene pessoal. O bodegueiro “gerencia a vida econômica local, obtendo seu ganho no lucro embutido no preço dos produtos da venda.”

Porém, o que se pode perceber na fala dos entrevistados e nas demais fontes analisadas, é que as bodegas perderam grande parte de suas funções como abastecedoras de artefatos de consumo múltiplo, em função das melhorias na infraestrutura urbana do município que contribuíram para a diversificação do comércio no que consiste a abertura de mais lojas especializadas na venda de produtos.

É bem provável que em Quixadá, por suas características de economia marcada fortemente pelo comércio agrícola, a existência de muitas comunidades existente a seu redor e pertencente ao próprio município, tenha favorecido a boa relação do município com as novas formas de comércio, atraindo consumidores dessas localidades, sendo fundamental para o desenvolvimento urbano da cidade e sua consolidação como centro econômico e comercial da

¹⁵⁹ DINIZ, Lincon da Silva. As bodegas da cidade de Campina Grande. Op. cit. 171-173.

¹⁶⁰Idem

região.

Os bodegueiros das comunidades rurais no entorno da sede do município, vinham fazer suas compras nos comércios maiores da cidade para abastecer seus estabelecimentos e, por conseguinte, a comunidade local.

Voltemos à discussão inicial desse texto. Embora Quixadá tenha sido contemplado com a instalação de um supermercado aos moldes do que se pensa no ano 2000, o mercantil assumiu sua função, visto que a presença do mercantil em Quixadá causou uma certa confusão entre os consumidores, que se viram divididos entre a amistosidade e facilidade de crédito oferecido pelas tradicionais bodegas e as novidades e variedade de produtos oferecidos pelo outro.

Mas o fato é que ambos os estabelecimentos seguiram convivendo. Seu Laertes descreve a reação das pessoas com relação a “invasão” dos mercantis na cidade na época:

(...) uns eram a favor, outros contra. Primeiro os clientes ficaram muito divididos ‘eu não chego mais lá, onde é que se viu, não tem balcão, não tem nada, você vai lá e fica bobo no meio daquela coisarada’ (...). Demorou, provavelmente mais de um ano, para o povo acostumar a entrar naquele estabelecimento. Criticavam barbaridade: ‘onde é que se viu, chega lá pega, chega no caixa nem dizem quanto custa nem nada, chega lá tem que pagar e cobram o que quiserem, tem que andar atrás das coisas. No balcão você chega ali e para e já vem um caixeiro ali para te atender (...)’¹⁶¹

O principal estranhamento com a novidade do mercantil em Quixadá, na fala do entrevistado, ocorria quanto à percepção do espaço físico.

Era necessário aprender a caminhar pelo novo labirinto do consumo. Andar entre as prateleiras, se auto-servir, isto é, escolher e colher os produtos, procurar os preços ou chegar até o caixa sem sabê-los, pagar e levar. O supermercado dava trabalho aos clientes. Antes, na bodega, eram fregueses, eram amigos, sabiam seus nomes. O próprio dono ou um caixeiro buscava os produtos, dizia o preço, fazia o pacote. E tudo podia ser feito sem dinheiro. Era só por na conta. Quando o dinheiro não dava, se pendurava. Lá estava o prego na parede.¹⁶²

Não obstante o balcão da bodega separar o público do privado, não era fronteira para os negócios. “Tudo podia ser arranjado e combinado”, segue dizendo o entrevistado: “Bastava um dedo de prosa”. A liberdade de escolha no mercantil sem a mediação do comerciante, a discussão sobre o preço, o valor do desconto, a quantidade a ser anotada na caderneta, afastava muitos consumidores.

¹⁶¹ Acero da autora: Entrevista concebida em 18 de Março de 2012.

¹⁶² Idem

Mayol explica que “a impressão subjetiva que se tem de ver os objetos expostos ao ar livre, de estarem ordenadamente amontoados nessas catedrais gigantescas que são os balcões dos ‘supermercados’, provoca medo”¹⁶³

Alguns consumidores usavam algumas táticas para enfrentar as compras nesse novo e estranho espaço, como fez o compadre de seu Laertes :

(...) Logo no início as pessoas se perdiam um pouco. Até meu compadre, ele chegava ao mercantil – só que ele comprava só comigo – então ele pegava uma pessoa e daí dava a lista e ela ia colocando as mercadorias no carrinho. Porque ele mesmo não sabia achar o lugar onde os produtos estavam, porque era difícil de achar mesmo (...)¹⁶⁴

A resistência era notória para alguns bodegueiros e usuários das bodegas como freguês. Mas o certo é que, ao longo da segunda metade do século XX, pequenos comerciantes, isto é, bodegueiros, começavam a aderir à nova ideia de transformar a bodega em autoatendimento se configurando como mercearias. Seu Laertes foi um desses comerciantes.¹⁶⁵

Em suma, as pessoas habituavam-se aos poucos a libertarem-se do serviço do comerciante e a concentrarem as compras num menor número de viagens, ou seja, comprando quinzenalmente ou mensalmente, configurando-se numa mudança “radical” no abastecimento das famílias, reorganizando as tarefas na esfera doméstica e familiar e mesmo nas espacialidades urbanas.

As mercearias estavam “um tom acima” das bodegas, como afirma Seu Laertes. A diferença maior era a ausência do balcão que dividia o vendedor do freguês e o autoatendimento. Já o mercantil trazia a mesma variedade de mercadorias do supermercado, mas com o diferencial de ser limitado de provisão de mercadorias.

Todos, porém, representavam mudanças com relação ao comércio feito pelos bodegas, que a partir da década de 1950 passavam a conviver com novas formas de consumo de alimentos e demais mercadorias. A televisão, os jornais e a publicidade se incumbiam de divulgar e fortaleciam essas novas maneiras de consumo e sociabilidade pelos grandes centros urbanos do país, que iam aos poucos adentrando as cidades do interior.

¹⁶³MAYOL, Pierre. A conveniência. CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 2. Morar, cozinhar. Op. cit, p. 49.

¹⁶⁴Acero da autora: Entrevista concebida em 18 de Março de 2012.

¹⁶⁵Em análise sobre o município de Quixadá organizada pela prefeitura municipal com base no ano de 2000, foram contabilizados 21 mercantil e a emergência do primeiro supermercado - o Pinheiro Supermercado- no município. É possível verificar uma presença significativa de pequenos estabelecimentos comerciais, não incluídos no ramo de supermercados, mas que aparecem voltados à venda de mercadorias variadas com predominância de produtos alimentícios. Percorrendo a cidade, inclusive pelos bairros, verifica-se que atrás desses números existem pequenos mercadinhos. Alguns deles funcionando no sistema de auto- atendimento, entretanto apresentam em suas práticas cotidianas de comércio, resíduos da antiga prática do fiado, ocorrendo também maior proximidade e comunicação entre proprietários, funcionários e fregueses.

Fisicamente o mercantil era um ambiente espaçoso, num tamanho que se destacava no cenário urbano, transformando bastante o cenário do consumo e as atitudes dos consumidores diante de tal espaço.

A ida ao estabelecimento adquiriu um aspecto de ritual. Quer dizer, “ir ao mercantil no centro da cidade, significava tomar banho, trocar de roupas, calçar sapatos, enfim, significava se produzir”, lembra dona Jandira. Era muito diferente de sair pelas ruas do bairro para ir à bodega. E como apontou também seu Laertes, “muitas vezes, seus freguesas preferiam ir à sua bodega a ter que se 'arrumar', 'se ajeitar' para ir no mercantil, no centro”.

Fica entendido, portanto, que na bodega as preocupações com a aparência eram secundárias. Seu espaço era informal e democrático. Valiam as pessoas, não suas possíveis representações.

Aos poucos, algumas mudanças foram se incorporando na rotina do pequeno comerciante, como por exemplo o uso de embalagens e sacolas “prontas”, que substituíam o papel simples utilizado nas bodegas para acondicionar cereais, açúcar e farinha, em pacotes feitos à mão, haja vista durante a maior parte do século XX essas mercadorias chegarem à cidade e às bodegas em sacos de algodão e guardadas em caixas de madeira com tampa e divisórias internas, que permitiam a separação dos grãos e farinhas.

Dona Gizeuda explica:

(...) Tinha aqueles caixotes, eu não sei como chamavam aquilo e tinha aquelas tampas onde punham os mantimentos e daí fechavam, não é. O feijão punha, despejava o feijão lá dentro, mas, por exemplo, o açúcar não, o açúcar eles punham com o saco. E até na casa da gente às vezes tinha caixote de mantimentos. Eu mesma tinha um particular em casa (...) ¹⁶⁶

Com instrumentos como pás ou conchas, essas mercadorias eram recolhidas da caixa e, depois de pesadas, eram embrulhadas diante do freguês que guardava as mercadorias em cestas, balaies ou sacos para levar para casa. Dona Jandira conta que sua mãe tinha uma “cesta de vime” para levar mercadorias.

(...) cada família tinha sua cesta de vime para ir fazer suas compras. Era uma cesta muito bonita e de vários tamanhos e a gente levava a cesta e ia colocando os pacotes dentro da cesta. Era de vime, feita de vime. Depois apareceram as sacolas de pape, e só depois, bem mais tarde apareceu a sacola de plástico (...) ¹⁶⁷

Os pacotes eram feitos com o “papel de embrulho” que ficavam em um suporte

¹⁶⁶ Acervo da autora: Entrevista realizada em 29 de Novembro de 2010.

¹⁶⁷ Acervo da autora: Entrevista concebida em 28 de Outubro de 2010.

vertical sobre o balcão, geralmente com três bobinas com larguras diferentes para pacotes de tamanhos diversos. Na economia da ponta do lápis das bodegas, evitar desperdícios era dever de todos. Para os embrulhos, usava-se somente o papel necessário:

Também a carne, o pão, tudo era posto em cima de papel de embrulho ou fuleiro. Envolvia o alimento e o fregues levava embora. Era um papel assim meio cinzento, sabe...assim meio...era um branco sujo, vamos dizer, não era branquinho assim, era meio cinzento, é...lisinho. E daí para embrulhar coisa maior tinha papel, aquele papel fuleiro¹⁶⁸.

E segue completando que:

Na época das bodegas, elas eram agências sociais e comunitárias mais atuantes que as igrejas e capelas, pois as bodegas eram espaços de todos, sem lei e sem padre, as balanças eram aquelas de dois pratos. Num se colocava o peso, no outro a mercadoria. Colocava uma folha de papel aberta e com a concha, o produto. Com a evolução, veio o cartucho, chamado ainda saco de papel. Em Quixadá muitos bodegueiros faziam seu próprio saco de papel. Após a pesagem, quando se tratava de folha de papel, fazia-se o embrulho, com as duas mãos ou com uma só de um dos lados, entregava ao freguês e finalizava perguntando: e o que é mais?¹⁶⁹

Havia diferentes formas de embalar as mercadorias nas bodegas, mas, no geral, seguiam o “estilo” racional, isto é, mais econômico. Muitas das “embalagens” dos produtos comprados nas bodegas acabavam reaproveitadas pelas famílias.

De maneira inventiva, fazendo bricolagens, conforme expõe Michel de Certeau (1996), as pessoas adaptavam o vidro de xarope para guardar resto de óleo, o saco de algodão do açúcar era usado para pano de chão, a lata de querosene para armazenar água em época de falta dela, entre outras possibilidades.

Dona Gizeuda pegava as latas vazias das mercadorias e usava para capturar roedores que atacavam o estoque de sua bodega na calada da noite. Nesse sistema, os ratos gatunos eram capturados vivos.

Tinha arroz, macarrão, azeite, bolacha, tinha de tudo na bodega! Eu me lembro assim, que vinham àquelas bolachas Maria, latas dessa altura assim, umas latonas grandes e daí dessas latas, eram muitas latas, e fazia a ratoeira, para pegar rato. Punha uma tampa (...) e daí punha uma um pouco menor por dentro e punha um arame e daí punha isca aqui nessa menor e aqui punha alguma coisa para o rato subir. Se o rato subia, ia comer lá, ele caía dentro da lata, (...) Era até uma maneira de fazer a limpeza.¹⁷⁰

¹⁶⁸Idem

¹⁶⁹Idem

¹⁷⁰Acervo da autora: Entrevista realizada em 29 de Novembro de 2010.

Mas já na década de 70 para 80, afirma a entrevistada, esses usos e reusos das embalagens e a forma como as mercadorias eram vendidas e levadas para as casas passaram por mudanças com a nova realidade do comércio e do mundo.

A entrevistada conta “que até pensou em expandir o negócio do marido, da família, adquirir o formato de mercadinho, mas nunca levou a ideia adiante. Preferiu manter seu comércio no antigo sistema do velho e bom balcão, conduzindo seu negócio de forma familiar”. Para ela, “abrir um mercadinho ou um mercantil, que era uma coisa bem maior, era expor seu patrimônio ao risco de pequenos furtos e ainda precisaria de muitos funcionários além de maiores investimentos”.

Ao falar sobre como a abertura, tanto do primeiro mercantil na cidade como dos outros que se sucederam, afetou os negócios em sua bodega, Gizeuda explicou que o principal problema foi quanto aos preços praticados pelo mercantil.

Para ela, sempre foi difícil manter os preços semelhantes ao de comércios maiores, que comprem em maior quantidade e conseguem manter os preços mais baixos que as bodegas, que trabalham com menores quantidades e variedades.

Embora dona Gizeuda tenha se mantido com o comércio em bodega, manteve-se atualizada, buscando fazer algumas adequações no espaço físico de seu estabelecimento e oferecer alguns benefícios semelhantes ao dos mercantis, de forma que seus fregueses continuassem comprando com ela.

Entre as adequações promovidas por ela estão um balcão frigorífico para resfriar carnes e laticínios e a venda de alimentos a quilos, já ensacados, frios variados, além de algumas gôndolas do lado de dentro do balcão, semelhante a um mercadinho, local de acesso permitido somente aos seus fregueses mais antigos.

Esses fregueses contam com sua confiança e têm a conveniência de passar para o lado de dentro do balcão e selecionar pessoalmente os produtos, com a vantagem da boa prosa e do fiado na caderneta, caso não utilize dinheiro. Mas continua fazendo fiado somente para aqueles de sua confiança.

Verifica-se que dona Gizeuda conseguiu viver um equilíbrio semelhante ao que Pierre Mayol observou na França, na mercearia de Robert. O pesquisador mostra que,

(...)as grandes reformas ocorridas na maneira de consumir ‘varreram’ dos bairros “todo tipo de pequenos lojistas que não souberam adaptar-se às novas exigências”. Alguns como Robert conseguiram sobreviver “modernizando-se, sem nada perder de uma prática comercial pertencente ao antigo sistema de sociabilidade, fortemente individualizada”. Manteve as instalações antigas, a localização, mas introduziu pequenas mudanças que permitiram a permanência de seu

estabelecimento: instalou na sua mercearia um self-service (auto-serviço) e um caixa por onde as pessoas deviam passar antes de sair da antiga loja, transformada em pequeno mercado¹⁷¹.

Mayol explica que nessas novas formas de comércio sempre há alguma desconfiança “quanto à qualidade dos produtos; a padronização, a mercadoria previamente embalada, todos esses processos modernos na apresentação dos alimentos inquietam”. Mas na mercearia observada por ele o eixo do consumo pôde manter-se apoiado “simultaneamente no ‘antigamente’ e no ‘agora’” e os fregueses vivem um equilíbrio. Os mais jovens e já habituados com o autosserviço sentem-se bem servidos e os mais velhos puderam continuar contando com as antigas práticas de consumo, definidas por Mayol como uma “prática falada”, ou seja, o freguês discute, pede informações e ajuda na hora da escolha do produto, solicita crédito, etc.¹⁷²

A bodega de Dona Gizeuda (assim chamarei por ela ter assumido os negócios da família), nos últimos anos da década de 1970 já não vendia produtos a granel, depositados nos caixotes de madeira para depois pesar e embrulhar diante do freguês com o papel de embrulho. Vendia suas mercadorias da mesma maneira como se apresentam nas prateleiras do mercantil, ou seja, a maioria delas é industrializada, previamente pesada e embalada pelos fabricantes.

Seus fregueses levavam-nas para casa em sacolas plásticas. Com exceção dos legumes e verduras, que ainda compra diretamente dos agricultores, a maior parte das mercadorias de seu estoque chegava através de transportadoras ou eram adquiridas em lojas atacadistas na capital – Fortaleza.

Na bodega de dona Gizeuda, a tradição e a inovação conviviam. Mas ela também explica que poucos fregueses faziam o “fornecimento” de suas casas apenas com ela. Muitos iam ao mercantil para realizar as compras maiores, mas não deixavam de passar na bodega para pegar alguma coisa que tivesse faltado. Passavam também para comprar doces para as crianças, beber uma cerveja, conversar e encontrar os velhos frequentadores.

No balcão frigorífico dela salsichas, refrigerantes, carnes, frios e geladas aguardavam seu feliz destino. Cerveja, pinga, rabo de galo, pastel, mortadela, linguiça e assim continuava a sociabilidade e a comensalidade em sua bodega.

¹⁷¹MAYOL, Pierre. Conveniência e sexualidade. In: CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 2. Morar, cozinhar. Op. cit., p. 57.

¹⁷²Idem

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto no decorrer desse estudo, destaco alguns pontos cruciais da pesquisa. Muitos bodegueiros estavam envolvidos simultaneamente com várias atividades comerciais enquanto contavam com a família na administração dos negócios. Sua freguesia era variada e composta por frequentadores assíduos e eventuais. O bodegueiro colocava à disposição dos seus fregueses benefícios simbólicos ou monetários extras – atender fora do horário ou pela janela, dar crédito, “pendurar as contas”, comprar as safras.

Através das memórias dos depoentes verifica-se também que as bodegas são representadas como espaços de sociabilidade, nos quais havia a prática de jogos e a presença de violeiros e gaiteiros.

Várias delas se transformavam em agências para dar e receber notícias, fazer negócios, deixar recados, cartas ou bilhetes. Eram também espaços de comensalidade. Sobre o balcão eram servidos e degustados vários tipos de comidas e bebidas, alcoólicas ou não alcoólicas.

A partir da década de 1960, entretanto, o comércio bodegueiro sofreu rupturas, marcadas pela instalação dos supermercados nas cidades. Em função disso, o antigo comércio bodegueiro passou por adaptações para continuar atuando. Atualmente, as bodegas e supermercados convivem lado a lado e a população experimenta a tradição e a inovação.

A pesquisa buscou demonstrar que no decorrer da segunda metade do século XX no município de Quixadá – CE, as bodegas supriram grande parte do consumo de mercadorias e alimentos na cidade. Desta forma, foram as principais intermediárias na compra dos gêneros alimentícios e artesanais dos agricultores.

Encontradas na área urbana e nas localidades distritais mais distantes, as bodegas eram responsáveis pelo abastecimento da população não apenas quanto aos alimentos não produzidos localmente, mas de tudo o que era necessário à vida, como roupas, ferramentas, querosene, insumos agrícolas e outros tantos produtos.

Predominavam na distribuição desses artefatos de uso e consumo, quando eclode no país em meados do século passado os supermercados e a lógica varejista que oferece ao consumidor final uma maior variedade de produtos, um novo formato de compra e venda, novas relações cotidianas, como foi colocado ao longo do trabalho.

Quixadá, porém, tecnicamente só terá seu primeiro supermercado em 2000 com a instalação do “Pinheiro Supermercado”. Entretanto, utilizamos como mediador de comparação entre as práticas de consumo da bodega e do supermercado, o mercantil, que embora fossem e

sejam de menor dimensão, adotavam um tipo de varejo que se aproxima em essência da lógica de varejo aplicada pelos supermercados.

Se as bodegas, pois, eram lugares de compra e venda por excelência, por outro lado funcionavam também como importantes espaços de sociabilidade. Ao fornecer os produtos que eram necessários aos agricultores e comprar sua colheita de milho, batatas e erva-mate, ou produtos como leite, manteiga, ovos, verduras, frangos e porcos, importantes relações de fidelidade e conveniência eram construídas entre os fregueses e bodegueiros.

O poder municipal interferia em seu cotidiano através da aferição dos pesos e medidas, da fiscalização da qualidade dos produtos vendidos e da cobrança de impostos e licenças para seu funcionamento legal. Leis e posturas municipais buscavam normatizar e controlar seus espaços vistos muitas vezes como de potencial transgressão em função das bebidas alcoólicas e jogo ou porque a concorrência reclamava contra a venda do pão e carne nos estabelecimentos. Por questões de necessidade pessoal ou para manter sua freguesia, em determinadas situações, os comerciantes driblavam a lei e seus agentes.

As bodegas se configuram como “lugares praticados”, conforme define Michel de Certeau. Isso faz de seus espaços pontos de percepção privilegiados das táticas, estratégias e conveniências urdidas em seu dia a dia.

A necessidade de consumir bens e serviços nas bodegas resultava em frequência regular àqueles espaços comerciais. Nas relações estabelecidas entre bodegueiros e fregueses, dependendo de como se davam, possibilitava a acumulação de uma espécie de capital simbólico, do qual ambos os lados esperavam tirar benefícios.

Foi possível verificar, ainda nas bodegas Quixadaenses, as relações de conveniência que eram tecidas entre comerciantes e fregueses, como a prática do “fiado”, o atendimento fora, além da atenção especial dada pelos bodegueiros aos seus clientes para conseguir e manter sua fidelidade, para que voltassem sempre.

Eram, pois, relações não quantificadas monetariamente, mas contabilizadas simbolicamente, resultantes da assiduidade a determinados estabelecimentos comerciais. Isso favorecia o equilíbrio econômico de todos os envolvidos no jogo das trocas: fregueses, bodegueiros e fornecedores.

A documentação permitiu verificar ainda, que, em Quixadá, determinados tipos de sociabilidade estavam associadas não somente ao consumo de mercadorias nas bodegas, mas ao “consumo do espaço” das bodegas.

Lazeres populares como beber, a comensalidade no ato de petiscar os diferentes tira gostos, jogar o bilhar ou conversa fora, tocar viola, jogar biriba, ou trocar informações sobre os

mais variados assuntos, eram algumas das muitas formas de sociabilidade fruídas nas bodegas.

No passado foram um dos “refúgios” para onde a vida social convergia e onde também se equilibrava a política da vida cotidiana. Para elas convergiam diferentes interesses. Por isso mesmo, não raro, eram palco de tensões sociais. Um microcosmo da sociedade Quixadaense. A pesquisa também evidenciou que estas são “espaços da memória”, fazendo parte da cultura, identidade e nostalgia dos Quixadaenses.

FONTES PRIMÁRIAS E SECUNDÁRIAS

I- OFICIAIS

- Anuário Estatístico do Brasil, encontrado no site IBGE. (www.ibge.gov.br)
- Resumo das atas da câmara municipal de Quixadá: Anos 1960-1980.
- Quixadá. Publicação do Banco do Nordeste. (Livro encontrado na biblioteca da FECLESC)
- HOLANDA, Hill. Resumo Histórico e Geográfico- Centésimo Décimo primeiro ano do município. Prefeitura Municipal de Quixadá. 3ª Edição, 1981.
- IPLANCE – Evolução do Perfil Sócio – Econômico do Município de Quixadá – 1970 a 1992 – Fundação: IPLANCE, 1993.
- Superintendência do Desenvolvimento e Cultura - SUDEC. Tendências da Urbanização e Deficit Habitacional na Cidade e Quixadá. Fortaleza, set. 1968.
- Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano – PDDU – Lei de organização territorial.
- Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano – PDDU – Lei do Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo.
- Secretaria do Planejamento e Coordenação (SEPLAN)
- Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)
- Acervo de Virgílio Távora (Disponível no arquivo público de Fortaleza - CE)

2- ENTREVISTAS : FREGUESES E BODEGUEIROS

Tipo de material: fonte oral

Localização: Acervo pessoal da autora

1. Anísio Lopes de Oliveira, 75 anos. Entrevista concebida em 21 de Novembro de 2011.
2. Cleide da Silva Mota, 79 anos. Acervo da autora: Entrevista realizada em 30 de Novembro de 2012. Dona e esposa de bodegueiro.
3. Francisco das Chagas Parente (ex-bodegueiro) 82 anos. Entrevista concedida em 07 de Novembro de 2012.
4. Francisco Ferreira de Assis, 78 anos. Bodegueiro aposentado. Entrevista concebida em 10

de Agosto de 2010.

5. Francisco Inácio de Sousa Barros, (Ex- bodegueiro, aposentado), 85 anos. Entrevista concebida em 10 de Dezembro de 2012.
6. Francisco José Saraiva Nobre, 45 anos. Filho de bodegueiro. Bodegueiro. Atualmente Comerciante. Entrevista concebida em 20 de Julho de 2010.
7. Francisco Lopes Bersa (bodegueiro aposentado), 80 anos. Entrevista concebida em 21 de março de 2012.
8. Gizeuda da Silva Lima. 82 anos. Dona de casa e esposa de bodegueiro. Entrevista concebida em 29 de Novembro de 2010.
9. Jandira Oliveira Paulino (freguesa) 79 anos. Entrevista concebida em 28 de Outubro de 2010.
10. José Rodrigues Romão, 68 anos. Ex-bodegueiro (aposentado). Entrevista concebida em 10 de Novembro de 2010.
11. João Eudes Costa, 70 anos. Funcionário Público aposentado e memorialista da cidade. Entrevista concebida em 10 de Julho de 2010.
12. Laertes da Silva Sousa (bodegueiro aposentado), 85 anos. Entrevista concebida em 18 de Março de 2012.
13. Maria da Conceição dos Santos Silva (freguesa) 83 anos, Entrevista concebida em 10 de Novembro de 2012.
14. Nestor Nascimento, 37 anos, (fregues). Entrevista realizada em 02 de Dezembro de 2010

MODELO DE QUESTIONÁRIO BASE

1 - Dados pessoais do entrevistado

Nome, idade, profissão, naturalidade...

2 - Como e por que o senhor se tornou dono de bodega?

3 - Quem frequentava o seu estabelecimento?

4- Que tipo de produto era comercializado?

5- Como aconteciam os negócios de compra e vendas?

6- Como era sua relação com os clientes?

7- Como era feito o abastecimento?

8- O senhor fez investimento em seu estabelecimento? Quais?

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFIA

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005
- AMORIM, Helder Remigio. **Entre a mercearia e o supermercado: memórias e práticas comerciais em Portal do Sertão**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2011.
- BAECHLER, Jean. **Grupos e Sociabilidade**. In: BOUDON, R. *Tratado de Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p. 82.
- BANDIN, Neiva Teresinha, **avaliação da produtividade de supermercados e seu benchmarking** - Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.
- BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- _____. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 5.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: EDUSP, 1987
- BOURDIEU, Pierre. 1930. **Pierre Bourdieu: sociologia. Grandes Cientistas sociais**. São Paulo: Ática.
- BLOCH, Marc Leopold. **Apologia da História, ou, O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BLOCH. 1941-1942, p. 63. Apud: LE GFF, Jacques. **História e Memória** – 5º Ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1996, v. 2. O Jogo das Trocas, p. 52.
- BRESCIANI, Maria Stella (org). **Palavras da cidade**. Porto Alegre, Editora Universitária UFRS, 2001.
- _____. **As sete portas da cidade**. Espaço e Debates, n. 34, NERU, 1991.
- BRUM, Argemiro j. **O desenvolvimento Econômico Brasileiro**. -20 ed.-Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo, Studio Nobel, 1997.
- CYRILLO, D. C. **O papel dos Supermercados no varejo de alimentos**. São Paulo: IEP/ USP, 1987.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa, Difel, 1988
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do Cotidiano: 1. Artes do fazer**. 13ª Ed, RJ: vozes, 2009.
- _____, GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. **A invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: vozes 1996.
- CHALHOUB, S. **Trabalho, Lar e Botequim**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- DEL PRIORE, Mary. **História do Cotidiano e Vida Privada**. In: CARDOSO, Ciro Flamariom.
- DE LA TAILLE, Yves. **Moral e ética: Dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DIEHL, Astor Antônio. **Cultura Historiográfica: memória, identidade e representação**. Bauru, SP: Edusc, 2002
- DIAS, Maria Odila Silva. **Cotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**. São Paulo: brasiliense, 1984.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. 1v.
- _____. **Sobre o Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1998.
- FERNANDES, Antonio Teixeira. **Ritualização da comensalidade**. Revista da Faculdade de

- Letras: Sociologia, n. 7, 1997, p. 8.9. Disponível em <<http://HDL.handle.net/10216/9045>>. Acesso em 08/12/2010.
- FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leituras sem palavras**. São Paulo, Ática, 2002, p.16.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs). **Usos e Abusos da História Oral**. 7ª ed. Rio de Janeiro: FGV. 2005.
- FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia brasileira em perspectiva**. (org) 6ª Ed., 1ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2007.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006, p. 18.
- GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: o Breve Século XX (1914-1991)**. 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JUCA, Gisafran Nazareno Mota. **A oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: UFC. 2003.
- LEAL, Vítor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo, no Brasil**. São Paulo: Alfa-Omega, 1975, p. 81-86.
- LINHARES, Maria Yedda Leite. **História Política do Abastecimento: 1918-1974**. Brasília: BINAGRI, 1979.
- LE GOFF, Jacques: **História: Novas abordagens**. direção de Jacques Le Goff e Pierre Nora: Rio de Janeiro. F. Alves. 1976.
- MARTINS, José de Sousa. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e a história na modernidade anômala**. 2. Ed. São Paulo: contexto.
- MATOS, Maria Izilda Santos de, **Cotidiano e Cultura: história, cidade e trabalho**. Bauru, SP.EDUSC, 2002.
- MATTOSO, Katia M. Q. **Bahia: a cidade de Salvador e seu mercado no século XIX**. São Paulo: Hucitec, 1978;
- MAYOL, Pierre. **A conveniência**. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 2. Morar, cozinhar. Op. cit, p. 49.
- MEIHY, José Carlos Sebe B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MUMFORD, Lewis. **A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- OLIVEIRA, Maria Luiza Ferreira de. **Entre a casa e o armazém: relações sociais e experiência da urbanização: São Paulo, 1850-1900**. São Paulo: Alameda, 2005, p. 233.
- ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade: A França no Século XIX**. São Paulo Brasiliense, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. Revista Brasileira de História. São Paulo, vol. 27, nº 53, 2007:13.
- _____. **História & História cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: atentica, 2005.
- _____. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- ROLNIK, Raquel. **Que é cidade**. São Paulo, Brasiliense, 1995.
- SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. **A alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória gustativa**. **História: Questões & Debates**. n. 42, Curitiba, jan./jun. 2005, p. 11-31.
- SANTOS, Milton, **A Urbanização Brasileira**. - 5 ed., 2 reimpr.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- SAHLINS, Marshall. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. **O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um objeto em vias de extinção**. In: Mana-Estudos de antropologia Social do Museu Nacional. Rio de Janeiro, v. 3 n. 1 e 2, UFRJ, 1997.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WEBER, Marx. **A ética protestante e o espírito capitalista**. Trad. de M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tomás J.M.K. Szmrecsányi. 13ª ed. São Paulo: pioneira, 1999.

_____. **História Geral da Economia**. Trad. de Calógera A. Pajuaba. São Paulo: de Mestre Jou.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO

AMORIM, Helder Remígio de. **de. Farinha, mata-fome, açúcar e querosene: a tradição representada pelas bodegas no portal do sertão pernambucano (Arcoverde 1970-1980)**. In: I COLÓQUIO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2007, Recife. Anais eletrônicos Brasil e Portugal: nossa história ontem e hoje. Recife. Disponível em: <<http://www.pgh.ufrpe.br/brasilportugal/anais>> Acesso em 01/06/2009.

AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza descalça**. 2. ed. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 1992.

BARROSO, Gustavo. **Coração de menino**. 1. vol. 3. ed. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Entrevistado por Maria Andréa de Loyola**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

CÂMARA, Alana Maria Ferreira. **História política de Quixadá na década de 60 à 70**. Monografia de História - Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), Quixadá, 2010.

COSTA, João Eudes. **Retalho da história de Quixadá**. Rio – São Paulo- Fortaleza: ABC Editora. 2002.

_____. **Ruas que contam a história de Quixadá**. Rio – São Paulo- Fortaleza: ABC Editora, 2009.

LIMA, Francisco Erinaldo Roberto de. **A crise na atividade algodoeira e o impacto na economia quixadaense (1985 – 2003)**. Monografia de História – Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), Quixadá, 2004.

LEITE, Julieta M. de Vasconcelos. **A metrópole como espaço-tipo de uma experiência sensível**. Cad. Metrop., São Paulo, v. 13, n. 26, pp. 451-459, jul/dez 2011

OLIEIRA, Gládia Maria Moreira de. **Memória de velhos sobre a cidade de Quixadá**. Monografia de História – Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), Quixadá, 1998.

QUEIROZ, Francisco Cleone. **O comércio do couro em Quixadá – estudo do caso do curtume Belém (1950 – 1960)**. Monografia defendida no curso de graduação em História da FECLESC-UECE, Quixadá, 2000

PERES, Fábio de Faria. et all. **A ‘sensibilidade’ de Simmel: notas e contribuições ao estudo das emoções**. RBSE 10 (28): 93-120, ISSN 1676-8965, abril de 2011. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

ROJO, F. **Tendências em supermercados**; Revista SuperHiper; Ano 22, n.253, 1996.

SETTON, Maria da Graça Jacintho Setton. **A Teoria do Habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea**. Revista Brasileira de Educação, no 20, maio/jun/Jul/ago, 2002.

SILVA, José Falconieres de Araújo. **O contexto da festa da rainha do algodão em Quixadá (1959-1969)**. Monografia de História - Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), Quixadá, 2010.

SILVA, Marcos José Diniz. **Lapidando a pedra bruta: a maçonaria na organização de artistas e proletários cearenses**. Dissertação de Mestrado em Sociologia – UFC. Fortaleza:

2000.

SIMMEL, Georg. **As grandes cidades e a vida do espírito**, 1903. (MANA 11(2):577-591, 2005). Texto original: “Die Großstädte und das Geistesleben”. In: SIMMEL, Georg. Gesamtausgabe. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995. vol. 7. pp. 116-131. Tradução de Leopoldo Waizbort.

SOUSA, Eusébio de. **Memórias sobre o Município de Quixadá**. 2ª ed., Fortaleza: Tipografia Moderna F. Carneiro, 1927.

SOUSA, José B. **Quixadá, de Fazenda à Cidade**. Rio de Janeiro: IBGE, 1960.

_____. **Quixadá e Serra do Estevão**. 2ª ed., Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1997.

SOUSA, S. (dir.). **Historia do Ceará**. Fortaleza: UDC/FDR, 1989.

_____. **Uma nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha. 2000.

SOUSA, Manoel Alves. **Entre as alvas plumas e o canto da coruja – A relação da cotinocultura e com a questão da educação em Quixadá**. Dissertação de Mestrado em Educação Brasileira – UFC. Fortaleza: 1997.